

Um Advogado Defende a Causa do Pós-vida

Provas Objectivas Irrefutáveis

Artigo Especial:

[O Que Acontece quando Morremos](#)

Victor Zammit

Dedicada à Alta Inteligência
cuja inspiração tornou possível esta obra

Traduzido do Inglês por José Augusto M. Pereira
Com a dedicada colaboração de sua esposa Maria
Laura
Perth, Abril de 2000

© 1998 Association for the Scientific Investigation of
the Afterlife
PO Box 168 Double Bay NSW Australia 2028

E-mail: victor@victorzammit.com

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, armazenada num sistema de recuperação ou transmitida, por quaisquer formas ou por quaisquer meios, electrónicos, mecanicos, fotográficos, gravação sonora ou outro qualquer sem a prévia autorização dos editores.

“Nos últimos vinte e cinco anos, a humanidade aprendeu mais acerca do que acontece quando morremos, do que aprendeu em todos os anteriores periodos de história registada”

George Meek

(Cientista Americano pioneiro da comunicação electrónica com o Além)

Conteúdo

[Chapters 1-10](#)

- 1 Introdução
- 2 Os cépticos de espírito fechado
- 3 Respeitados Cientistas que investigaram
- 4 Fenómeno da Voz Electrónica (FVE)
- 5 Transcomunicação Instrumental (TCI)
- 6 Análise por Computador de impressões de vozes
- 7 Rebatendo os cépticos do FVE e do TCI
- 8 A teoria de Einstein, $E=mc^2$ aplicada ao pós-vida
- 9 Outras experiências em laboratórios psíquicos
- 10 Observação científica dos médiums

[Chapters 11-20](#)

- 11 Leonore Piper - uma poderosa médium americana
- 12 Hodgson e Houdini – Cépticos falhados?
- 13 Materialização Mediúnica
- 14 A magnífica Helen Duncan
- 15 A mediunidade de voz directa
- 16 O médium moderno que confunde os cépticos
- 17 Prova irrefutável – Correspondência cruzada
- 18 Os atendimentos por conta de outrem rebatem a alegação de leitura da mente
- 19 A ciência e as experiências fora do corpo
- 20 A ciência e as experiências no limiar da morte

[Chapters 21-27](#)

- 21 Aparições
- 22 As visões no leito da morte
- 23 O quadro Ouija
- 24 Automatismo poliglota
- 25 Poltergeists
- 26 Reencarnação
- 27 Somando as provas objectivas

[Chapter 28](#)

- 28 O que acontece quando morremos?

[Bibliografia para a condução de pesquisas psíquicas](#)

[Dados biográficos de Victor Zammit](#)

Chapters 1-10

1. Introdução: informação essencial

“Leia, não para contradizer e refutar, nem para acreditar e tomar como certo, mas para sopesar e considerar”

Sir Francis Bacon

Existem hoje irrecusáveis provas científicas de que existe o pós-vida. Eu considero-me um céptico de espírito aberto, advogado, ex-procurador geral do Estado, formalmente qualificado em numerosas disciplinas universitárias.

O argumento que se segue, não é apenas um argumento abstracto, teórico, académico e legal. Como céptico de espírito aberto, propuz-me investigar as provas existentes da sobrevivência e, com outros, criar condições para testarmos, por nós próprios, as afirmações de que a comunicação com inteligências do além é possível.

Depois de muitos anos de sérias investigações, cheguei à irrefutável conclusão de que existe um enorme corpo de evidência que, tomado como um todo, prova a existência do pós-vida de forma absoluta e completa. Não argumentarei que esta evidência objectiva tenha um valor elevado. Nem estarei sugerindo que esta evidência deva ser aceite para além da dúvida razoável. O que estou a argumentar é que estas evidências, tomadas como um todo, constituem uma tremenda e incontestável prova da existência do pós-vida.

Há milhões de páginas escritas sobre o fenómeno psíquico e sobre a pesquisa científica respeitantes ao pós-vida. Utilizando a minha experiência como advogado, bem assim como o meu treino universitário em psiquiatria, história e metodologia científica, seleccionei, muito cuidadosamente, aspectos da pesquisa psíquica e do conhecimento do pós-vida e argumentei a causa de modo a que, tecnicamente, pudesse constituir prova objectiva, fosse no Supremo Tribunal dos Estados Unidos da América, quer na Câmara dos Lordes da Inglaterra, ou no Supremo Tribunal da Austrália ou em qualquer jurisdição legal civilizada, em qualquer parte do Mundo.

Quando as provas objectivas – o Fenómeno da Voz Electrónica, a Transcomunicação Instrumental, as

experiências psíquicas laboratoriais, as Experiências Fora do Corpo, as Experiências no Limiar da Morte, o automatismo poliglota, os melhores médiums, a mediunidade de voz directa, a correspondência cruzada, os atendimentos por conta de outrem, o poltergeist, as aparições, e todas as outras provas contidas neste trabalho, forem contempladas, colectivamente, a causa a favôr da sobrevivência é absolutamente deslumbrante e irrefutável.

As provas apresentadas neste trabalho, também provam a existência do chamado “fenómeno psíquico”, que está interligado com o pós-vida e apenas pode ser explicado, satisfatoriamente, pela sobrevivência.

Em termos absolutos, as provas apresentadas nesta obra convencerão os cépticos racionais e inteligentes de espírito aberto e não preconceituosos ou o genuíno pesquisador da existência do pós-vida.

Porque é que mais pessoas não sabem das provas científicas?

Há muitos anos que tem havido hostilidade contra a ciência psíquica nos principais meios de comunicação social, nas universidades e nalgumas igrejas. As descobertas feitas por cientistas sérios que se têm empenhado para provar o pós-vida, têm sido mal noticiadas, distorcidas e ignoradas. Cépticos de espírito fechado, altamente influentes, têm tido acesso privilegiado a órgãos de comunicação social com o fim de ridicularizar, iludir e mentir de modo a fazer com que o público em geral conheça muito pouco do enorme corpo de pesquisa científica que tem sido acumulado.

Muitas pessoas que estão, genuinamente, à procura e estão ansiosos por explorar esta área fascinante, não têm conseguido ter acesso a informação factual independente porque, provavelmente, não têm a experiência ou o tempo necessário para ler e analisar a enorme quantidade de livros e artigos esotéricos disponíveis sobre este assunto (ver Bibliografia). Nalgumas sociedades, estes livros simplesmente não estão disponíveis, devido à censura formal ou informal.

O que é prova científica?

Para começar, conhecimento “subjectivo” inclui todas as informações que não podem ser independentemente

substanciadas. Isto inclui crenças religiosas individuais – Cristianismo, Islão, Hinduismo, Budismo, Judaísmo. O conhecimento subjectivo também inclui o cepticismo de espírito fechado (uso moderno: uma forte crença em que o pós-vida não existe, etc, veja próximo capítulo) porque, no contexto do pós-vida, nenhum céptico (ateu ou agnóstico) foi capaz de, através da ciência, objectivamente provar que o cepticismo de espírito fechado é uma realidade científica ou que nada existe depois da vida

Como a religião, o cepticismo de espírito fechado é uma crença subjectiva e pessoal que é sujeita ao erro fundamental e a completa invalidação. Porque crenças pessoais, religiosas, ou cépticas não têm a substância da ciência, quaisquer crenças subjectivas, religiosas ou cépticas podem ser absolutamente inválidas.

O conhecimento objectivo – ciência – existe quando os mesmos resultados e as mesmas relações de causa-efeito podem ser demonstradas através do tempo e do espaço. A ciência é tida como “objectiva” pelo facto de que, qualquer pessoa que siga as fórmulas científicas, mantendo as variáveis constantes, obterá os mesmos resultados. Assim, um cientista que mistura ácidos e alcalinos em Sydney, Austrália, obterá os mesmos resultados que um outro cientista trabalhando em Moscovo no ano 2000, ou em qualquer outro ano.

Os estudos do Fenómeno de Voz Electrónica (FVE) e da Transcomunicação Instrumental (TCI) mostraram claramente este elemento de repetitividade. Investigadores trabalhando, independentemente, em muitos e diferentes países têm sido capazes de duplicar o trabalho uns dos outros. Inevitavelmente, o objectivo prevalece sobre o subjectivo.

Mas, nem toda a ciência é conduzida em laboratórios científicos.

Dentro da definição de ciência, há também a “científica e sistemática observação de um fenómeno”. Por exemplo, apesar de acreditarmos que a trovoada, o relâmpago e as tempestades ocorrem, não conseguimos duplicá-los sob condições laboratoriais.

O estudo de casos também é importante no método científico. Desde que exista aderência estrita ao método científico, ao medir seja o que fôr, os resultados da experiência tornam-se, necessariamente, cientificamente baseados.

Uma palavra de aviso

O que eu descobri, em várias reuniões que conduzo, na Austrália, sobre o pós-vida, é que algumas pessoas aceitam a maioria das informações apresentadas mas, algumas põem a ênfase neste ou noutro aspecto, ou então não concordam com a reencarnação ou a astrologia, ou com a meditação ou as orações ou os cristais ou mesmo com o ateísmo ou agnosticismo.

Apenas como nota, não é minha intenção tentar mudar o ateísmo, a religião ou as crenças de seja quem fôr. Não pretendo fazer uma cruzada religiosa. Igualmente não é uma questão de fé ou de crença. É, sim, uma questão de aceitação ou não aceitação das provas objectivas.

Ao leitor vai ser dado acesso a informações objectivas, de muita importância, sobre o pós-vida, sem dúvida das mais importantes informações de que jamais terá tido a oportunidade de obter, durante toda a sua vida. Mas, em última análise, depois de lhe ser dada toda a informação, será você, caro leitor, quem vai decidir o que vai aceitar ou o que vai rejeitar. Mas, se rejeitar a evidência apresentada neste trabalho, passará a competir-lhe a si a responsabilidade de provar o motivo porque rejeitou a prova fornecida.

No passado, o clero recusou-se a aceitar a ciência porque esta entrava, muitas vezes, em conflito com as crenças particulares do clero. Quando Galileu mostrou ao Papa o telescópio e lhe disse que havia de provar a sua teoria sobre o universo, o Papa chamou ao telescópio “trabalho de Satanás” e recusou-se a experimentá-lo. Mas o clero tinha que, eventualmente, aceitar que a ciência prevalece sobre as crenças religiosas, subjectivas e pessoais. Nunca poderá ser de outra forma.

A cilada da zona de conforto

Você, caro leitor, deverá tomar extrema cautela para não cair na cilada da zona de conforto, rejeitando informações objectivas, apenas porque a informação científica e objectiva, entra em conflito com as suas crenças subjectivas e pessoais – sejam elas de carácter religioso ou de cepticismo. Como mencionado acima, sempre que exista inconsistência entre a informação objectiva e as crenças subjectivas, há necessidade de,

ou proceder a mais investigação ou mudar as crenças subjectivas.

É ponto aceite que, quando as pessoas se sentem confortáveis com um conjunto de crenças, resistem em mudar essas crenças, mesmo que informações novas, objectivas e científicas lhes demonstrem que, parte ou o todo das suas crenças, são completamente inválidas. Muitas crenças tornam-se parte da estrutura psicológica e emocional da personalidade do crente. Estas crenças são extremamente difíceis de serem alteradas.

Concerteza que a história e a experiência demonstram que há pessoas mais refinadas e iluminadas que podem assimilar, imediatamente, informações objectivas.

2. Os cépticos de espírito fechado

“Não deveríamos enveredar por completo cepticismo, mas por graus de probabilidade”

Professor Bertrand Russel

Nos meus encontros com pessoas conheci grupos diversos – desde aqueles que aceitam, de pronto, o pós-vida como uma crença, até aqueles que constituem o grupo dos cépticos. Lido com descrentes há mais de vinte e cinco anos. Na maior parte desse período, eu próprio fui um céptico de espírito aberto.

Um céptico de espírito aberto é aquele que, por norma, não aceita a superstição ou as crenças para explicar os fenómenos físicos ou psíquicos. Aceitará, todavia, resultados cientificamente baseados ou de outro modo objectivos. Como se explica no próximo capítulo, a maior parte dos investigadores do foro psíquico, começaram as suas investigações como cépticos de espírito aberto.

Fiquei publicamente conhecido como tendo articulado o meu ponto de vista de céptico da vida, no sentido de que eu não estava preparado para aceitar as coisas na base da “fé”. Duvidei, questionei, li, pesquisei e investiguei.

Até certo ponto, ainda me considero um céptico de espírito aberto – mas não na questão específica e particular do pós-vida porque investiguei isso extensivamente.

Como muitos cientistas, alguns dos quais são tidos como ‘gigantes da ciência’, que se preocuparam em sistematicamente investigar o pós-vida, eu também cheguei à inegável conclusão de que nós sobrevivemos à morte física.

Contudo, historicamente existem também os que são denominados cépticos de espírito fechado. Utiliza-se o termo moderno ‘cépticos de espírito fechado’ para designar alguém que não acredita e nunca acreditará no pós-vida ou na existência do fenómeno psíquico, mesmo que lhe sejam apresentadas provas científicas.

Estas pessoas já formaram a sua opinião sobre tudo. E sejam eles investigadores ou professores, ou o clero, como no tempo de Galileo, eles recusam-se a aceitar mesmo as informações científicas desde que contradigam as suas crenças pessoais. Eles alargaram a definição de “cépticos”, da noção de “quem duvida”, para a noção de “quem nunca aceitará seja o que fôr”.

O termo “cépticos de espírito fechado” como usado nos capítulos seguintes, refere-se a este grupo de cépticos.

Os cépticos de espírito fechado que declamaram ter investigado o fenómeno psíquico, recusaram a maioria das experimentações e observações, mesmo quando os resultados foram objectivamente obtidos. A sua lógica era que, se os resultados eram positivos, então o experimentador não devia ter qualificação adequada ou estaria agindo fraudulentamente, porque o pós-vida e o fenómeno psíquico não existem e não podem existir. Eles assumem o papel do acusador e não do investigador. Alguns destes insensatos cépticos de espírito fechado, fizeram ataques cobardes às actividades e reputação de grandes homens e mulheres envolvidos nas ciências psíquicas, e foram responsáveis por impedir o conhecimento do pós-vida por várias décadas. Muitos estão ainda hoje em funções, aceitando chorudos salários e subsídios de materialistas com o fim de ‘apresentarem a desmontagem das falsidades’ de tudo o que se relacione com o pós-vida e o fenómeno psíquico.

Um clássico comentário que demonstra a inflexibilidade e a determinação dos cépticos de espírito fechado para bloquear quaisquer novas informações incompatíveis com as suas crenças, foi feito num dos meus encontros com os Humanistas de Sydney, na Austrália. Um dos obstinados cépticos de

espírito fechado, explodiu em alarido quando eu apresentava a prova evidente da existência do pós-vida:

Eu nunca acreditaria no pós-vida, mesmo que mo provasses, Victor!

Por causa de falhas a nível do consciente ou do inconsciente, os cépticos de espírito fechado só conseguem dominar algumas peças do puzzle. Eles NÃO conseguem ver o quadro geral. Mesmo assim, algum deles têm sido bastante clamorosos acerca da insustentabilidade da sua alegação do pós-vida não existir.

Históricamente, os cépticos de espírito fechado opuseram-se a todas as invenções e descobertas, e acabaram por cair no ridículo:

- Sir William Preece, antigo chefe-engenheiro dos Correios da Inglaterra, será lembrado por ter feito um dos mais idióticos comentários da história, acerca das invenções de Edison. Sir William disse que a lâmpada de Edison (circuitos paralelos) era uma ideia completamente idiota!

- Professores, incluindo o Professor Henry Morton, que conhecia Edison, afirmou, imediatamente antes de Edison ter demonstrado a lâmpada de luz eléctrica: “Em nome da ciência... a experiência de Edison é... uma fraude cometida contra o público”.

- O Scientific America, o New York Times, o New York Herald, o Exercito Americano, os académicos – incluindo o Professor de Matemáticas e Astronomia Simon Newcomb da Universidade John Hopkins – e muitos outros cientistas Americanos, todos colheram comiseração, ridículo e mácula em relação ao trabalho dos irmãos Wright reclamando que: ‘cientificamente, era impossível fazer com que máquinas voassem’

- Um dos cientistas líderes da Academia Francesa das Ciências declarou que a

hipnose era uma fraude e afirmou, depois de ver um hipnotizado com uma agulha de 10 centímetros espetada na parte superior do seu braço: “Este sujeito foi pago para não mostrar que sente dores.”

- Um outro cientista da Academia Francesa das Ciências, depois de escutar uma gravação feita por Edison, afirmou: “claramente que se trata de um caso de ventroloquismo”

- John Logie Baird, o inventor da televisão foi atacado por cépticos de espírito fechado que afirmavam que era “uma absoluta utopia que as ondas de televisão pudessem produzir imagem”

Existem centenas de outros exemplos que comprovam como os cépticos de espírito fechado se recusaram a acreditar, seja o que fosse, que não fosse compatível com os suas benquistas crenças e os seus cinco sentidos.

Mas, convirá ter em mente que o cepticismo de espírito fechado NÃO é científico. O cepticismo de espírito fechado NÃO utiliza a ciência para demonstrar que está correcto. Pelo contrário, o cepticismo de espírito fechado, tal como a religião, como atrás referido, é uma crença subjectiva e, como uma crença, está sujeita ao erro fundamental e a completa falta de validação.

Conquanto tenham havido muitos eminentes cientistas que, depois de investigarem o fenómeno psíquico, aceitaram a existência da vida após a vida, NUNCA houve e nunca haverá nenhum cientista na História - físicos, biólogos, geólogos, astrónomos ou seja quem for - que tenha podido provar que a vida após a vida não exista.

O investigador racional e informado rejeitará a teoria da conspiração mundial – segundo a qual todos esses altamente acreditados cientistas que, em diferentes países, trabalharam com o fim de demonstrar que o pós-vida existe, se puseram de conluio, ao longo dos últimos cerca de cem anos, para defraudar o resto do mundo.

O pós-vida é inevitável e as consequências dessa realidade são enormes.

3. Respeitáveis Cientistas que Investigaram

“Estou completamente convencido de que aqueles que uma vez viveram na Terra podem e se comunicam efectivamente conosco. É bastante difícil dar a inexperientes uma ideia adequada do poder e da força da experiência acumulada.”

Sir William Barrett, F.R.S.

“Eu vos afirmo que nós persistimos. A comunicação é possível. Já provei que as pessoas com que nos comunicamos são quem e o que eles dizem que são. A conclusão é que a sobrevivência está cientificamente provada pela investigação científica”

Sir Oliver Lodge, F.R.S.

“É bem verdade que foi estabelecida uma conexão entre este mundo e o próximo”

Sir William Crookes, F.R.S.

“Tenho estado a conversar com os meus (falecidos) pai, irmão, tios... Seja qual fôr o poder sobrenatural que nos possamos comprazer em atribuir às segundas personalidades da Sra. Piper (médium), seria difícil fazer-me crer que essas segundas personalidades poderiam ter reconstituído, de forma tão completa, a personalidade mental dos meus parentes falecidos...”

Prof. Hyslop, Professor de Logica na Universidade de Colombia

Os brilhantes cientistas mencionados acima figuram entre os primeiros a investigar, cientificamente, o pós-vida. Inicialmente eram todos cépticos de espírito aberto e foi, sómente depois de aturada investigação, que aceitaram a existência do pós-vida. Existem outros cientistas e pensadores clássicos conhecidos mundialmente, tais como Alfred Wallace, Sir Arthur Conan Doyle, Camille Flammarion, Dr Baraduc, Professor Richet, Professor Albert Einstein, Marconi, Professor F.W. Myers, Professor William James, Dr Carrington que, depois de investigações, aceitaram o pós-vida.

A partir dos finais do século dezanove até aos dias de hoje, tem havido grupos de proeminentes e respeitados cientistas – muitos dos quais, entre os mais bem

conhecidos nomes da ciência – que se têm empenhado em provar que a imortalidade é um fenómeno físico natural e que o seu estudo é um ramo da física.

Muitos destes cientistas eram pessoas altamente práticas, cujas descobertas principais noutras áreas mudaram, profundamente, o modo como as pessoas vivem e trabalham. Muitos deles se consideravam Racionalistas e Humanistas e tiveram de enfrentar intensa oposição, quer do clérigo e cientistas Cristãos, quer dos materialistas que se uniram com a finalidade de tentar abafar as suas descobertas.

Um dos pioneiros desta tradição foi Emmanuel Swedenborg, nascido na Suécia, em 1688. Um dos principais cientistas dos seus dias, escreveu 150 trabalhos em dezassete disciplinas científicas. Na universidade de Uppsala ele estudou Grego, Latim, várias outras línguas Europeias e Orientais, geologia, metalurgia, astronomia, matemática, economia. Era um homem imensamente prático e inventou o glider, o submarino e a trompa de ouvido destinado a surdos. Era tido em grande estima por todos, era membro do Parlamento e exerceu cargos governamentais importantes na área das minas. Sempre demonstrou um alto nível de inteligência e espírito prático até à sua morte.

Swedenborg era também um vidente finamente prendado que passou mais de vinte anos investigando outras dimensões. Ele garantia que falava, regularmente, com pessoas depois delas terem falecido. Numa ocasião bem documentada, a rainha da Suécia, sarcásticamente, sugeriu-lhe que, quando ele tivesse a oportunidade de falar com o irmão dela, lhe desse os seus cumprimentos. Uma semana mais tarde Swedenborg segredou uma mensagem aos ouvidos da rainha. Trémula, a rainha disse para os que a rodeavam: “Somente Deus e o meu irmão poderiam saber o que ele me acaba de dizer” (Inglis 1977:131).

Swedenborg escreveu:

“Após o espírito se ter separado do corpo (o que acontece quando se morre), ele ainda está vivo, é ainda uma pessoa, da mesma maneira que era dantes.

Para me assegurar disto, foi-me permitido falar com, praticamente, todas as pessoas que conheci durante as suas vidas físicas – com algumas por horas, com outras por semanas ou meses e com outras ainda, por anos –

tudo, com o intento primordial de me ser assegurada a veracidade deste facto (de que a vida continua depois da morte) e para que eu disso pudesse dar testemunho” (Swedenborg Heaven and Hell : 437).

Swedenborg escreveu vários trabalhos acerca daquilo a que, hoje, seria chamada de Experiências Fora do Corpo, incluindo descrições bem detalhadas do pós-vida. Curiosamente, ele avançou uma visão do universo que é, notavelmente, semelhante ao da Física Quântica do século vinte. Numa altura em que Newton argumentava que a matéria era composta por átomos impenetráveis que eram movidos por forças externas, Swedenborg ensinou que a matéria era constituída por uma série de partículas dispostas em ordem ascendente de tamanho, cada uma das quais era composta por um apertado córvex de energia que girava a velocidades infinitas, transmitindo, assim, a aparência de solidez.

Na seu livro de 490 páginas sobre o paranormal, Brian Inglis (1977) fez uma referência a Emmanuel Kant, o grande racionalista e filósofo que investigou Swedenborg. Embora Kant tenha sido um céptico de espírito aberto ele sentiu que a prova do pós-vida oferecida por Swedenborg era, em termos globais, impressionante. Ele refere-se a Kant como tendo dito:

embora individualmente duvide deles,
tenho, não obstante, certa fé ao
considerar o todo (Inglis 1977:132)

Sir William Crookes foi um dos fundadores da Society for Psychical Research (SPR), na Inglaterra, e foi também Membro da Sociedade Real – uma muito prestigiada associação de que faziam parte os mais conhecidos cientistas, eleitos pelos seus pares – de que, depois, foi presidente. Ele descobriu seis elementos físicos incluindo o Thallium; muitos o consideravam com o maior cientista do seu tempo.

Crookes trabalhou, extensivamente, na investigação do fenómeno da levitação em associação com o médium D. D. Home. Fotografias concludentes fazem parte deste registo e a autenticidade das aparições, bem como a total ausência de fraude e truques, foram testemunhadas por um número de outros proeminentes cientistas da altura. Um destes cientistas era Cromwell F. Varley, um investigador precursor da ionização e supervisor do lançamento inicial do Cabo Atlântico. Crookes ficou, finalmente, convencido da realidade do

pós-vida, após uma série de notáveis materializações completas da sua esposa.

Também no seu grupo estavam os cientistas Lord Balfour, Sir William Barret, Sir Oliver Lodge e Lord Raleigh, J.J. Thompson (que descobriu o electron) e Alfred Russel Wallace (que propôs a teoria da evolução ao mesmo tempo mas, independentemente, que Charles Darwin).

Thomas Alva Edison, o inventor Americano do fonógrafo e da primeira lâmpada eléctrica foi um espiritualista e tentou contactar com os ‘mortos’ utilizando meios mecânicos (Scientific American, 30/10/1920).

John Logie Baird, o pioneiro da televisão e inventor da câmara de infra vermelhos, declarou ter contactado com o ‘falecido’ Thomas A. Edison através de um médium. Ele disse:

Testemunhei alguns fenómenos
surpreendentes, sob circunstâncias que
põem truques fora de questão.

Um outro investigador do século vinte foi o Dr Glen Hamilton, médico e membro do Parlamento do Canadá. No seu laboratório, sob condições estritamente controladas, ele tinha uma bateria de quatorze máquinas fotográficas munidas de flash e controladas electrónicamente, que fotografavam aparições, simultâneamente, de todos os ângulos. Observadores presentes nestas experimentações incluíam quatro outros médicos, dois advogados, um engenheiro electrotécnico e um engenheiro civil. Cada uma das testemunhas declarou categórica e inequivocamente que ‘observei, repetidas vezes, a materialização de pessoas que tinham falecido’ (Hamilton 1942).

Na Europa, desde os inícios dos anos 1900 e até aos anos 1920, outros cientistas, incluindo o barão von Schrenck-Notzing, o Professor Charles Richet, o Professor Eugene Osty e o Professor Gustav Geley estavam, igualmente, fotografando aparições sob condições controladas, em laboratórios. Os seus relatórios escritos provam que investigaram, tendo excluído todas as possibilidades de truques e fraude.

O maior psiquiatra de todos, Sigmund Freud, nos seus derradeiros momentos antes de morrer, disse que se ele

tivesse de viver de novo, estudaria para-psicologia. O internacionalmente conhecido e influente psiquiatra, Dr. Carl Jung, admitiu que o fenómeno da metafísica seria melhor explicada pela hipótese do espírito do que por qualquer outra (Jung, Collected Letters 1:431).

Outro brilhante cientista e inventor que, depois de investigar, se convenceu, completamente, da existência do pós-vida, foi George Meek. Aos 60 anos de idade George Meek aposentou-se como inventor, designer e fabricante de acessórios para ar condicionado e tratamento de águas de esgotos. Tinha, então, registado suficientes patentes que lhe permitiriam viver, confortavelmente, e dedicar os vinte anos seguintes da sua vida a investigar a vida depois da morte a tempo inteiro e com fundos próprios.

Meek empreendeu um extensivo programa de pesquisa de bibliotecas e literatura e viajou pelo mundo para localizar e estabelecer projectos de pesquisa com os melhores médicos, psiquiatras, físicos, bio-químicos, psíquicos, curandeiros, para-psicólogos, hipnoterapeutas, ministros, padres e rabis. Ele fundou a Metascience Foundation em Franklin, Carolina do Norte, que patrocinou a pesquisa Spiricom que conseguiu, com sucesso, estabelecer extensivo contacto instrumental, nos dois sentidos, entre pessoas vivas e pessoas vivendo no pós-vida (veja Capítulo 5 sobre Transcomunicação Instrumental).

No seu mais recente livro, *After We Die What Then* (1987), ele delinea as conclusões dos seus anos de pesquisa a tempo inteiro – que nós todos sobrevivemos e que, nos últimos vinte e cinco anos, a humanidade aprendeu mais sobre o que acontece quando morremos, do que aprendeu em todos os periodos anteriores dos anais da História (Meek 1987:4).

Alguns dos líderes da pesquisa científica da vida depois da morte são médicos extremamente inteligentes e astutos que começaram as suas investigações como cépticos: a Dra. Elisabeth Kubler-Ross, que chocou o Mundo com a descrição da maneira como as pessoas moribundas são tratadas, convenceu-se, totalmente, do pós-vida na sequência da sua íntima associação com milhares de doentes moribundos, Como ela o põe:

Até então eu não acreditava no pós-vida, mas os dados convenceram-me de que não eram nem coincidência, nem alucinações (Kubler-Ross 1997:188).

Ela convenceu-se de tal forma que escreveu quatro livros, especificamente, tratando do pós-vida: Kubler-Ross 1991, 1992, 1995, 1997.

O Dr. Melvin Morse, um pediatra de reconhecida autoridade e sumidade mundial em crianças moribundas, era, como ele se define, ‘um arrogante médico de cuidados críticos’ com ‘uma propensão impressionante contra tudo o que fosse espiritual’, antes dos seus estudos de base científica sobre crianças moribundas e o seu extensivo estudo da literatura o conduziram à ‘inegável conclusão’ de que há qualquer “coisa” divina que serve como que de grude do universo’. Ele escreve:

Quando revejo a literatura médica, penso que ela aponta, directamente, para a evidência de que alguns aspectos da consciência humana sobrevivem à morte. Outros pesquisadores concordam comigo. O físico Michael Schroter-Kunhart, por exemplo, conduziu uma exaustiva pesquisa da literatura científica e concluiu que as capacidades para-normais da pessoa moribunda sugerem a existência de um tempo-espaço que transcende a alma imortal. Outros investigadores chegaram à mesma conclusão. Seja através de estudo de casos, conduzida pelos próprios, seja através de pesquisas que examinaram, existe na comunidade científica uma crescente crença no espírito humano (Morse 1994:190).

Grupos de cientistas, matemáticos e professores universitários, pelo mundo fora, estão a trabalhar no sentido de trazer ao conhecimento público os resultados de experiências sobre partículas sub-atômicas e cálculos matemáticos que fornecem explicação científica para o assim chamado fenómeno psíquico.

A Física moderna ensina actualmente que os átomos são 99.99999% espaço vazio – sendo a distância entre um electrão e o seu núcleo, proporcionalmente, tão grande como a distância da Terra ao Sol. Pensa-se até que os Electrões, os Protões e os Neutrões, as partículas que constituem os átomos, sejam antes energia do que matéria.

O astrofísico Michael Scott da Universidade de Edinburgo argumenta:

o avanço da Física Quântica produziu uma descrição da realidade que permite

a existência de universos paralelos.
Composto de substâncias reais, eles não
interagiriam com a matéria do nosso
próprio universo.

O professor Fred Alan Wolf concorda com estas descobertas. Ele escreveu *The Spiritual Universe: How Quantum Physics Proves the Existence of the Soul* e diz:

por fantástico que possa soar, a nova física, chamada mecânica quântica, postula que existem, lado a lado, um outro mundo, um universo paralelo, uma cópia duplicada que, apesar de ligeiramente diferente, é o mesmo. Mas não apenas dois mundos paralelos mas, dois, três, quatro ou mesmo mais...! Em cada um destes universos, você, eu e todos os outros vivemos, já vivemos, viveremos e teremos sempre vivido, estamos vivos! (Wolf 1996)

A evidência dada por muitos cientistas de que o pós-vida existe é esmagadora. Mas, como atrás foi dito, não existe um único cientista que tenha provado que o pós-vida não exista.

4. O Fenómeno da Voz Electrónica (FVE)

‘Eu não disse que era possível. Só disse que tinha acontecido!’

Sir William Crookes

Para minha surpresa, muito poucas pessoas têm conhecimento do salto dramático que ocorreu na comunicação com o pós-vida, utilizando alta tecnologia. Embora existam livros altamente recomendáveis e de origem insuspeitada, sobre o Fenómeno da Voz Electrónica, ou FVE como é conhecido, os órgãos de comunicação social nunca se referem a eles. Apesar disso, estas descobertas importantes revelam a comunicação objectiva entre os que vivem, fisicamente, aqui neste mundo, e os que morreram e estão vivendo, agora, numa dimensão diferente.

Por mais de 50 anos experimentadores de todo o mundo têm gravado ‘vozes para-normais’ – vozes que não podem ser ouvidas enquanto um gravador de fitas

está a gravar, mas, que podem ser ouvidas quando o gravador está a reproduzir a gravação. Muitas das muito curtas mensagens dizem-se ser de entes queridos que partiram deste mundo. Essas vozes são impressionáveis, usam o nome do experimentador e respondem a perguntas.

Existem milhares de investigadores, pelo mundo fora, que têm pesquisado este fenómeno psíquico tão fascinante. É particularmente relevante para a minha argumentação, uma vez que obedece a procedimentos científicos rigorosos e as experiências têm sido duplicadas, em condições laboratoriais, por todas a espécie de investigadores, em muitos países diferentes.

Investigadores persistentes apanham um forte choque quando se decidem a investigar o fenómeno da voz electrónica porque, utilizando os métodos apropriados de gravação, eles estão sujeitos a ouvir vozes de pessoas queridas ou amigos que já morreram.

Colin Smythe e Peter Bander

Foi isso exactamente o que aconteceu ao Dr. Peter Bander, leitor de Religião e Moral num dos Colégios do Cambridge Institute of Education. Peter Bander, licenciado em psicologia e teólogo Cristão, com uma hostilidade visceral contra o fenómeno psíquico, disse, expressamente, antes da sua investigação sobre o fenómeno da voz electrónica, que era impossível que os ‘mortos’ se pudessem comunicar conosco. Ele disse que era ‘não só despropositado mas, afrontoso’ pensar sequer nisso (Bander 1973:3).

Quando o editor Colin Smythe pediu a Peter Bander para ele se envolver no fenómeno da voz electrónica, em 1972, a resposta de Peter foi um inequívoco não. Assim, o próprio Colin Smythe experimentou num gravador de fitas, seguindo os procedimentos enunciados no livro de Constantine Raudive, *Breakthrough* (1971). Pediu a Bander que pusesse o gravador de fitas na posição de gravar por alguns minutos. Depois, rebobinou a fita e deixou-a tocar. Depois de dez minutos, ele estava quase a desistir quando, súbitamente, Bander disse:

notei um ritmo peculiar mencionado por Raudive e os seus colegas... Ouvi uma voz...Acredito que tenha sido a voz de minha mãe que morreu há três anos (Bander 1973:4).

Mais tarde, Colin Smythe publicou *Voices from the Tapes*, no qual há quatro páginas de fotos mostrando os diferentes participantes nas experiências posteriores de Bander, conduzidas sob condições do mais rigoroso controlo. Numa das ocasiões, quando as experiências eram conduzidas, em estúdios à prova de som, para eliminar quaisquer variáveis externas causadoras de interferências e filtrar interferências de rádio:

no espaço de 27 minutos, cerca de 200 vozes foram recebidas, tornando em convertidos os dois cépticos engenheiros da Pye que supervisavam as experimentações (Connelly 1995:44).

Comentários de observadores mencionados no livro de Bander incluem os de Ken Attwood, Engenheiro-Chefe da Pye que disse:

fiz tudo que estava em meu poder para desvendar o mistério das vozes mas, sem sucesso, o mesmo acontecendo aos restantes especialistas (Bander 1973:132)

O Dr. Brendan McGann, director do Institute of Psychology, Dublin, disse:

Aparentemente, consegui a reprodução do fenómeno. As vozes que apareceram na fita não tiveram nenhuma origem conhecida (Bander 1973:132).

A.P.Hale, físico e engenheiro electrónico, disse:

Em vista dos testes levados a cabo num laboratório protegido da minha firma, não posso explicar o que aconteceu em termos físicos normais (Bander 1973:132).

Sir Robert Mayer, LL.D., D.Sc. Mus.D., concluiu:

Se os especialistas estão confundidos, então considero ser esta razão suficiente para apresentar o Fenómeno da Voz ao público em geral (Bander 1973:132)

Ted Bonner da Decca e RTE, disseram:

Isto não é truque. Isto não é ilusionismo; isto é algo com que nunca sonhamos antes (Bander 1973:106)

Os testes de laboratório feitos pela Pye conduzidos por Colin Smythe e Peter Bander, antes da publicação do Breakthrough, foram montados e financiados pelo Editor Chefe do jornal Inglês Sunday Mirror.

Ronald Maxwell, um repórter do Sunday Mirror, supervisionou os testes e preparou um artigo de fundo de três páginas, com fotografias que prestavam bastante apoio ao artigo. Estava maravilhado com o facto de que, os especialistas escolhidos pelo jornal, tinham confirmado que as vozes eram genuínas e não havia truques ou fraude.

Contudo, no último minuto, este extremamente importante artigo foi suspenso, sem explicações, pelo editor chefe, que se recusou a publicar a história no jornal. Como Peter Bander disse:

A experiência, organizada e financiada pelo Sunday Mirror, foi bem sucedida, o que não agradou ao homem do topo da hierarquia (Bander 1973:68)

Maxwell e Chris Kersh, editores de artigos de fundo, tentaram, de novo, uma semana depois. Desta vez tinham recolhido informações e declarações de cientistas de vanguarda, incluindo Mr. Peter Hale. De novo, o editor chefe se recusou a publicá-lo.

Pioneiros do FVE

As experiências de Peter Bander foram inspiradas nas pesquisas do Dr. Constantine Raudive. O Dr. Raudive trabalhou na Alemanha para replicar os resultados da experiência feita por Friedrich Jurgenson que, por acaso, em 1959, redescobriu o Fenómeno da Voz. A livro clássico de Raudive, sob o título em Inglês Breakthrough (1971), era baseado na gravação de 72.000 vozes. Os trabalhos do Fenómeno da Voz começaram, na realidade, em 1920, com Thomas Edison que acreditava que deveria haver uma frequência de rádio, entre as ondas longa e curta, que poderiam tornar possível alguma forma de contacto telepático com o outro mundo (Stemman 1975:98).

É pertinente notar aqui, que os pioneiros da rádio e da televisão, Marconi, Edison, Sir Oliver Lodge, Sir William Crookes, John Logie Baird, eram todos

crentes da realidade da comunicação com espíritos e chegaram de utilizar as suas especialidades profissionais para demonstrar isso.

As primeiras vozes foram captadas em discos de um fonógrafo, em 1938, e em gravadores de fita magnética nos princípios de 1950. Desde que o livro de Bander foi publicado, em 1973, o trabalho foi retomado por centenas de pesquisadores em vários países.

Jeff Vilencia (1988) dá uma lista, gentilmente cedida pela MetaScience Foundation, de nomes de alguns dos primeiros pesquisadores. Inclui: Padre Leo Schmid da Suíça, Joseph e Michael Lamoraux do estado de Washingto e William Addams Welch cujo livro *Talks with the Dead* foi publicado em 1975; Paul e Edith Affolter; David Lothamer; A.J. Loriaux; Harry e Gerry Loudenslager; Ray Patterson; Andrija Puharich; Theodor Rudolph; Mary Sharpe; Cyril Tucker; Paul Bannister; Raymond Cass; H.V. Bearman; Carlo Corbetta; Virginia Ursi; Bill Wisensale; David Ellils; Richard Fred e Joseph Veilleux; Davis Peck; Gilbert Bonner; Richard Sheargold; Alex Schneider; Robert Crookall; Hans Heckman e Burhard Heim (Vilencia 1988:72).

O Vaticano e o FVE

Desconhecido de muitos Cristãos – Católicos, Protestantes e Ortodoxos – a Igreja Católica tem estado activa e positivamente encorajando as investigações do Fenómeno de Voz Electrónica.

- Dois dos primeiros investigadores eram Padres Católicos – o Padre Ernetti e o Padre Gamelli, que descobriram o fenómeno, por acaso, quando gravavam Cantos Gregorianos, em 1952.
- O Padre Gamelli ouviu a voz do seu próprio pai na fita de gravação, chamando-o pelo sua alcunha de infância, dizendo: ‘Zucchini... é claro... não percebes que sou eu?’
- Profundamente confusos por causa dos ensinamentos Católicos em relação aos contactos com os mortos, os dois Padres visitaram o Papa Pio XII, em Roma.

- Papa assegurou-lhes:

Caro Padre Gamelli, não precisa de se preocupar com isto. A existência desta voz é, rigorosamente, um facto científico e nada tem a ver com o espiritismo. O gravador de fitas é totalmente objectivo. Ele recebe e grava somente ondas de sons provenientes de seja onde fôr. Esta experiência poderá marcar numa viragem na realização de estudos científicos que fortalecerão a fé na vida futura (Jornal Italiano Astra, Junho 1990 mencionado por Kubris e Macy, 1995:102).

- Primo do Papa Pio, o reverendo professor Dr. Gebhard Frei, co-fundador do Jung Institute, era um parapsicólogo de nomeada internacional que trabalhou próximo de Raudive, um pioneiro na pesquisa. Ele era também presidente do International Society for Catholic Parapsychologists. Consta que o Dr. Frei teria dito:

Tudo o que tenho lido e ouvido força-me a acreditar que nos chegam vozes de entidades transcendentais e individuais. Quer isso me convenha ou não, não tenho o direito de duvidar da realidade dessas vozes. (Kubris e Macy, 1995:104).

- Dr. Frei morreu a 27 de Outubro de 1967. Em Novembro de 1967, em numerosas sessões de gravação, uma voz dando o nome de Gebhard Frei apareceu. A voz foi positivamente identificada pelo Professor Peter Honenwarter, da Universidade de Viena, como sendo a do Dr. Frei (Ostrander and Schroeder, 1977:271)

- O Papa Paulo VI estava bem informado do trabalho que estava a ser levado a cabo, desde 1959, sobre o fenómeno da voz, através do seu bom amigo, o produtor de cinema Sueco Friedrich Jurgenson, que fez um documentário filmado sobre o Papa. O

Papa armou Jurgenson Cavaleiro Comandante da Ordem de São Gregório, em 1969, pelo seu trabalho. Jurgenson escreveu a Bander, um pesquisador da voz Britânico, dizendo:

Encontrei um ouvido simpatizante para com o Fenómeno da Voz no Vaticano. Ganhei vários amigos estupendos entre as figuras gradas da Cidade Santa. Hoje, a 'ponte' fortalece-se nas suas fundações (Ostrander e Schroeder, 1977:264).

- O Vaticano deu também permissão, aos seus próprios Padres, para conduzirem as suas próprias pesquisas sobre as vozes – o Padre Leo Schmid, um teólogo Suíço, recolheu mais de 10.000 que foram publicadas no seu livro *When the Dead Speak*, em 1976, pouco antes da sua morte.
- Um outro investigador, autorizado pelo Vaticano, foi o Padre Andreas Resch que, a par de conduzir as suas próprias experiências, começou cursos de parapsicologia na escola do Vaticano para os Padres de Roma (Kubris e Macy, 1995:104)
- Em 1970 o International Society for Catholic Parapsychologists deu uma conferência na Áustria e, uma parte substancial dessa conferência, foi dedicada aos escritos sobre o Fenómeno das Vozes Electrónicas.
- Na Inglaterra, em 1972, membros superiores da hierarquia Católica, foram envolvidos nos famosos testes nos estúdios de gravação da Pye conduzidos por Peter Bander (Connelly, 1995:44).
- O Padre Pistone, Superior da Sociedade de São Paulo, na Inglaterra, disse numa entrevista, depois dos testes:

Não vejo nas Vozes nada contra os ensinamentos da Igreja Católica. São algo de extra-ordinário mas, não há

razão para as temer, nem vejo qualquer perigo (Bender 1974:132)

A Igreja está convicta de que não pode controlar a ciência. Aqui, estamos a lidar com um fenómeno científico; isto é progresso e a Igreja é progressiva. Aprecia-me constatar que, os representantes da maioria das Igrejas, adoptaram a mesma atitude que nós; reconhecemos que o assunto do Fenómeno da Voz excita a imaginação, mesmo daqueles que sempre sustentaram que nunca haveria prova ou base para discussão sobre a questão da vida depois da morte. Este livro, e as experimentações seguintes, levantam sérias dúvidas, mesmo no espírito de ateus. Isto, em si, é uma boa razão para que a Igreja apoie as experimentações. A segunda razão poderá ser encontrada na grande flexibilidade da Igreja desde o Vaticano II, nós temos o desejo de manter um espírito aberto a todos os assuntos que não contradigam os ensinamentos de Cristo (Bender:103)

- Sua Excelência o Arcebispo H.E. Cardinale, Nuncio Apostólico na Bélgica, comentou:

Naturalmente que tudo isso é misterioso mas, as vozes estão aí para que todos as oiçam (Bender 1974:132)

- Sua Eminência o Monsenhor Professor C. Pflieger, comentou:

Os factos fizeram-nos concluir que, entre a morte e a ressurreição, existe um outro domínio de estudo da existência pós-mortal. A teologia Cristã tem pouco a dizer acerca dessa realidade (Banda 1974:133).

- O livro de Bender (1973:133) contém uma fotografia de Sua Eminência o Monsenhor Stephen O'Connor, Vigário Superior e Capelão-Mor da Royal Navy, escutando a gravação em que uma voz se manifestou declarando ser

um jovem oficial naval que se tinha suicidado dois anos antes. Por ironia, o Dr. Raudive gravou a mesma mensagem, independentemente, numa sessão anterior.

- Desde os anos 1970, o Vaticano tem continuado a patrocinar pesquisas extensivas em todas as áreas da parapsicologia, incluindo o Fenómeno da Voz Electrónica.

- Recentemente, o Padre Gino Concetti, um dos mais competentes teólogos do Vaticano, disse numa entrevista:

De acordo com o catecismo moderno, Deus permite aos nossos queridos que partiram e vivem numa dimensão ultra-terrestre, que enviem mensagens para nos guiar em certos momentos difíceis da nossa vida. A Igreja decidiu não mais proibir o diálogo com os falecidos, com a condição de que estes contactos sejam levados a cabo com fins religiosos ou científicos (publicado no jornal do Vaticano Osservatore Romano – citado no Newsletter do American Association for Electronic Voice Phenomena de Sarah Estep, vol 16 No.2, 1997)

- Torna-se evidente que a Igreja conclui que a ciência está fazendo enormes, inevitáveis, irreversíveis e acumulativos progressos que ninguém está em posição de parar.

Conduzindo as suas próprias experimentações

Sarah Estep, Presidente da American Association for Electronic Voice Phenomena, com membros em quarenta estados e em vinte países no estrangeiro, publica um boletim que contém muitos contactos e maravilhosas sugestões práticas. Sarah tem, também, para venda, cassetes áudio altamente recomendáveis. Ela pode ser contactada no 816 Midship Court, Annapolis, Maryland 21401. A assinatura do seu folhetim custa \$20 US.

Um dos líderes Britânicos no FVE e TCI é Judith Chisholm. A Sra. Chisholm produziu uma cassette sobre o FVE que é altamente recomendada – digna de ser obtida. A cassette contém vozes de pessoas que já viveram neste planeta. Cobre a história do FVE, o método e vozes do além. Está à venda por 6.50 libras ou 8.50 libras para o estrangeiro, em J. Chisholm 'An Teac na Pol' Rosnagreena, Glengarriff, County Cork, Republic of Ireland. A assinatura anual do seu boletim custa 10 libras.

Poder-se-á obter informação adicional do Circle d'Études sur la Transcommunication Special, no número 1 de 'Algumas reflexões sobre as Experiências da Voz de Espíritos com instruções para Experimentação Individual' por Eric Schoemen. As versões deste trabalho, em Inglês, e números anteriores, a partir do número 02/92, podem ser comprados por 12 dólares americanos cada na Mark Macy, Continuing Life Research, PO Box 11036, Boulder CO 80301 USA ou em Hans Heckmann, 129 Lewis Avenue, E. Landsdowne PA 19050 USA. As versões em língua Francesa poderão ser obtidas na Circle d'Études Sur la Transcommunication, Residence Marie Curie, Avenue Louis Pasteur 13-17 L-2311 Luxembourg. O contacto deste grupo, em Inglês, é Jonathan Marten, 36 Hamble Court, Southampton Street, Reading Berbs RG1 2QT.

Garry Connelly, na Inglaterra, um antigo ateu, escreveu um livro muito informativo e altamente recomendado, intitulado O Pós-vida Para Os Ateus (1955) que, também dá detalhadas instruções sobre como organizar a gravação electrónica das vozes. Para Gerry, é um milagre como os mortos podem, realmente, dizer algo aos ouvintes na Terra.

5 . Transcomunicação Instrumental (TCI)

‘Pela primeira vez, em 8.000 anos de história registada, podemos afirmar, com segurança, que a nossa mente, memória, personalidade e alma sobreviverão à nossa morte física.’

George Meek

Desde cerca de 1980 que os investigadores psíquicos têm afirmado que têm sido feitos contactos maravilhosos com pessoas que morreram, através de rádio, telefone, televisão, gravadores de chamadas telefónicas, aparelhos de fax e computadores.

Esta forma mais recente de contacto é chamada Transcomunicação Instrumental (TCI). Pode ser altamente comprovada, uma vez que os contactos são repetíveis, estão ocorrendo em laboratórios em todo o Mundo e têm estado sujeito a minucioso escrutínio científico.

De acordo com Mark Macy, secretário do American Continuing Life Research Foundation:

Os laboratórios de pesquisa, na Europa, têm-se referido a extensas comunicações, nos dois sentidos, com espíritos de colegas, quase que diariamente, recebendo uma larga panóplia de informações através de telefone, gravadores de chamadas, rádios, computadores e impressoras de computadores. Têm recebido imagens vídeo nas suas televisões, mostrando pessoas e lugares do mundo dos espíritos... Como resultado disso, temos observado prova física directa de como é a vida, depois de largarmos o corpo físico (Continuing Life Research, Contact Volume 1 #96/01).

Durante o ano de 1994, investigadores do TCI em Luxemburgo, Alemanha, Brasil, Suécia, China e Japão receberam chamadas telefónicas paranormais do Dr. Constantine Raudive, que morreu em 1976 (Kubris and Macy 1995:14). Estas chamadas foram gravadas em fita magnética e analisadas por peritos de vozes. As chamadas continuaram, desde então e, em 1996, uma gravação de sentido único durou 13 minutos (vídeo da Continuing Life Research – TCI Today 1997).

As provas recolhidas por este, agora extenso, grupo de testemunhas idóneas – incluindo cientistas reputados,

físicos, engenheiros, técnicos electrónicos, médicos, professores, administradores, membros do clérigo, bem sucedidos homens de negócio – é, inegavelmente, convincente para aqueles que, sistematicamente, têm investigado o FVE e TCI. A coerência das provas providas de diferentes partes do Mundo é esmagadora.

Detalhes completos destas pesquisas estão contidos na cassette áudio The Miracle of ITC e em cassette vídeo ITC Today por 10 e 29.95 dólares Americanos, respectivamente, de Mark Macy, Continuing Life Research, PO Box 11036, Boulder, Colorado 80301 ou e-mail us@aol.com.

Na America, os pioneiros deste trabalho foram George Meek e William O'Neil que se empenharam no sentido de estabelecerem a Spiricom, um sistema de comunicação nos dois sentidos, mais sofisticado do que o equipamento utilizado nas pesquisas sobre o FVE. O'Neil era um médium talentoso, que via e se comunicava com dois cientistas do pós-vida. Usando um rádio modificado, de bandas laterais, as vozes dos cientistas 'mortos' eram captadas em fita magnética, em conversações responsivas e inteligentes.

O leitor é referido para o livro escrito por John G. Fuller chamado The Ghost of 29 Megacycles (1981) Este livro de 351 páginas descreve, em detalhe, as pesquisas altamente credíveis e irrefutáveis de George Meek e a prova que ele produziu para demonstrar que a vida continua depois de morrermos. É altamente recomendado ao pesquisador sério.

Os primeiros sucessos do TCI

Na Alemanha Ocidental, Hans-Otto Koenig, um perito de electrónica e acústica, desenvolveu um sofisticado equipamento electrónico, utilizando osciladores de compasso extremamente baixo e lâmpadas de luzes ultravioletas e infra-vermelhos. A 15 de Janeiro de 1983 foi convidado para aparecer na maior estação de rádio Europeia, a Rádio Luxemburgo, que tinha uma audiência estimada em milhões por toda a Europa. Pediram a Koenig que fizesse uma demonstração, ao vivo, das suas técnicas de conversar com os 'mortos' nos dois sentidos.

Koenig instalou o seu equipamento, sob os olhos vigilantes dos engenheiros da própria rádio e do apresentador do programa, Herr Rainer Holbe. Um dos

empregados da rádio perguntou se poderia ouvir uma voz em resposta a uma pergunta directa sua. Quase imediatamente, uma voz retorquiu:

‘Ouvimos a tua voz’, e: ‘Otto Koenig envia mensagens sem fios para os mortos’ (Fuller 1981:339)

Outras questões foram postas. Mas, então, o apresentador, trémulo com o que ele e todos os outros tinham ouvido, disse:

Digo-vos, caros ouvintes da Rádio Luxemburgo, juro pela vida dos meus filhos que nada foi manipulado. Não existem truques. É uma voz e não sabemos de onde é que ela vem (Fuller 1981:339)

A estação emitiu, depois, um atestado oficial, segundo o qual todos os passos do programa tinham sido, cuidadosamente, supervisionados. Os empregados e os engenheiros estavam convencidos de que as vozes eram paranormais. (Fuller 1981:339)

Naturalmente, mais trabalhos públicos foram feitos por Koenig. Outras experiências foram levadas a cabo com a Rádio Luxemburgo, com sucessos similares (Fuller 1981:339). Uma voz em particular foi ouvida, dizendo: ‘Eu sou Raudive’. A importância disto advém do facto de que, quando o Dr. Raudive era vivo, tinha escrito o livro *Breathrough*, referido atrás, em que dava detalhes completos sobre a sua própria experiência sobre o FVE – mais de 72.000 vozes de ‘mortos’ foram gravadas.

Nos anos de 1980, pesquisadores, em vários países, conseguiram receber fotografias dos seus falecidos entes queridos, nos ecrãs de televisão. Em 1985, Klaus Schreiber, na Alemanha Ocidental, com assistência técnica de Martin Wenzel, começou a obter imagens, nos tubos da televisão, de pessoas que tinham morrido. Os tubos utilizavam um sistema de alimentação opto-electrónica. Houve identificação positiva, em muitos casos, acompanhando as comunicações via rádio, incluindo contacto áudio-vídeo com as duas falecidas esposas de Schreiber. O trabalho de Schreiber deu origem a um filme e livro de autoria do, inicialmente céptico Rainer Holbe da Rádio Luxemburgo.

Durante os anos de 1980 os pesquisadores psíquicos tomaram conhecimento da declaração, de várias pessoas, que recebiam telefonemas de entes queridos após terem falecido. As chamadas eram, normalmente, de curta duração e, quando investigadas, não ficavam registadas nos equipamentos normais de monitorização telefónica. Scott Rogo escreveu um livro clássico sobre isso chamado *Telephone Calls from the Dead* (1979).

Um casal, trabalhando no Luxemburgo entre 1985 e 1988, com a ajuda do pós-vida, desenvolveram dois sistemas electrónicos que se tornaram, significativamente, mais seguros e repetíveis do que os sistemas desenvolvidos anteriormente. Jules e Maggie Harsch-Fishbach, em 1987, estabeleceram contacto via computador que permitiu submeter perguntas técnicas a seres do pós-vida, com impressão a alta velocidade das respostas, cuidadosamente, consideradas. Também, em 1987, eles obtiveram uma sequência de imagens de televisão de boa qualidade (veja *Psychic News*, 25 de Fevereiro de 1995)

Por volta de 1993, uma equipa de pesquisadores do pós-vida foi capaz de aceder ao disco rígido de computadores e deixar aí detalhadas imagens de scanner bem como várias páginas de texto. As imagens de scanner do computador eram, de longe, mais detalhadas e menos sujeitas a distorções do que as imagens vídeo. Pesquisadores na Terra foram capazes de dirigir perguntas aos seus pares do outro lado e receber respostas por telefone, rádio, TV, computador ou fax (Kubris e Macy 1995:14).

FVE, Ectoplasma e energia electro-magnética

Uma das questões que os pesquisadores têm tido que responder é porque é que alguns experimentadores são mais bem sucedidos do que outros na obtenção de vozes através do FVE e do TCI. É claro que o ectoplasma é uma variável crucial, presente em todas as actividades para-normais – especialmente na mediunidade física, tal como os fenómenos poltergeist, as materializações, os aportes, as levitações, etc. Também, acontece o mesmo nas comunicações através do FVE e do TCI. Uma vez que nós, os humanos, todos temos uma quantidade limitada de ectoplasma, muitos pesquisadores obtinham melhores resultados do FVE quando tinham consigo um pequeno grupo de três ou quatro pessoas. Mas, os melhores resultados eram obtidos quando uma pessoa com qualidades

mediúnicas – uma pessoa com mais ectoplasma do que a média – está presente. Isto foi confirmado, pelo Dr. Constantine Raudive, pelo professor E. Senkovski e pelo inventor Americano George Meek e pelas inteligências trabalhando com o grupo de TCI de Luxemburgo (veja Macquarie 1997). Para discussão do ectoplasma veja o Capítulo 13.

A necessidade de ter presente alguma forma de energia electro-magnética foi sempre reconhecida como sendo uma componente essencial do FVE. É a combinação do ectoplasma e da energia electro-magnética que permite que as vibrações do pós-vida sejam reduzidas, por forma a que as vozes possam ser ouvidas.

Macquarie (1997) afirmou que pesquisadores, desde 1963, tinham obtido melhores resultados se ligassem três transformadores de 12 volts – do tipo que transforma a voltagem doméstica para a baixa voltagem utilizada nos rádios portáteis, walkmans, etc – a uma distância, umas das outras, de 8 a 10 centímetros. Provocam um zumbido subtil que favorece um fraco e suave campo de energia electro-magnética que pode ser combinada com o ectoplasma.

Embora o ectoplasma e a energia electro-magnética devam estar presentes quando se estiver a comunicar com o pós-vida, uma outra variável que parece muito importante é a harmonia e uma atitude positiva entre os experimentadores. Um experimentador que seja negativo e que utilize a presunção de futilidade estará destilando energia negativa e reduzirá, dramaticamente, o sucesso da comunicação. Este ‘efeito do experimentador’ foi encontrado na mediunidade, nos testes de laboratório e ao utilizar equipamento electrónico.

Assim, embora a comunicação possa acontecer através da televisão e através do telefone, a claridade da transmissão depende do campo de contacto, dos pensamentos dos que recebem a transmissão. Maggie e Jules descobriram, nos seus encontros alargados, que, se um grupo de pessoas tivesse ideias negativas acerca do TCI, as suas vibrações negativas afectavam, seriamente, as vibrações vindas do plano astral (Kubris e Macy 19953).

6. Análise da gravação das vozes por computador

‘Tudo o que a ciência me ensinou, fortalece a minha crença na continuidade da nossa vida espiritual, depois

da morte. Eu acredito numa alma imortal. A ciência ensina que nada se desintegra em nada. A vida e a alma não podem, por conseguinte, se desintegrar em nada e, por conseguinte, são imortais.’
Werner Von Braun PhD.

Os peritos tomaram amostras da voz do Dr. Raudive, gravadas em fitas áudio e chamadas telefônicas após a sua morte, e compararam-nas com gravações da sua voz, ainda em vida. Similarmente, a voz electrónica de Walter Steinneigel, um dos amigos de Koenig, foi comparada com gravações da sua voz, quando em vida. Análise feitas por computador revelam, conclusivamente, que o padrão vocal das vozes em vida e depois da morte era idêntico (Fuller 1981:339; Lazarus 1993:157).

Contudo, outras experiências demonstraram que a voz de Raudive nas fitas áudio não é de origem humana. Eu, na verdade, ouvi a voz do Dr. Raudive comunicando com Mark Macy nos Estados Unidos numa conversação gravada de 12 minutos, que eu ainda tenho em casa. Ouvi o Dr. Raudive com os meus próprios ouvidos e posso dizer-lhes que, embora qualquer pessoa que oiça o Dr. Raudive possa compreender todas as palavras por ele proferidas, a voz tem uma qualidade peculiar. Imediatamente concluirá que a voz não vem do plano físico da Terra – apenas pressentirá isso. Modernamente, instrumentos científicos demonstraram que a voz, embora claramente audível, foi proferida por alguém sem caixa de voz! Os cientistas têm feito experiências destas, continuamente!

O Professor Carlos Eduardo Luz, na Universidade de Engenharia e Tecnologia de São Paulo, Brasil, analisou a voz de Raudive. Utilizando computadores altamente sensíveis para medida das vozes, ele descobriu que a frequência da voz de Raudive, a falar com um outro pesquisador, Sonia Rinaldi, tinha a altíssima frequência de 1.428 Hz. Mas, se a voz de um ser humano vivo, masculino, gravasse as mesmas palavras ditas por Raudive no mundo espiritual, a voz teria uma frequência de 100 a 130 Hz! (Rinaldi 1996:6)

Como poderá a ciência explicar isso? Não existe possibilidade de uma voz masculina na Terra ser produzida a tamanha alta frequência com a constituição natural dos nossos corpos! A conclusão do Professor Luz é de que, entre outras coisas, a voz de

Raudive não teve origem numa anatomia física humana como a que conhecemos! (Rinaldi 1996:6).

7. Rebatendo os cépticos do FVE e do TCI

‘... em vez de lançar uma investigação científica para rebater o Fenómeno da Voz, este professor assistente fabricou algo, fraudulenta e deliberadamente, entregando-se a propositadas mentiras para tentar iludir o leitor, fabricando informações falsamente, por forma a torná-las compatíveis com o seu próprio cepticismo parcial e não científico.’

O autor

O que é que os cépticos inflexíveis dizem do fenómeno da voz?

Das objecções levantadas pelos cépticos, cito um dos representantes líderes dos cépticos inflexíveis, um Professor Assistente de Psicologia da Universidade Pace nos Estados Unidos, o Professor Hines. No seu livro intitulado *Pseudoscience and the Paranormal – A Critical Examination of the Evidence* (1987) é-nos dito, o seguinte, na página 76. Lembre-se de que este céptico, expressamente, declara que a sua obra é, supostamente, ‘um exame crítico da evidência’.

... se alguém levar um gravador de sons para uma sepultura, poderá gravar as vozes dos mortos. Como? Ponha o gravador na posição ‘gravar’, com uma fita virgem e ponha o volume no máximo. Então, quando reproduzir a gravação, se escutar, atentamente, você ouvirá a voz dos mortos. Não são muito claras, seguramente, mas, se escutar longa e cuidadosamente, poderá começar a fazer sentido... a fita gravadora... estará apanhando os estranhos sons ambientais e, especialmente, o som da briza ou do vento que perpassa pelo microfone...

Se alguém esperar ouvir sons, a percepção construtiva produzirá vozes... os índios tinham a crença de que os mortos falavam atravez do vento que perpassava pelas árvores. O gravador de sons apenas se limitou a trazer esta ilusão para a idade tecnológica (Hines 1987:76)

Este Professor Assistente tinha, agora, a oportunidade de identificar a pesquisa clássica feita por alguns dos mais importantes estudiosos e outros, a nível mundial, e lançar um rebate credível e erudito dessas pesquisas, numa base científica. Esperar-se-ia que ele

escrutinasse, cientificamente, as pesquisas do Dr. Raudive, na Alemanha, de Friedrich Jurgenson, na Suécia, de Peter Bander, na Inglaterra, de Marcello Bacci, em Grosseto, na Itália, do Professor Water e outros, tais como, George Meek, nos Estados Unidos, apenas para mencionar alguns. Aqui tinha ele a grande oportunidade, no seu livro, de identificar, especificamente, os métodos científicos com que não concordava e postular uma explicação alternativa para explicar de onde veem as vozes.

Os referidos cientistas e reputados investigadores, não vão às sepulturas. Normalmente, trabalham em condições, cuidadosamente controladas, acompanhados por outros observadores que incluem, cépticos, ateus, jornalistas, clérigos, psíquicos. Por vezes, trabalham em estúdios profissionais de gravação, como no caso das sessões do Dr. Peter Bander.

As vozes não são, evidentemente, uma alucinação de auditório – foram escutadas por salas repletas de gente e por milhões de pessoas pela Europa fora, simultâneamente. Milhões de vozes foram identificadas, gravadas e corroboradas por testemunhas independentes. A maior parte das matérias apresentadas foram verificadas e comprovadas como factuais. A análise electrónica dos padrões das vozes coincidiu com as vozes das pessoas quando vivas.

Porque é que este Professor Assistente não escrutinou nenhuma das provas, começando com, por exemplo, o conteúdo do livro internacional do Dr. Raudive, Breakthrough?

Em termos técnicos, quando provas do pós-vida são apresentadas pelo investigador, o ónus de argumentação passa para a parte que não aceita essas provas, a qual deverá argumentar, em que bases técnicas, rejeita as provas.

Este professor assistente deveria ter examinado algumas das melhores ‘vozes de espíritos’ das 72.000 vozes gravadas pelo Dr. Raudive, tais como as vozes da própria secretária de Raudive, Margarete Petraustski, que chamou pelo nome da esposa de Raudive, ‘Zeta’, e se identificou a si própria como ‘Margarete’. Ela continuou, dizendo: ‘Imagine, eu existo, realmente’ – tradução inglesa do Alemão ‘Bedenke ich bin. (Bander 1973:25).

O Professor Assistente Hines deveria explicar:

- Porque é que as vozes aparentes não eram vozes reais,
- No caso de se admitir que eram vozes, porque é que não poderiam ser a dos mortos.

Deveria ter tomado uma amostra da voz de Margerete Petraustski e compará-la com a gravação da sua voz antes de ter morrido, como os pesquisadores fizeram. Existem, hoje, máquinas sofisticadas de análise de vozes que podem, com precisão científica, medir todas as variáveis das vozes, tais como, a cadência, o ritmo, o sotaque, a origem, etc. As gravações da Margarete Petraustski prestam-se, excelentemente, para escrutínio científico devido à excepcional qualidade das gravações da sua voz. Ainda assim, este Professor Assistente, preferiu ignorar o método científico e entrincheirar-se no seu cepticismo de espírito fechado.

Se o Professor Assistente tentasse cingir-se ao método científico e mostrasse, de alguma maneira, que poderia estar, tecnicamente, certo, ou que as provas apresentadas não deveriam ser aceites, denunciando o projecto como subjectivo, poder-se-ia discutir o projecto com ele e explorar as vozes, para certificação da sua origem.

Mas, ele não o fez. O Professor Assistente Hines preferiu não identificar o trabalho científico clássico, efectuado e em curso, sobre o FVE, a nível mundial, porque ele sabe que este trabalho é substantivo e não pode ser rebatido. Fez recurso da defraudação técnica, porque sabe que o Fenómeno da Voz Electrónica é uma prova poderosa da existência do pós-vida.

Para levar esta argumentação ainda mais longe, em vez de lançar mãos a uma investigação científica para rebater o Fenómeno da Voz, este Professor Assistente fabricou algo, fraudulenta e deliberadamente, entregando-se a propositadas mentiras para tentar iludir o leitor, fabricando falsamente informações, por forma a torná-las compatíveis com o seu próprio cepticismo parcial e não científico.

Enquanto que, para algumas pessoas, a deliberada omissão possa parecer bastante estranha, para outras, a total falta dos cépticos de espírito fechado em incluir qualquer crítica ao Fenómeno da Voz Electrónica nos seus livros, não constitui, de modo nenhum, surpresa.

Como temos já visto, os pesquisadores do Fenómeno da Voz Electrónica que utilizaram o método científico para provar o pós-vida, já justificaram o seu ponto de vista.

No método científico, como na lógica formal, se ninguém rebate formalmente as provas apresentadas, então a prova científica mantém-se como, absolutamente, válida, até que seja rebatida – se é que, alguma vez, possa ser rebatida. Isso é uma premissa científica fundamental.

A minha experiência com cépticos de espírito fechado, contudo, diz-me que, alguns, nunca escutam a voz da razão. Alguns recusam-se a somar 7+5 e, portanto, nem sequer tentarão discutir o resultado 12.

E, apesar de que o Fenómeno da Voz Electrónica e a Transcomunicação Instrumental ainda não tenham sido aperfeiçoados, isso não significa que as provas científicas colleccionadas quer do FVE quer do TCI não existam.

Para os agnósticos ou os cépticos, ou os descrentes, as vozes captadas em gravadores de fitas magnéticas, dando respostas certas a perguntas específicas, são, em termos absolutos e inequívocos, as vozes das pessoas que ‘morreram’ e que se mudaram para o mundo seguinte.

Inequívocamente, a comunicação com inteligências do pós-vida é a maior descoberta feita, desde sempre. As consequências das informações que estão a ser transmitidas são enormes.

8. A fórmula de Einstein $e=mc^2$ e a materialização

‘Os grandes espíritos encontraram sempre violenta oposição da parte de mentes mediócras’
Professor Albert Einstein

Tem havido milhares de alegações, através da história da humanidade, muitas mencionadas na Bíblia e antes, de pessoas, como Jesus e Maomé, que apareciam e desapareciam diante de multidões. Recentemente, os cientistas ocidentais têm examinado a frequente materialização de vibuti (um freixo que terá propriedades curativas quando comido), joalharia de encomenda, moedas, alimentos e outros materiais, por Sathya Sai Baba, na Índia (Haraldsson and Osis 1977; Haraldsson 1987; Muphet 1971).

Os pesquisadores chamam ao aparecimento e desaparecimento de pessoas e coisas ‘materialização’ e ‘desmaterialização’.

A prova da materialização é substantiva, não só na Inglaterra e nos Estados Unidos mas, em outros países, tais como o Brasil, onde materializações acontecem durante o dia, na presença de centenas de cépticos inflexíveis – veja o Capítulo 13.

Alguns médiums de talento possuem abundância de ectoplasma – uma substância branca, de consistência vaporosa, extraída do médium. Em experiências levadas a cabo pelo Barão Von Schrenck-Notzing (um físico de Munique) provou-se que esta substância é composta por leucócitos – as células brancas ou incolores do sangue – e células epiteliais, componentes dos vários tecidos protectores do corpo (Stemman, 1975:57). Este ectoplasma é utilizado, pelas integências do pós-vida, para reduzir as vibrações do seu corpo espiritual ou ‘etérico’, de modo a que possam ser vistos pelos olhos humanos – veja o Capítulo 13.

O livro de David Ash e Peter Hewitt, o Vortex (1994) dá, entre outras coisas, uma explicação científica para a materialização. Eles argumentam que a fórmula de Einstein $E=mc^2$ – a energia é igual à matéria à velocidade da luz - demonstra que a matéria ‘m’ é equivalente à energia ‘E’.

Isto explica como a materialização e a desmaterialização operam, quando a matéria é transformada em energia. Quando algumas pessoas tentam argumentar que esta equação é apenas teoria e que não pode ser demonstrada, elas deveriam lembrar-se de que menos de 28 gramas de matéria foi transformada em energia suficiente para destruir Hiroshima.

O vórtice é, na realidade, o movimento giratório de átomos e moléculas. Ash e Hewitt argumentaram, a partir da fórmula de Einstein, que, uma vez que a matéria e a luz partilham de um movimento comum, a verdadeira velocidade do movimento giratório deverá ser a velocidade da luz. Eles declararam que esta é a única explicação possível para a equação de Einstein e que é por causa da movimento giratório do vórtice, à velocidade da luz, que nós podemos ver as coisas na Terra – ler esta página ou ver outra pessoa, ou ver as árvores e os céus e tudo o mais, com os olhos físicos.

Ash e Hewitt perguntam: porque é que a velocidade do movimento do vórtice deveria ser limitado pela velocidade da luz? Eles argumentaram que, sempre que a velocidade do vórtice excedesse a velocidade da luz, a pessoa ou coisa entraria em super-energia, uma nova dimensão, um mundo novo. Mas, nesta nova dimensão, a pessoa ou coisa seria tão sólida como você e eu, nesta dimensão. A única diferença seria que, os vórtices, girariam a uma velocidade maior do que a do plano terrestre.

Os olhos humanos, no plano terrestre (a menos que se seja um vidente verdadeiramente prendado), não são capazes de ver nada na nova dimensão, porque os nossos olhos podem apenas ver uma pessoa ou coisa quando, o vórtice dessa pessoa ou coisa, nesta dimensão, gira a uma velocidade igual à da luz. Daqui também se conclui que, uma pessoa ou coisa, em super-energia, será capaz de penetrar numa parede sólida de tijolos, na nossa dimensão. Isto porque os átomos e moléculas de uma parede de tijolos estão a girar, mais lentamente, ou seja, à velocidade da luz.

Uma possível explicação científica para a materialização, é que os vórtices dos átomos do espírito estão a girar mais depressa do que a velocidade da luz e não podem ser vistos pelos nossos olhos físicos. Mas, o ectoplasma do médium permite que os vórtices dos átomos do corpo espiritual sejam reduzidos para a velocidade da luz. Quando isto acontece, o espírito torna-se visível aos nossos olhos. Por outro lado, quando quer que o espírito se queira desmaterializar, os vórtices dos átomos do espírito aumentam de velocidade e já não pode ser vistos com os nossos olhos físicos e desaparecem numa dimensão diferente. Ash e Hewitt chamam à materialização 'trans-substancialização' para reflectir a mudança da substância mas, não da forma do vórtice. A trans-substancialização não mudaria a estrutura atómica e molecular do corpo.

Através da trans-substancialização, uma inteligência, um ser etérico, um espírito do pós-vida ou um objecto podem materializar-se e desmaterializar-se. Mas, como Ash e Hewitt, correctamente, apontaram, a materialização e a desmaterialização não são a dissolução. É a aceleração e a desaceleração dos vórtices dos átomos que são fundamentais e que explicam as histórias de aparições vindas do nada e as desapareções de uma pessoa bem à frente dos nossos olhos.

Ash e Hewitt dão muitos exemplos de materializações e desmaterializações bem documentadas. A materialização é compatível com o argumento de que a vida continua depois da morte física. Veja a mediunidade de Mirabelli (Capítulo 13) em que a materialização teve lugar na presença de cientistas e centenas de outras pessoas em pleno dia, no Brasil.

9. Outras experiências psíquicas em laboratório

‘Sou atacado por dois sectores opostos – os cientistas e aqueles que nada sabem. Ambos se riem de mim e me chamam o mestre de dança ‘dos sapos’. Contudo, eu sei que descobri uma das maiores forças da natureza’. Galvani, descobridor da electricidade

Experiências em laboratório sobre o fenómeno psíquico, têm sido levadas a cabo, por mais de cem anos e continuam a crescer, em volume, as provas objectivas da existência do pós-vida. Os resultados mais impressionantes e convincentes foram obtidos em experiências controladas em que a máxima cooperação foi obtida entre as inteligências desta dimensão e as do pós-vida. Propomo-nos, aqui, detalhar apenas algumas experiências.

Um dos primeiros, de uma longa lista de eminentes cientistas que se dedicaram a tais investigações, foi Sir William Crookes que, entre outras coisas, investigou a mediunidade de Daniel D. Home.

Sir William Crookes foi um dos maiores cientistas de sempre. Foi coberto de honrarias em muitos países – na Inglaterra, nos Estados Unidos, na Escócia, na Alemanha, na França, na Itália, na África do Sul, na Holanda, no México, na Suécia. A sua contribuição para a ciência não tem paralelo no seu ou no nosso tempo.

Sir William era um céptico antes de ter sido, especificamente, incumbido pelos cépticos Ingleses, para investigar o fenómeno, com a intenção de o desacreditar (Crookes 1871). Ele era, também, um homem de uma enorme integridade, de altíssima inteligência e duma independência intelectual inquebrantável. Afirmou que nunca permitiria que os lobbies o impedissem de dizer a verdade, a verdade completa.

De acordo com isto, investigou, minuciosamente, o fenómeno psíquico e, embora tivesse obtido provas

esmagadoras da existência de forças desconhecidas, ele permaneceu, cautelosamente, e por grande parte da sua vida, um céptico do pós-vida. Foi apenas quando a sua esposa se materializou, através dum médium, é que ele se convenceu da sobrevivência, sem quaisquer sombras de dúvida.

Por causa da sua independência de espírito, força de carácter e por se negar a assumir atitude de subserviência perante os cientistas cépticos, Sir William foi ferozmente atacado pelos mesmos que o tinham nomeado para investigar o fenómeno psíquico.

Um dos mais infames ataques que lhe foram dirigidos foi a acusação de Walter Mann de que a investigação de Sir William Crookes sobre a materialização foi, fraudulentamente conduzida porque ele estava a ter uma aventura amorosa com uma das médiums que ele estava a investigar – então uma rapariga de 15 anos. Naturalmente, a pessoa que fez essa declaração não teve a coragem, a autoridade e a convicção para a fazer enquanto Crookes estava vivo. Este covarde céptico Inglês esperou até depois da morte de Sir William Crookes, para lançar as suas imundas acusações.

Até aos nossos dias, este infeliz incidente, causado por pessoa com absoluta falta de mérito e repleta de ciúmes e inveja, continua sendo um dos exemplos de conduta mais aberrantes da história Inglesa da investigação do fenómeno psíquico. Aqueles que, por motivações materiais, se tornaram vítimas dos seus chefes materiais e estão a repetir a falsificação deliberada de Walter Mann contra Sir William Crookes, terão, um dia, que se retratar da sua campanha insultante e suja.

Sir William Crookes fez uma boa parte das investigações sobre o fenómeno psíquico com Daniel Dunglas Home. Numa das experiências, Home, com a assistência dos seus companheiros invisíveis, demonstrou a possibilidade de afectar o peso dos objectos, na presença imediata de Crookes. Dúzias de testemunhas altamente credenciadas e independentes, deram o seu testemunho sobre a capacidade de Home de fazer levitar pesadas peças de mobília. Crookes demonstrou, numa situação de laboratório, que Home era capaz de afectar o peso de uma tábua sobre uma balança, apenas colocando os seus dedos num copo de água no extremo da tábua.

Crookes concluiu que tinha descoberto uma ‘nova força’ a que ele deu o nome de ‘psíquica’. Notou que, essa força ou poder, era muito variável e, por vezes, desaparecia por completo. Isto exigiu investigação paciente e meticulosa. Esforçou-se por evitar especular sobre a natureza dessa nova força e apelou aos seus colegas cientistas para que o ajudassem a estudá-la (Crookes 1874:17).

Numa outra experiência, cuidadosamente construída, um instrumento musical, um acordeão comprado por Crookes, tocou, por si próprio, na presença imediata de Home. Nestas experiências, as mãos de Home estavam imobilizadas e o acordeão colocado numa gaiola de rede de arame através da qual passava uma corrente eléctrica. Crookes e duas das outras testemunhas presentes disseram que eles viram, distintamente, o acordeão ‘flutuando dentro da gaiola, sem nenhum suporte visível’ (Crookes 1874:14)

A esposa de Sir William, Lady Crookes estava mais disposta a falar, abertamente, sobre as suas observações. Aqui estava um clássico exemplo de como as inteligências do pós-vida eram capazes de se fazer ver. De acordo com ela, ela viu o acordeão ser tomado das mãos de Home por:

uma aparição vaporosa que depressa pareceu condensar-se numa forma humana, vestida numas vestes transparentes... era semi-transparente e eu podia ver as pessoas sentadas, através dela, por todo o tempo. O Sr. Home permaneceu junto à porta de correr. Ao aproximar-se a figura, senti um frio intenso, aumentando à medida que ela se aproximava e, ao entregar-me o acordeão, não consegui evitar de soltar um grito. A figura pareceu afundar-se no soalho até à cintura, deixando visível apenas a cabeça e os ombros, continuando a tocar o acordeão, que estava, então, a apenas 30 centímetros do chão (referência por Stemman 1975:129).

Não há dúvidas de que Sir William Crookes permanecerá como um dos grandes investigadores do fenómeno psíquico, tendo, de modo irreversível, estabelecido provas absolutas e objectivas da existência do pós-vida.

Mais experiências laboratoriais

O Dr. Hereward Carrington é um distinto, credibilíssimo e respeitado cientista e escritor, que

também exerceu o cargo de Director do Instituto Psíquico Americano. Em muitos casos, ele próprio investigou o fenómeno psíquico. Na sua impressionante obra, *The World of Psychic Research* (1973), ele delinea uma quantidade de experiências psíquicas em laboratório que, clara e absolutamente, provam como as inteligências do pós-vida estão em posição de fazer a sua presença e participação sentidas.

As experimentações psíquico-físicas do Dr. Osty – Rudi

O Dr. Eugene Osty, chefe do Instituto Metafísico de Paris, provou, sob condições laboratoriais, que um jovem médium, Rudi Schneider, era capaz de produzir, sem fraude, fenómenos físicos. Esta é a maneira como Carrington descreve a sua experiência:

O Dr. Osty colocou os objectos a serem movidos sob uma pequena mesa. Por sobre o tampo da mesa ele fez passar um feixe de raios infra-vermelhos. Estes eram, certamente, invisíveis aos olhos dos presentes mas, o aparelho era concebido de tal forma que, se algum objecto sólido se interpusesse na corrente dos raios, interrompendo até trinta por cento desses raios, a bateria de câmaras fotográficas seria, nessa altura, despoletada, os flashes começariam a disparar e seriam feitas fotografias do tampo da mesa. Isto aconteceria se qualquer coisa material tentasse mover os objectos – tais como uma mão humana. Uma série de fotos revelaria a fraude, imediatamente.

Em sessões que se seguiram, os objectos foram movidos em numerosas ocasiões, os flashes foram activados e as fotografias tiradas. O que é que mostraram? Nada – isto é, nada de anormal. Apenas mostraram a tampa da mesa. Contudo, algo tinha estado a mover-se por cima da mesa, porque o feixe de raios infra-vermelhos tinha sofrido interferência e os objectos tinham sido deslocados (Carrington, 1973:54).

A primeira fase da experiência foi o mais bem sucedida possível, com o médium obtendo a cooperação duma inteligência do pós-vida para deslocar os objectos de um lado para o outro de forma a fazer a sua presença conhecida, como evidenciado

pela bateria de flashes das câmaras disparando quando a inteligência deslocou os itens sobre a mesa.

A segunda fase consistia em localizar e identificar a presença da inteligência. Para isto, o experimentador idealizou um equipamento, um galvanómetro, através do qual seria possível registar o nível das oscilações ou das vibrações da inteligência, uma vez começada a experiência. Logo que a experiência começou, a inteligência começou a mover os objectos, dando a indicação da sua presença; então, qualquer coisa de espectacular aconteceu – o galvanómetro começou a registar as ‘pulsações’ da inteligência invisível. Como Carrington disse:

Foi qualquer coisa como tomar o pulso a um ser invisível, postado à nossa frente, no espaço (Carrington 1973:54)

Prova comprovativa

Ao longo de séculos, os videntes têm afirmado que todas as coisas vivas possuem um corpo invisível – como um corpo astral ou etérico – que duplica o nosso corpo físico e que contém a nossa mente ‘real’, distinta do nosso cérebro físico. Interessantemente, provas comprovativas desta afirmação foram reportadas por Sheila Ostrander & Lyn Schroeder no seu livro revolucionário PSI Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain (1973) .

Estes autores constatarem que experiências na Rússia, utilizando equipamentos electrónicos sensíveis, estão detectando que todas as coisas vivas – plantas, animais e humanos – não só têm um corpo físico, feito de átomos e moléculas mas, também, têm um correspondente corpo de energia que os Russos estão fotografando e a que chamam ‘o corpo biológico de plasma’. Curiosamente, os Russos confirmaram a afirmação de videntes de que, se um ser humano perde um dedo ou um braço ou uma perna, o seu corpo duplo mantém-se intacto – com uma espécie de ‘fastasma’ do membro perdido (Ostrander e Schroeder 1973:223)

Medindo a temperatura psíquica

Uma outra experiência, extremamente impressionante, incluído no livro de Carrington (1973), era fazer os possíveis por produzir provas objectivas e científicas para as muitas afirmações de médiums de que uma ‘brisa fria’ se estabelece sempre que se detectem

inteligências nas proximidades e quando eles entram em transe. Por muito tempo, a afirmação dos médiums tinha que ser subjectivamente aceite, até que a ciência pudesse provar que a mudança da temperatura poderia ser objectivamente medida.

Um termómetro ... foi introduzido na gaiola de rede de arame e apertado a uma viga da parede com parafusos. O mecanismo foi posto a funcionar logo antes do começo da sessão e, evidentemente, começou por registar o calor da sala. Na sessão que se seguiu, um número de fenómenos físicos extraordinários foram observados, entre eles, completas elevações ou levitações da mesa. A coincidir com estas manifestações, o termómetro mostrou instantâneas baixas de temperaturas, de cinco a dez graus centígrados. E, estas baixas, levaram apenas um ou dois segundos para acontecer e coincidiram, exactamente, com os fenómenos psíquicos que se estavam a passar noutras partes da mesma sala. Assim, a ciência estava a ser capaz de medir um outro acontecimento notável (Carrington 1973:57).

Esta experiência foi replicada na Inglaterra, pelo investigador psíquico Mr. Price, de Londres, no Laboratório Nacional das Experiências Psíquicas. Carrington relata:

O objecto da experiência era provar, de forma conclusiva, que a nova força, desconhecida da ciência, estava sendo empregada sob condições que excluam qualquer forma de fraude ou truques (1973:57).

Testes psicológicos

Numa outra série de experiências laboratoriais, os investigadores mudaram-se dos testes físicos para os psicológicos. Isto envolveu a participação de um dos médiums de mais sucesso na América – Mrs. Garret - que, de acordo com Carrington, se submeteu a toda a espécie de investigações científicas. Ela foi testada por importantes universidades e grupos de cientistas na Europa e na América.

Mrs. Garret, como médium, dizia que tinha um controle regular, um espírito ou inteligência pelo nome de Urvan, que falava através dela, enquanto ela estava em transe. Os experimentadores decidiram utilizar teste de associação de palavras, idealizado pelo Dr. Carl Jung, de Zurique, para testar se Urvani era, na realidade, uma entidade independente da Sra. Garret.

Foi decidido fazer o teste à Sra. Garret quando ela não estivesse em transe, e dar ao seu controle, Urvani, um teste de associação de palavra quando a Sra. Garret estivesse em transe.

Psicólogos profissionais e psiquiatras atestam que a pessoa não consegue manter fraude por tempo algum, quando se utiliza um teste de associação de palavra, de 100 palavras, em que o tempo de resposta a uma palavra é medida em décimos de segundo. Qualquer inconsistência ou hesitação é notada, imediatamente. Sendo assim, combinou-se que Urvani sugere-se-ia ao teste e que ele traria consigo outras sete inteligências do pós-vida que também participariam.

Os resultados mostraram, conclusivamente, que as associações de palavras da Sra. Garret, quando não estava em transe e de Urvani e das outras sete entidades eram todas, radicalmente, diferentes e que não era possível que a informação transmitida viesse de uma única pessoa ou de uma única mente (Carrington 1973:59). Estes resultados estão de acordo com o argumento de que nós sobrevivemos à morte física e que a nossa personalidade, a nossa mente, o nosso carácter sobrevive conosco.

Máquina de análise da voz

A independência das entidades, falando através dum médium, foram também confirmadas por investigação científica, completamente independente, a uma médium Australiana extraordinariamente dotada, Shirley Bray. As vozes de três inteligências que, regularmente, se manifestavam através dela, foram gravadas. Estas vozes gravadas foram, então, submetidas a uma máquina da mais alta tecnologia, a mesma que foi utilizada pela polícia Inglesa para condenar um criminoso serial, o Estrangulador de Yorkshire. A máquina de voz, construída por cientistas, pode medir variáveis tais como a cadência, o ritmo, o sotaque, etc. A máquina demonstrou que todas as vozes gravadas da médium Shirley Bray eram as vozes de indivíduos, completamente, diferentes. Os cientistas declararam, em termos inequívocos, que, uma vez que a máquina regista também os padrões respiratórios da pessoa, enquanto ela fala, não teria sido possível que uma pessoa só, pudesse produzir as três vozes da gravação. Isto porque a vibração do padrão de voz para cada pessoa é como uma impressão digital – diferente de pessoa para pessoa (Bray 1990:15).

Análise do EEG

O Professor Americano Charles H Hapgood, relata no seu excelente livro, *Voices of Spirit* (1975), que ele testou um médium para ver se o Electroencefalograma (EEG) do médium Elwood Babbitt, quando não estava em transe seria diferente de quando o médium estivesse, alegadamente, tomado e controlado por inteligências do pós-vida. Hapgood fez um EEG de Babbitt, enquanto, alegadamente, controlado por três inteligências. Cada um dos três EEG foram considerados completamente diferentes um dos outros e do EEG de Babbitt quando não estava em transe. Um perito em EEG, o Dr. Bridge, reparou que os EEG's tinham características de pessoas de diferentes idades físicas e que não poderiam pertencer a uma única pessoa. Hapgood reproduz os diagramas dos EEG no seu livro (1975:224-227).

Estas são apenas algumas amostras entre um grande número de experiências que, em conjunto, formam um corpo de evidência substancial.

10. A científica observação dos médiums

‘Quem não viu, deve abster-se de se pronunciar.’
Professor Charles Rochet

Os cépticos de espírito fechado têm, geralmente, tentado minimizar a importância da obra dos médiums, sugerindo que são tudo manifestas fraudes ou logros destinadas aos incautos ou os mentalmente confundidos.

Embora hajam, indubitavelmente, alguns que se chamam a si próprios ‘médiums’ e que são desprovidos de qualquer talento, e outros, ainda, que defraudam e mentem com propósitos comerciais, existem médiums genuínos cujos trabalhos impressionaram o mundo com informações surpreendentemente rigorosas sobre o pós-vida.

Contudo, quando se investiga a literatura especializada, utilizando os mesmos testes de credibilidade que os historiadores utilizam para se certificarem de que certos eventos, realmente, ocorreram, existe um esmagador corpo evidencial que demonstra que tem havido, no passado, como no presente, médiums genuínos que produziram um assombroso volume de provas objectivas sobre a sobrevivência da personalidade individual.

Um médium, por vezes também chamado ‘canal’, é uma pessoa com dotes especiais, que se comunica com seres do pós-vida. A mediunidade cobre muitos tipos de fenómenos psíquicos. O mais comum é a ‘mediunidade mental’ em que o médium comunica através da sua visão interior, a clarividência, a escrita automática ou a fala automática. Por vezes, o médium entra completamente em transe e outra entidade toma conta do seu corpo, temporariamente. Há também ‘mediunidade física’ que é caracterizada por batimentos, levitação e movimentação de objectos. Alguns raros médiums físicos conseguem produzir ‘voz directa’ em que, vozes de entes queridos falecidos falam à audiência, utilizando as cordas vocais do médium. Ainda mais raro, são os ‘médiums de materialização’ em cuja presença coisas e espíritos de animais e pessoas aparecem na realidade.

John G. Fuller, um respeitado jornalista que investigou as provas de mediunidade, aponta para o problema criado pelo enorme volume delas:

Examinando, ela é tão persuasiva que aponta para a conclusão racional de que a vida é contínua e que a comunicação articulada é possível. O problema que se põe, é que as provas se amontoam a um tal volume, que se torna maçador e enfadonho examinar tudo. Como o estudo da matemática e da química, ela requer um meticoloso trabalho para a examinar (Fuller 1987:67-68).

Ele aponta para o facto de que um comité da Igreja de Inglaterra ter levado dois anos para examinar o enorme volume de provas da mediunidade. O Comité foi especialmente nomeado em 1937 pelos Arcebispos Lang e Temple para investigar o Espiritismo. As suas investigações incluíram sessões com alguns dos melhores médiums da Inglaterra. No fim desse tempo, contudo, sete dos dez membros do Comité – sob enorme pressão – chegaram à conclusão de que:

a hipótese de que elas (as comunicações dos espíritos) vêm, em alguns casos, de espíritos desencarnados, é a pura verdade (Psychic Press 1979).

Este relatório foi considerado tão perigoso pelos conservadores da Igreja que foi carimbado como ‘Privado e Confidencial’ e encerrado no Palácio Lambeth durante 40 anos, antes de ter transpirado para os órgãos de comunicação social, em 1979.

Uma agulha no palheiro

É, na realidade, extremamente raro encontrar um médium psíquico altamente dotado. Gearge Meek, o pesquisador Americano de fenómenos psíquicos, levou 16 anos a viajar por diferentes países – de 1971 até 1987 – tentando encontrar os mais bem dotados médiums do mundo. Nesse período de tempo ele encontrou somente seis médiums soberbamente dotados, nenhum dos quais alguma vez publicitou as suas qualidades psíquicas ou cobrou dinheiro pelos seus serviços (Meek 1987:81-82).

Do pós-vida chegam-nos a informação de que os objectivos dum médium são muito importantes para a manutenção e qualidade da sua mediunidade – deste modo, o ego e o desejo de alcançar estatuto podem, efectivamente, conduzir à redução dos poderes do médium e acabar por levar ao contacto com seres espirituais menos desenvolvidos.

Quando a mediunidade é utilizada como um negócio, poderá haver a tentação de logro ou de falsificar resultados quando não venham naturalmente, e astrais mais baixos do pós-vida poderão ser atraídos. Isto significa que, embora inteligências mais baixas se possam comunicar através do médium, nenhum conhecimento significativo será transmitido. O materialismo e a espiritualidade são como o óleo e a água – não se ligam.

No Ocidente, a maioria dos médiums verdadeiramente dotados, furtaram-se à publicidade e mantiveram-se num deliberado anonimato, aceitando pouco ou nenhum dinheiro e restringindo as suas actividades a pequenos círculos de participantes regulares e de confiança. A história recente ensinou aos médiums genuínos que se deveriam manter afastados daqueles que se proclamam pesquisadores psíquicos e manter o seu trabalho muito discreto.

Um médium que combinou o ideal da mediunidade com o serviço espiritual foi Chico Xavier, no Brasil. Embora modestamente educado, e quase cego, ele foi o autor de mais de 126 livros psicografados que foram best sellers, cobrindo uma diversidade de temas altamente especializados e técnicos. Contudo, ele renunciou à riqueza e à influência que lhe eram oferecidas e dedicou a sua vida e a sua mediunidade para provar a sobrevivência e para providenciar alimentação, vestuário e assistência médica aos pobres.

Ele foi considerado, por muitos, como um santo Cristão radical – um ‘sistema de segurança social dum só homem’, um homem de uma ‘quase patológica modéstia e humildade’ (Playfair 1975:27).

A literatura do Espiritismo está cheia de diários auto-publicados e livros atestando os eventos maravilhosos que aconteceram e que continuam a acontecer através do trabalho de tais dedicados médiums. Um livro recente neste sentido é Russel (1994) no qual o autor, Gwyne Byrne conta como ela e o marido, Alf, se reuniram com filho de nove anos e que se materializou através da mediunidade da médium Britânica de Midland, Rita Goold, em mais de uma centena de ocasiões. Gwayne fundou uma sociedade para confortar outros pais cujos filhos ‘morreram’ e que se chama ‘Russel’s Pink Panther Society’.

Muitas pessoas famosas e de ideias persistentes se reuniram, regularmente, com médiums, ao longo de anos, tendo publicado testemunhos pessoais do que presenciaram em primeira mão. Um dos notáveis foi Many Mansions publicado pela primeira vez em Novembro de 1943, pelo Marechal Chefe da Força Aérea Britânica, Lord Dowding, que conduziu a força aérea Britânica na Batalha da Inglaterra. Outro foi Raymond escrito em 1916, pelo proeminente cientista Inglês do tempo, Sir Oliver Lodge.

É bem conhecido que Abraham Lincoln frequentava sessões na Casa Branca durante a Guerra Civil Americana e que recebeu instruções de seres espirituais, através de médiums em transe, sobre a necessidade de libertar os escravos (Stemman 1975:22-25). A Rainha Victoria, embora, nominalmente, chefe da Igreja de Inglaterra, comunicou-se, por muitos anos, com o seu marido através do médium de transe, John Brown, instalado por ela no seu castelo. Ela criou todos os seus filhos como espiritualistas. A presente Rainha Mãe muitas vezes utilizou os serviços da médium Lillian Bailey para se comunicar com o seu marido, o Rei George VI. Sir Winston Churchill era amigo íntimo da médium Bertha Harris durante a Segunda Guerra Mundial. Bertha Harris fez várias visitas ao número 10 de Downing Street, aos domingos à tarde, durante a guerra e predisse Pearl Harbour seis meses antes do ataque (Meek 1973:140). O General De Gaulle também se consultou com ela, regularmente, durante a sua estadia na Inglaterra, durante a Segunda Guerra

Mundial tendo sido apresentado a ela por Churchill (Meek 1973:140).

E, de acordo com Arthur Findlay, várias sessões têm sido levadas a cabo no Vaticano. Em *Looking Back* (1955), ele conta como, em Roma, em 1934, ele se dirigiu a uma ampla audiência que incluía altos dignitários da Igreja. Depois da reunião, ele conta que um cardeal lhe teria contado que outras sessões teriam tido lugar no Vaticano, mas que o Papa Pio XI era um mau participante e que resultados muito melhores eram obtidos quando ele não estava presente (Findlay 1955:350).

Um punhado de médiums cooperou com pesquisadores psíquicos, por vezes hostis, para provar os seus dotes. Por vezes isso foi à custa de grande custo pessoal, visto que os médiums são, por definição, pessoas de sensibilidade altamente desenvolvida.

Como atrás mencionado, a Igreja de Inglaterra conduziu um estudo de dois anos sobre a mediunidade na Inglaterra, nos anos 1930. Os seus representantes se reuniram com alguns dos melhores médiums existentes e concluíram que havia abundantes provas de que os espíritos bons podem ser contactados através da mediunidade e que verdadeira orientação poderia ser recebida.

Seja quem quer que seja que queira desacreditar a mediunidade terá que se haver com as provas obtidas nestes dois anos de estudo, bem como as provas produzidas por alguns dos melhores médiums mundiais, referidos a seguir.

Chapters 11-20

11. Leonore Piper, uma poderosa médium Americana

‘Não cometerei a estupidez, em voga, de considerar como uma fraude tudo o que não consigo explicar.’

C. G. Jung

Um dos médiums mais espetaculares e assombrosos que viveram, desde sempre, foi a Americana, Mrs. Leonore Piper, de Boston. Ninguém, nem mesmo os mais teimosos cépticos de espírito fechado, puderam alguma vez sugerir fraude, depois de a investigarem.

Ela entrava em transe e, então, o controle – uma inteligência do pós-vida de nome Dr. Phinuit – tomava conta e começava a dar uma vasto e preciso número de informações e mensagens de seres que tinham partido desta vida.

Um exemplo, entre os milhares através das décadas em que a Mrs. Piper foi, terrivelmente, certa na sua mediunidade mental, foi quando o Reverendo e a Mrs S. W. Sutton participaram numa sessão em 1893. Os Sutton, de acordo com o relatório de Richard Hodgson, eram pessoas altamente inteligentes. Eles participaram na sessão da Mrs. Piper com a finalidade de ver se conseguiam contacto com a sua filha que havia falecido recentemente. Hodgson tinha fornecido um estenógrafo, de modo que, o que foi declarado através da Mrs. Piper, sobre a filha dos Sutton, está agora guardado nos arquivos do (UK) Society for Psychical Research para a posteridade (veja Proceedings da SPR 1898:284-582).

Mrs. Piper foi capaz de estabelecer contacto entre os Suttons e a sua bem amada menininha. A informação não deixou nenhuma dúvida, seja de que espécie fosse, de que a rapariguinha estava, realmente, comunicando-se do pós-vida com o seu pai e sua mãe ainda viventes na Terra.

Apenas algumas informações transmitidas pela rapariguinha aos seus pais:

Ela confirmou que tinha o costume de morder os botões. Ela identificou o seu Tio Frank e um amigo que tinha morrido com um tumor e referiu-se ao irmão pela sua alcunha. Ela referiu-se às suas dores de garganta e língua paralizada e que a sua cabeça costumava ficar quente, antes de morrer. Ela referiu-se à Dinah, a sua boneca, à sua irmã Maggie e ao seu cavalinho de brinquedo. Ela também cantou duas canções, as mesmas que cantou imediatamente antes de falecer. Os Suttons não tiveram nenhuma dúvida de que tinham feito contacto com a sua rapariguinha e ficaram especialmente felizes quando ela lhes assegurou: ‘Estou feliz... não chorem mais por mim.’

Uma das capacidades mais importantes que Mrs. Piper tinha desenvolvido, era a habilidade de ter duas inteligências comunicando-se através dela simultaneamente. Um investigador do English Society for Phychical Research (SPR), Richard Hodgson, declarou num dos seus relatórios para o SPR que ele testemunhou uma inteligência do pós-vida comunicando-se através da Mrs. Piper para um membro da sessão, ao mesmo tempo que a mão de Mrs. Piper psico-escrevia uma mensagem totalmente diferente acerca de um assunto diferente para o próprio Hodgson.

Inicialmente, houve uma grande dose de criticismo e de cepticismo acerca da mediunidade de Mrs. Piper. Mas, quando as informações e as mensagens do pós-vida foram tão consistentemente precisas, ao fim de tantos anos, eventualmente, até o segundo maior céptico membro do English Society for Psychical Research (SPR), Richard Hodgson, formalmente, concordou que a mediunidade de Mrs. Piper era genuína e ele confirmou que as informações vinham de inteligências do pós-vida.

A direcção do SPR esperava que Richard Hodgson desacreditasse Mrs. Piper, tal como ele tinha tentado desacreditar todos os médiums estabelecidos, incluindo Madam Blavatsky e Eusapia Palladino. Ele tinha sido, especialmente, escolhido e enviado pelo SPR para investigar a mediunidade de Mrs. Piper logo nos primeiros tempos. Isto porque Hodgson não aplicava o método científico para descobrir a verdade. Ele não tinha sido treinado no método científico e contava apenas com o seu preconceito anti-psíquico para fazer a investigação. Antes de ir investigar a Mrs. Piper ele declarou que ia mostrar como ela era capaz de utilizar truques tão efectivamente ou, nas suas próprias palavras, como a Mrs. Piper obtinha informações ‘previamente, por processos ordinários, tais como cúmplices.’

Hodgson estava determinado a denunciar Mrs. Piper. Contratou detectives particulares para a seguir e relatar com quem ela se encontrava fora de sua casa, para interceptar correio, para convidar participantes falsos e negativos e estranhos para as suas sessões e para fazer todo o possível para provar que a Mrs. Piper não era um médium genuíno.

Apesar de toda a oposição e toda a obstrução e controlos, as informações, incrivelmente certas, continuaram a ser canalizadas através de Mrs. Piper. Então, Hodgson começou a argumentar que o seu controlo, o Dr. Phinuit, era um desdobramento da mente da Mrs. Piper! Ele argumentou que, uma vez que o Dr. Phinuit não podia dizer quem tinha sido, quando viveu na Terra, ele não podia ser real. Ou que o Dr. Phinuit aceitou ter sido chamado por um outro nome de Sciville. Ou que, porque ele não podia responder a certas perguntas sobre filosofia, então, ele não existia. Ou que a telepatia explicava tudo. A utilização destes argumentos tende, naturalmente, a negar, completamente, a existência do pós-vida.

Claramente, os objectivos de Hodgson não eram válidos, tecnicamente. Escritores do fenómeno psíquico, mesmo escritores contemporâneos, têm escrito com demasiado entusiasmo acerca do que Hodgson declarou acerca dos médiums. Mas, estes escritores, repetidamente:

- não revelaram que ele não estava tecnicamente habilitado para investigar o fenómeno psíquico,
- não revelaram que ele não era tecnicamente competente,
- não revelaram que ele estava sob enorme pressão da liderança do SPR para encontrar algo contra os médiums,
- não revelaram que a presunção de fraude por Hodgson era uma perturbadora variável deliberadamente descontrolada, inaplicável e negativa.
- não revelaram que o ónus de, tecnicamente refutar as provas produzidas por Mrs. Piper acerca do pós-vida, era de Hodgson,
- não criticaram Hodgson por não usar a ciência para rejeitar o pós-vida,
- não revelaram que ele não tinha a sensibilidade ou que não tinha o conhecimento necessário de assuntos psíquicos para administrar testes de validade e integridade,

Nas suas objecções preliminares, o próprio Hodgson ficou por demonstrar que:

- As suas pretensões de telepatia eram válidas,
- Mrs. Piper era competente para ler a mente de outras pessoas,
- Mrs. Piper, enquanto inconsciente durante as sessões, poderia ler as mentes,
- A telepatia de Mrs. Piper se estendia aos que se encontravam a centenas de milhas longe do local das sessões e enquanto ela estava inconsciente,
- As informações certas não provinham de inteligências do pós-vida

Não há que negar quem tinha a responsabilidade de provar algo. O ónus da prova da validade das suas objecções, claramente que assentava sobre Hodgson. Mas ele apenas proferiu palavras como: ‘...não posso provar absolutamente nada.... Não posso provar fraude, não posso provar logro, não posso provar truques contra Mrs. Piper mas... acreditem-me... não acreditem em ninguém mais senão em

mim... acreditem somente em mim pois, somente eu possuo a verdade sobre estas coisas e ninguém mais...’

Essa espécie de reivindicação dogmática, intencionalmente prejudicial e não substanciada, não era a maneira profissional de apresentação de refutações, então, e nem tão pouco o é hoje.

Mais ainda, não era legítimo que Hodgson, que deveria saber melhor visto ser licenciado em direito, tivesse levantado a objecção acerca de Phinuit pelo facto de Phinuit não responder a questões sobre filosofia. Isso era uma outra objecção técnica inapropriada, irrelevante e ilegítima.

O que era imediatamente relevante era se a informação que estava a ser transmitida era correcta e se provinha de uma inteligência do pós-vida e não quanta filosofia o controlo de Mrs. Piper sabia e se Phinuit era o seu nome ou outra coisa qualquer.

Nós sabemos que, subseqüentemente, Hodgson teve de engolir as suas objecções, as suas rejeições, a sua arrogância e a sua intransigência contra a aceitação do fenómeno psíquico e a, confessar relutantemente que a comunicação dos espíritos era a única explicação para as informações, persistentemente precisas, que ele e outros receberam.

Seria, realmente, um enorme absurdo que estes investigadores do SPR, depois de continuamente receberem brilhantes e extremamente acertadas informações acerca de centenas de coisas diferentes, continuassem a reclamar que não era possível que inteligências do pós-vida estivessem a guiar Mrs. Piper.

O que aconteceu era que, um grande número de pessoas aceitaram a prova do pós-vida de Mrs. Piper porque receberam informações correctas mas, os cépticos de espírito fechado da liderança do SPR não aceitaram. A sua estratégia era a de que, se pudessem desacreditar e destruir o controlo de Mrs. Piper, Phinuit, eles destruiriam qualquer noção de que alguém do pós-vida pudesse, de algum modo, estar envolvido.

Voltando à telepatia. Quando os cépticos de espírito fechado não conseguiram desacreditar Mrs. Piper, o seu novo alvo de ataque era que, enquanto em transe – isto é, enquanto ela estava totalmente inconsciente - Mrs. Piper estaria lendo as mentes não só daqueles que estavam na sessão mas também das outras que estariam a centenas de milhas longe do local em que se desenrolavam as sessões!

Há algo de muito bizarro quando os proeminentes cépticos de espírito fechado do SPR (Inglês) – tais como Hodgson, inicialmente, e Frank Podmore que nunca aceitaram a telepatia, reclamavam que ‘deveria ser telepatia!’ quando as provas do pós-vida que Mrs. Piper estava fornecendo eram objectivas, científicas, sem falhas e absolutas. Isto

aconteceu porque os líderes do SPR, por mais de cem anos e até aos dias de hoje, têm negado a existência da telepatia ou de seja o que fôr psíquico! Eles até rejeitaram experiências, levadas a cabo sob os auspícios dos seus próprios membros, em que a probabilidade de ocorrência, por acaso, do resultado era de 1 para 9.999.999.999.999.999.999.999.999.999.999 – veja as experiências sobre telepatia com crianças de Creery (Inglis 1977:322-324).

Como um rápido à parte, é interessante notar que, tanto quanto é do meu conhecimento, os investigadores do SPR nunca objectaram resultados obtidos, em assuntos não-psíquicos, tendo declarado estatisticamente significantes e comercialmente aceitáveis um nível de probabilidade tão baixa como .05 – uma hipótese em vinte de que os resultados verificados foram-no por acaso. Mas, quando toca às experiências psíquicas, tais como as experiências de telepatia das crianças de Creery, os desonestos acessores psíquicos do SPR aplicam um padrão incompatível.

Os factos acerca de Mrs Piper não estão em disputa. Autores diversos reconheceram que o Dr. Phinuit foi o seu primeiro controlo. Mas, então, um dos amigos de Hodgson, George Pellew, morreu de repente e sucedeu ao Dr. Phinuit, manifestando-se através de Mrs. Piper, quando ela estava em transe. Hodgson estava, agora, numa situação única para fazer ao seu falecido amigo milhares de perguntas sobre o seu relacionamento. Por anos Mrs. Piper, ou mais correctamente, George Pellew, através dela, respondeu às suas milhares de questões correctamente.

Ao longo de vários meses Hodgson apresentou, nas sessões, mais de 150 pessoas a Mrs. Piper, enquanto em transe. Destas, trinta conheciam George Pellew quando em vida – as outras nunca se encontraram com ele. George Pellew foi capaz de identificar, correctamente, todos os participantes que ele tinha conhecido. A maior parte deles sentaram-se, conversaram e relembrou o passado com George Pellew, falando através de Mrs. Piper, como se ele próprio estivesse aí em carne e osso. O seu único erro foi não conseguir identificar uma pessoa com quem ele não se tinha encontrado desde que ela era uma rapariguinha!

Estes encontros foram tão impressionantes que Richard Hodgson escreveu o seu relatório, explicando, em detalhe, porque é que ele tinha errado nos seus relatórios anteriores e que, agora, ele tinha aceite, irrecusavelmente, a existência do pós-vida. Na realidade, Hodgson declarou no seu relatório que ele se tinha comunicado com inteligências do pós-vida e que ele próprio não via o dia de ir para lá.

O que é que Hodgson admitiu acerca de Mr. Piper?

O inflexível cepticismo de Richard Hodgson levou-o a cometer alguns dos mais horríveis disparates da história de fenómenos

psíquicos. Mas chegaram ao fim com Mrs. Piper. Ele verificou a existência do pós-vida, dizendo

... até ao presente, não posso pretender ter alguma dúvida sequer de que os principais ‘comunicadores’ a quem me refiro nas páginas a seguir, são, provadamente, as personalidades que eles dizem ser, que eles sobreviveram à mudança a que chamamos morte e que eles se comunicaram directamente conosco que nos chamamos vivos, através do organismo de Mrs. Piper, em transe (SPR Proceedings Vol. 13, 1898, H10).

Isto foi espantoso. Aqui temos alguém cuja anterior imaturidade, relativa incompetência e inexperiência tinha ajudado a destruir a credibilidade de dois médiums internacionais com quem ele não se preocupou em tomar o tempo suficiente para os investigar convenientemente. Quando investigou Mrs. Piper ele aceitou o pós-vida porque as provas persistentemente acertadas através de anos não poderiam passar despercebidas. Hodgson foi derrotado sem remissão por uma médium mental e ele tinha consciência disso.

Mrs. Piper, a brilhante e bem dotada médium Americana, repetidamente, ganhou outras batalhas contra cépticos de espírito fechado, muitas vezes desonestos e negativos. A História guarda memória desta excitante vitória da mediunidade psíquica genuína, comunicando-se com inteligências do pós-vida

Os cientistas eminentes, os gigantes da ciência – que dizem eles?

Alguns dos mais eminentes cientistas e escolásticos, depois de, cientificamente, investigarem a mediunidade de Mrs. Piper, concordaram, unânimemente, em termos absolutos e sem reservas de que Mrs. Piper tinha provado a existência do pós-vida. Estas citações foram tomadas do autorizado livro do Prémio Nobel, Professor Richet, sobre o fenómeno psíquico, *Our Sixth Sense* (1927).

O Professor Myers, um dos mais distintos cientistas do Mundo, declarou:

As mensagens que me foram transmitidas e certas circunstâncias indicadas, tornavam impossível que Mrs. Piper tivesse conhecimento delas (Richet 1927:128).

Sir Oliver Lodge, um outro dos mais distintos cientistas que este Mundo jamais viu, disse:

Assegurei-me a mim próprio de que a maior parte das informações fornecidas por Mrs. Piper, em estado de transe, não foram obtidas pelos ordinários métodos quotidianos e excluem a utilização dos normais canais dos sentidos (Richet 1927:128)

O Professor William James dos Estados Unidos, inicialmente, um inflexível céptico e um dos intelectuais de maior inspiração do seu tempo, admitiu:

Estou absolutamente certo de que Mrs. Piper, em estado de transe, conhece coisas que seria impossível ela ter conhecimento no seu estado desperto (Richet 1927:128).

O Professor Hyslop, dos Estados Unidos, um dos mais obstinados cépticos de espírito fechado que, por muitos anos disseminou a maior parte da propaganda anti-psíquica, eventualmente admitiu a genuinidade da mediunidade de Mrs. Piper. Ele, como Hodgson, também se converteu à aceitação do pós-vida.

12. Hodgson e Houdini – Cépticos Falhados?

‘... absurda e ilógicamente céptica, a SPR tornou-se numa sociedade virada para a supressão de factos, para a imputação massiva da decepção, para o desencorajamento do sensível e o repúdio de toda a revelação do género dito auto-imposto à humanidade pelas regiões da luz e do conhecimento.’

Sir Alfred Russel Wallace

Um acontecimento mais do que espantoso aconteceu após a aceitação do pós-vida por Hodgson. Um dia, logo após praticar desporto, Hodgson foi acometido de morte súbita na relativamente jovem idade dos 50 anos. Pouco depois, ele substituiu George Pellew como controlo de Mrs. Piper. Relatou mais informações do pós-vida mas, para espanto seu, constatou que algumas pessoas não aceitavam que ele fosse Hodgson como ele dizia. O Professor James disse, ‘Sim, pode ser que seja Hodgson quem está transmitindo estas informações mas, não estou tão seguro disso...’. Uma vez mais Hodgson mostrou as suas limitações e a sua falta de talento e apenas foi capaz de explodir em frustração:

‘Se não sou Richard Hodgson, então Richard Hodgson nunca existiu’

Para a direcção do English Society for Psychic Research a morte de Richard Hodgson foi, na verdade, uma grande notícia. Seria sobremaneira embaraçoso para a direcção do SPR se ele continuasse vivo, transmitindo, continuamente, a milhões de pessoas que o pós-vida existe, que ele tinha obtido informações e que repetidamente se tinha comunicado com inteligências do pós-vida e que ele tinha, de forma conclusiva e constante, comprovado que as informações eram incrivelmente correctas.

Antes de morrer ele apresentou o seu relatório ao SPR, confessando que se tinha convencido de que inteligências do pós-vida eram responsáveis pela riqueza e acuidade de informações que eram

recebidas através de Mrs. Piper. As consequências eram sérias e de repercussões muito sérias. Não foram determinadas até hoje.

Esta confissão demonstra, inegavelmente, que o primeiro relatório de Hodgson sobre Mrs. Piper, negando o pós-vida, teria que estar errado, inevitavelmente, e necessitava de revisão. As informações que ele recebeu na sua segunda sessão eram muito correctas mas, a sua defesa era que, ‘... não pode ser verdade porque não acredito nele e estou aqui com a missão de descobrir fraude.’

Hodgson, um jovem investigador, ao tempo, relativamente, imaturo, inexperiente e falho de competência técnica era ignorante das leis do método científico. Ele tinha, antes, reclamado fraude contra dois médiums de sucesso internacional, Madame Blavatsky e Eusapia Palladino.

Agora, é importante recordar que, inicialmente, Hodgson tinha declarado que Mrs. Piper estaria a defraudar. Ele tinha viajado da Inglaterra para os Estados Unidos com a específica finalidade de a desmascarar. Sistemáticamente, tinha feito alegações de fraude contra todos os médiums que investigara.

A parcialidade, incompetência e negligência de Hodgson

Não há dúvidas que, se Hodgson tivesse dispendido o tempo suficiente com os outros médiums que ele, supostamente, investigou e declarou fraudulentos, teria chegado à mesma conclusão: de que eram genuínos. Para isso teria, tão sómente, que dispende o tempo necessário!

O que, inevitável e necessariamente, acontece é que todos os outros relatórios que ele enviou ao SPR, antes da sua conversão ao espiritualismo, deverão ser revistos à luz da sua admissão de que:

- o pós-vida existe,
- ele se comunicou, repetidas vezes, com inteligências do pós-vida,
- através de Mrs. Piper ele recebeu informações precisas do pós-vida, ao longo de muitos anos,
- era incorrecto presumir que um fenómeno de telepatia se estaria a passar com Mrs. Piper
- ele estava errado ao utilizar a presunção de fraude contra médiums, e que

- ele tinha aceitado, em absoluto, que as informações de Mrs. Piper provinham de pessoas que tinham vivido na Terra.

Esses relatórios incluem o que Hodgson escreveu sobre Madame Blavatsky, na Índia, em que ele nunca justificou porque é que utilizou informações que lhe foram dadas por rivais de Madame Blavatsky e que teriam, inevitável e negativamente, influenciado as suas percepções acerca de Madame Blavatsky.

De igual modo, o relatório rejeitando Eusapia Palladino deverá ser revisto para demonstrar que Hodgson estava equivocado. Não conduziu as investigações de modo apropriado e não tinha competência para aplicar distinção científica do mesmo modo como tinham feito um outro membro principal do SPR, Hereward Carrington e outros cientistas mais antigos na Europa, quando investigaram Palladino. Eles concluíram que – embora ela tivesse testado os investigadores muitas vezes – produziu fenómenos psíquicos genuínos.

Compreensivelmente e não obstante as inúmeras insuficiências de Hodgson, como investigador, ele não tinha absolutamente nada a ganhar ao concluir que Madame Blavatsky ou, depois, Palladino fossem médiums autênticos. Blavatsky e a ‘camponesa’ Italiana Palladino eram ‘estrangeiros’ longínquos para os ultra conservadores líderes do SPR Inglês, numa época em que os preconceitos raciais eram extremamente exaltados. Os rivais de Blavatsky fizeram, inclusivé, acusações frívolas de que ela exerceria espionagem a favôr dos Russos! Se ele a favorecesse, seria ridicularizado e, provávelmente, banido do SPR do mesmo modo como outros o foram, outros que aceitaram a mediunidade genuína – e do mesmo modo como, ainda hoje, nas universidades, os professores que aceitam o fenómeno psíquico são sujeitos a risota e a perseguição.

Foi tão fácil, vantajoso e mesmo obrigatório que Hodgson acertasse agulhas com a direcção do SPR, não obstante a verdade, e descobrir factos contrários à mediunidade de Madame Blavatsky e Eusapia Palladino e outros médiums genuínos.

Disto decorre que todos os relatórios de Hodgson para o SPR acerca da mediunidade e do fenómeno psíquico deverão ser revistos e, onde aplicável, os médiums falsamente acusados de logro ou fraude deveriam ser reabilitados.

Terá Hodgson denunciado Madame Blavatsky?

Apenas para constar, como anteriormente foi referido, adequada terminologia deverá ser utilizada ao avaliar alguém como Richard Hodgson. Ele não desmascarou Blavatsky ou Palladino. Técnicamente, no contexto das suas próprias limitações como

investigador, ele – com algum complot fabricado pelo SPR – alegaram, unilateralmente, que houve fraude, por oposição a que, objectivamente, teria sido descoberta fraude. Os escritores do século vinte parecem terem omitido fazer esta distinção muito importante.

Antes de Hodgson ter investigado Madame Blavatsky, ele era um desconhecido, um zé-ninguém, uma não-entidade, enquanto que Madame Blavatsky era uma mulher poderosa que tinha fundado a Sociedade Teosófica com ramificações em todo o Mundo. Madame Blavatsky argumentaria, hoje, que o tempo a tinha vingado. Os seus escritos espirituais foram cruciais na mudança do pensamento ocidental duma dogmática crença religiosa profundamente enraizada e intolerante para uma visão mais ampla de iluminismo espiritual da pessoa e de responsabilidade individual. Ela também poderia reclamar que isto contribuiu, inevitavelmente, para o advento da Nova Era (New Age) nos últimos dias do século vinte.

A esta luz, poderemos concordar que Madame Blavatsky teria tido muitos inimigos ocultos e poderosos no ‘establishment’ ocidental e nas religiões tradicionais instituídas. Madame Blavatsky argumentaria que a sua Teosofia é conhecida pela sua alta espiritualidade e é tomada, por muitos, como um poderoso veículo das ‘forças da Luz’. Desde a morte de Hodgson a Sociedade Teosófica aumentou, substancialmente, o número de adeptos, internacionalmente, e tem espalhado a luz pelo Mundo fora durante os últimos cem anos. Tudo leva a crer que continuará a espalhar essa luz por muitos séculos ainda.

Mas, à declaração de Hodgson de que Blavatsky era uma fraude, foi dada imediata e intensiva cobertura noticiosa pelos media e ele ganhou notoriedade na Inglaterra pela sua alegada ‘acusação’ de Madame Blavatsky. A direcção do SPR, naturalmente, recebeu-o como um herói. Foi-lhe dado completo e massivo apoio pelos materialistas e fundamentalistas.

Isto foi um exemplo perfeito de um ninguém – uma não-entidade – a ganhar imediata notoriedade, procurando desacreditar e destruir o forte, o potente e o poderoso em vez de utilizar a honestidade e a integridade na prossecução da verdade e nada mais senão a verdade. Estas não-entidades procuram ganhar notoriedade por qualquer preço – não pelas suas próprias competências mas, antes, através do deitar abaixo, do destruir e do denegrir, lançando mãos de extrema desonestidade, logros e malícia.

A imaturidade de Hodgson, a sua falta de experiência e incompetência relativa foram, elas próprias ‘desmascaradas’ e a sua credibilidade sujeita aos mais devastadores reveses quando o seu Relatório foi, pormenorizadamente, examinado por Adlai E. Waterman. Com um meticuloso cuidado pelos detalhes, Waterman demonstrou no seu argumento Obituary – The ‘Hodgson Report’ on

Madam Blavatsky porquê e como considerava Hodgson incompetente e onde é que ele tinha cometido enormes omissões.

Ele apontava para o facto de que, a prova principal em que Hodgson se baseava no seu Relatório, era um testemunho fraudulento obtido da criada da Madame Blavatsky e seu marido, jardineiro, os senhores Coulomb. Os Coulomb tinham sido despedidos da casa de Madame Blavatsky, pela própria Madame Blavatsky, por graves faltas de comportamento – incluindo, segundo Waterman, não contestadas acusações de extorção, chantagem, calúnia, falsidade e esbanjamento de fundos domésticos (Waterman, 1963:1-2).

Hodgson, deliberadamente, não incluiu provas de outras origens que neutralizariam o testemunho deles.

Em tribunal, o testemunho dos Coulomb não teria tido qualquer valor. Mas, Hodgson fez o papel de acusador, juiz e júri a fim de concluir a culpabilidade de Madame Blavatsky porque ele não estava equipado para lidar com assuntos sensíveis. Ainda mais, o Relatório de Hodgson não teria, tecnicamente e segundo os padrões de hoje em dia, nenhum valor, visto que não chegou a demonstrar quais as variáveis específicas e quais as extrínsecas que ele tinha controlado.

Houdini – notoriedade e atenção mediática

Um outro exemplo de como não-entidades se tornam ‘cruzados’ contra os fenómenos psíquicos a fim de ganhar atenção mediática e notoriedade, foi o caso do mágico teatral, Houdini, nos Estados Unidos. A História lembrá-lo-á, não tanto pelos seus truques nos palcos, como um mágico de espetáculos mas, pela sua notoriedade em combater o fenómeno psíquico e a sobrevivência. O seu próprio biógrafo, Lindsay Gresham, declarou que Houdini era um mistificador e um mentiroso. Gresham refere o assistente de Houdini, como tendo confessado que Houdini lhe teria pedido para fazer batota, por ele, no caso da investigação da médium Margery Crandom (Inglis 1984:165-169). Houdini iria perder mil dólares se a mediunidade de Margery fosse comprovada.

Quando isso aconteceu, e teria acontecido por várias vezes que Houdini e os seus assistentes tivessem recorrido à mentira, uma inteligência do pós-vida jurou a Houdini que o desmascararia. Essa inteligência disse à assistência que Houdini tinha introduzido uma pequena borracha no sino que Margery era suposta fazer tocar. “Walter’ tinha assistido ao próprio Houdini a fazer batota com o fim de evitar que a verdade acerca da existência do pós-vida fosse dada a conhecer ao público.

Uma linha mais do que notável tinha sido ultrapassada por uma inteligência do pós-vida – uma ameaça a Houdini, que era ainda um ser vivente, e que estava a mentir para obter ganhos e glória pessoais à custa de uma médium genuína e das inteligências que estavam

envolvidas com a médium Margery. ‘Walter’, a inteligência do pós-vida, disse: ‘Houdini, tú...patife! ... Lembra-te, Houdini, que não viverás para sempre. Algum dia terás de morrer!’ (Inglis 1984:168).

A estes cruzados contra o pós-vida, os Hodgsons e os Houdinis, foram dadas atenção mediática imerecida, sem reservas e exageradas. Esta cobertura mediática encorajou estes cruzados anti-psíquicos a irem até à fraude e à mentira para denunciar, desacreditar e denegrir os psíquicos genuinos e evitar que o público pudesse ter conhecimento da verdade sobre a existência do pós-vida.

Podemos, ainda hoje, ver cruzados contra o fenómeno psíquico, nos media, denunciando a existência do pós-vida. Mas os media não dão aos psíquicos genuinos o mesmo tempo de antena para dizerem ao público onde e quando estes cruzados contra o pós-vida estão mentindo e ludibriando.

Houdini encontra provas

Contudo, ficou escrito que Houdini, o maior desmascarador de médiums da América, também encontrou médiums genuinos.

O mágico profissional Americano e pesquisador psíquico, Larry Auerbach, declarou, numa entrevista, que Houdini tinha, finalmente, descoberto um médium que lhe tinha dado provas, sem quaisquer ambiguidades, da vida depois da morte. Os detalhes disso, disse, estão contidos em escritos privados que os mágicos cépticos estão tentando suprimir (Randles e Hough 1993:72:73). Jerome Ellison faz declarações similares no seu livro *The Life Beyond Death* (1974:21):

‘Ele (Houdini) calcurreou o país, procurou ter sessões com todos os médiums que podia encontrar e, implacavelmente, desmascarou as fraudes, o que sempre constituiu motivo para sombrias colunas noticiosas. Contudo, as suas investigações terminaram por ter um tremendo impacto sobre ele mesmo. Alguns médiums com quem teve sessões, simplesmente, não eram passíveis de serem desmascarados: não eram fraudes.’

Uma outra prova de que Houdini tinha alguma razão para acreditar na sobrevivência era o seu famoso acordo com a sua esposa de que, se pudesse, de algum modo, lhe passaria uma mensagem codificada após a sua morte.

A mensagem foi passada

Dois anos depois da morte de Houdini, em 1926, uma mensagem secreta que ele tinha prometido a sua esposa foi recebida por um médium Americano, Arthur Ford, um dos mais dotados médiums da América. Arthur Ford fez constatar que desaprovava o comportamento de Houdini. De acordo com a sua auto-biografia (como dito a Jerome Ellison) ele tomava, a maior parte dos

desmascaramentos dos médiums por Houdini, como fanatismo, extravagância e injustiça. Assim, foi com enorme surpresa, que acordou do seu transe mediúnico na sessão do dia 8 de Fevereiro de 1928 para ouvir que ele tinha transmitido a mensagem da mãe de Houdini – a palavra ‘perdão’. Ela explicou que esta tinha sido a palavra que ela e o seu filho, Harry, tinham acordado antes da sua morte que, de forma positiva, a identificaria.

Por causa da sua falta de simpatia por Houdini, Ford não sentiu que deveria fazer fosse o que fosse com a mensagem. Contudo, outros assistentes à sessão notificaram Mrs. Beatrice Houdini.

Por causa deste sucesso preliminar, um editor do Scientific American esteve presente com um perito em estenografia, durante as semanas seguintes, enquanto que a longa e estudada mensagem que Houdini e sua esposa tinham acordado era transmitida num código complicado que eles utilizavam nas suas actuações teatrais. Ellison disse que estas sessões eram, usualmente, bem testemunhadas e que se encontravam entre as grandes comunicações clássicas dos anais da pesquisa de fenómenos psíquicos (Ellison 1974:23).

Mrs. Houdini assinou uma declaração dizendo que a mensagem era a que ela e o marido tinham combinado.

13. Materialização mediúnica

‘O desconhecido é apenas aquilo que ainda não foi descoberto’
Comunicações do pós-vida

A materialização refere-se ao processo pelo qual o ectoplasma, uma substância esbranquiçada e vaporosa, é emitida da boca e de outras partes do corpo do médium. Este ectoplasma permite às inteligências do pós-vida reduzir as suas vibrações para o nível dos humanos físicos. Quando existe uma quantidade suficiente de ectoplasma, as inteligências do pós-vida podem materializar-se e tornar-se sólidas. Os animais de estimação e pessoas amadas que morreram tornam-se reconhecíveis e sentem-se como seres viventes.

A materialização de pessoas e animais que morreram, a levitação e os aportes de flores, moedas e outros objectos bem assim como detalhadas e específicas informações dos que se passaram para o outro Mundo, são ocorrências que atestam a ‘mediunidade física’ que tem sido sempre, extremamente, rara. Foi estimado que apenas uma em cada 100.000 pessoas têm a capacidade de desenvolver este dom e, normalmente, leva vinte anos de esforço disciplinado para se ter sucesso (Boddington 1992:10).

Largamente devido ao ‘quase sádico’ tratamento infligido aos médiums de materialização pelos assim chamados ‘pesquisadores’ materialistas, a Materialização Mediúnica foi forçada a refugiar-se na clandestinidade, depois dos anos 1950 e os médiums físicos, no

Ocidente, apenas tinham sessões com amigos e familiares por trás de portas fechadas (Boddington 1992:10).

A Sociedade de Mediunidade Física Arca de Noé estabelecida na Inglaterra em 1990 tem, agora, 1700 associados e 150 círculos de amigos em todo o Mundo. Foi estabelecida para fornecer um espaço seguro para os médiums e protegê-los do que o seu Presidente descreve como:

...o severo tratamento infligido aos pioneiros da mediunidade física pelos chamados pesquisadores, que insistem em torturar os médiums, exigindo-lhes inúmeros testes e infligindo-lhes graves prejuízos físicos em violação das leis que regem os fenómenos psíquicos (Boddington 1992:8).

Porque eles não conseguem acreditar em tais coisas e porque efeitos similares são, por vezes, produzidos por mágicos, os cépticos concluem que toda a materialização e outros fenómenos psíquicos são falsos. No passado, não conseguiam admitir que o ectoplasma é, normalmente afectado pela luz e que a maior parte dos médiums de materialização necessitam de trabalhar na obscuridade. Houve casos em que os cépticos tentaram acender as luzes, súbitamente, para ‘caçar’ o médium, o que causou danos e mesmo morte a médiums de materialização – veja o capítulo 14 em que Helen Duncan, uma poderosíssima médium de materialização morreu poucas semanas depois de a sua sessão ter sido assaltada por polícias à paisana.

Mas, quando imparcialmente examinada, pode ser provado que a Materialização Mediúnica é genuína. Alguns médiums altamente dotados são capazes de efectuar a materialização por terem ectoplasma em abundância.

Os cépticos sustentam que o ectoplasma não existe e que as fotografias dele tiradas são tudo fraude, normalmente, cometido pelo médium que, antes da sessão, esconde na boca tiras de tecido tipo crepe indiano que, depois vai puxando para fora.

Embora existam médiums que possam ter feito este tipo de truques, existem abundantes provas de cientistas de primeira grandeza, incluindo um Prémio Nobel da fisiologia, da existência real do ectoplasma e de que ela é a base de muitos e maravilhosos fenómenos psíquicos.

O Barão Von Schrenck-Notzing, um físico de Munique, demonstrou que o ectoplasma é composto de leucócitos - células brancas ou incolores do sangue – e de células epiteliais – de que se compõem vários tecidos protectores do nosso corpo. Durante a materialização é subtraído do corpo do médium e dos assistentes às sessões (Stemman, 1975:57).

O Professor W.J. Crawford que foi catedrático de Engenharia Mecânica na Queen's University, em Belfast, conduziu longos e meticulosos estudos sobre o ectoplasma. Ele escreveu três livros clássicos: *The Reality of Psychic Phenomena* (1916), *Experiments in Psychic Science* (1919) e *The Psychic Structures in the Galigher Circle* (1921). Ele descobriu que, durante a materialização, o peso do médium baixava de 73kgs para 30kgs. Noutros casos descritos na literatura da especialidade, descobriu-se que o médium sofria perdas de peso de 7kgs a 18kgs (Meek 1987:69).

George Meek descobriu que, durante uma sessão de materialização, há uma temporária perda de peso quer do médium, quer dos assistentes, uma vez que é subtraída dos seus corpos uma substância. Nas suas próprias experimentações ele constatou a perda de peso de cerca de 10kgs por 15 físicos, psicólogos e outros que constituíam a equipa de experiências. (Meek 1987:69).

Outro fisiólogo famoso que trabalhou intensamente com o ectoplasma foi o Professor Charles Richet, Professor de Psicologia na Sorbonne, em Paris, Prémio Nobel e membro do prestigioso Instituto de França. Ele denominou a substância a partir do Grego 'substância exteriorizada'.

Na fase inicial, descobriu que era invisível e intangível mas, mesmo assim, podia ser fotografada por raios infra-vermelhos e pesada. Depois, torna-se ou vaporoso ou líquido com um cheiro de certo modo próximo do ozono. Na sua fase final, quando pode então ser visto e sentido, tem a aparência de musselina e, ao tacto, dá a sensação de teia de aranha. Noutras ocasiões é húmida e fria e, em casos raros, é seca e dura. A sua temperatura é, em regra, de cerca de 4 graus centígrados (Butler 1947:75). Atinge quase a temperatura de congelação, portanto, bem abaixo da temperatura normal do nosso corpo de cerca de 37 graus centígrados.

A conclusão a que Richet chegou era a de que:

Existe ampla evidência para que a materialização experimental (ectoplásmica) fosse, definitivamente, considerada como um facto científico. Seguramente que não a compreendemos. É muito absurdo, se é que uma verdade possa ser absurda (Richet 1927:112).

O professor Crawford descobriu que todas as manifestações físicas dos seus médiums – levitação de mesas, movimentação de objectos, etc., eram conseguidos através da construção ectoplásmica de varões, escoras e cachorros. No seu livro *Psychic Structures* ele apresenta fotografias do ectoplasma a ser utilizado para levantar mesas. Na sua opinião abalizada de professor de engenharia mecânica:

... todos os resultados mecânicos, sem excepção, seguiam a lei da mecânica de uma viga fixada no corpo do médium, de um lado, e projectando-se para o meio da sala de sessões (Butler 1947:78).

Uma das características chave do ectoplasma é que, alguma das suas formas, são extremamente sensíveis à luz, de tal forma que, apenas a luz duma lanterna de pilhas, faz a substância voltar ao corpo do médium com a força reactiva de um elástico esticado que se liberta de repente. Contusões, ferimentos abertos e hemorragias poderão então ocorrer. Numa sessão no Colégio Inglês de Ciências Psíquicas um dos assistentes fez um gesto violento quando tocado pelo ectoplasma; o médium, Mr. Evan Powell, sofreu, de imediato, um ferimento grave no peito (Butler 1947:75).

Por causa da sensibilidade à luz, a maior parte dos médiums têm que trabalhar na penumbra ou com luz de infra-vermelhos. Contudo, tem havido notáveis casos de excepção. A seguir estão descritos três exemplos de extraordinários médiums de materialização que nenhum céptico poderá ignorar.

Daniel Dunglas-Home – um médium poderosamente dotado

Daniel Dunglas-Home era um médium físico, nascido na Escócia e criado nos Estados Unidos. Deu sessões para amigos e parentes na Inglaterra e na Europa durante vinte anos, entre 1854 e 1874, recusando qualquer pagamento pelos seus serviços. Durante todo esse tempo não foi feita qualquer alegação de burla, apesar de ser um dos homens mais esmiuçados da Europa. As suas sessões eram frequentadas por membros da aristocracia, gigantes literários e eminentes cientistas tais como Alfred Russel Wallace, William Crookes e Frances Galton. ‘Conjuradores famosos também frequentaram as suas sessões na esperança de o apanharem em falso; mas todos se foram embora desapontados’ (Inglis 1984:20).

O que era extraordinário em Home é que ele era capaz de trabalhar em pleno dia ou à luz de candeeiros de gaz e em casas em que nunca tinha estado antes. Nestas circunstâncias ele:

- produziu barulho de batimentos que podiam ser ouvidos por toda a sala
- fez com que mesas se levantassem no ar
- fez com que instrumentos musicais tocassem por si próprios
- fez com que mãos desencorpadas aparecessem para que os assistentes as pudessem inspeccionar, tocar e apertar. Mas, se alguém tentasse agarrar-se a elas, elas desapareciam como que se derretendo
- fez-se levitar a si próprio e a outros
- pegou em carvão encandescente sem nenhum efeito

Nos finais da sua carreira, solicitaram a Home que demonstrasse os seus poderes em experiências de laboratório. Em testes com

Alexander von Butlerow, na Rússia, e com William Crookes, na Inglaterra, ele foi capaz de produzir efeitos psicocinéticos, à distância, o que pode ser medido com balanças.

Carlos Mirabelli – provas irrefutáveis

Outro médium que, indubitavelmente, produziu fenômenos físicos fantásticos foi Carlos Mirabelli, do Brasil (1889-1950). Através dele, cientistas de muitas partes do Mundo puderam testemunhar o fenômeno psíquico que, até aos nossos dias nem foram rebatidas nem parece poderem ser rebatidas.

Em 1927 apareceu no Brasil um livro intitulado O Médium Mirabelli que continha 74 páginas narrando fenômenos que ocorriam em plena luz do dia, por vezes, na presença de até sessenta pessoas ao mesmo tempo, representando a nata dos círculos científicos e sociais do Brasil. Entre os que se propuseram deixar os seus nomes como testemunha estavam: um Presidente do Brasil, um Secretário de Estado, dois professores de medicina, 72 médicos, 12 engenheiros, 36 juristas, 89 funcionários públicos, 25 militares, 52 banqueiros, 128 comerciantes e 22 dentistas bem como membros de ordens religiosas (*Zeitschrift fuer Parapsychologie* 1927:450-462).

O depoimento de tantas e tão proeminentes testemunhas não poderia ser facilmente ignorado e, no Brasil, foi constituído um comité composto por vinte homens notáveis, liderados pelo Presidente, com a finalidade de entrevistar testemunhas e decidir o que deveria ser feito para, cientificamente, investigar os poderes de Mirabelli.

Foi decidido, em 1927, montar uma série de investigações controladas pela acabada de constituir Academia de Estudos Psíquicos, utilizando os mesmos padrões a que tinham sido sujeitos os médiums Europeus.

Os investigadores dividiram-se em três grupos. Um grupo lidava com a mediunidade falada e assistiram a 189 sessões positivas (sessões que tinham produzido resultados positivos). Um segundo grupo investigou a escrita automática e assistiu a 85 sessões positivas e a 8 negativas (sessões que não produziram nenhum resultado). Um terceiro grupo investigou o fenômeno físico e teve 63 sessões positivas e 43 negativas. Das sessões positivas, 40 foram efectuadas à luz do dia e 23 à luz clara artificial, com o médium atado a uma cadeira em quartos que tinham sido revistados antes e depois (*Inglis* 1984:223).

Mirabelli tinha apenas uma educação básica e não falava senão a sua língua nativa. Mas, quando entrava em transe, seres espirituais falavam, através dele, em 26 línguas diferentes incluindo o Alemão, o Francês, o Holandês, quatro dialectos Italianos, Checo, Árabe, Japonês, Espanhol, Russo, Turco, Hebreu, Albanês, vários dialectos Africanos, Latim, Chinês, Grego moderno, Polaco, Sírio-Egípcio e Grego arcaico.

Enquanto em transe, espíritos elevados tiveram conversas, através dele, sobre assuntos difíceis que estariam para além da sua própria compreensão. Estes incluíam medicina, jurisprudência, sociologia, economia política, política, teologia, psicologia, história, ciências naturais, astronomia, filosofia, lógica, música, espiritismo, ocultismo e literatura (Greber 1970:236).

Ainda enquanto em transe, ele tinha a faculdade de escrita autómata em 28 línguas diferentes, manuscrevendo a uma velocidade que escritores normais não conseguem atingir. Em 5 minutos ele escreveu 5 páginas em Polaco sobre ‘O Renascimento da Polónia’; em 20 minutos escreveu 9 páginas em Checo sobre ‘A Independência da Checoslováquia’; em 12 minutos, 4 páginas em Hebreu sobre o ‘Slander’; em 40 minutos, 25 páginas em Persa sobre ‘A Instabilidade dos Grandes Impérios’; em 15 minutos, 4 páginas em Latim sobre ‘As Traduções Famosas’; em 12 minutos, 5 páginas em Japonês sobre ‘A Guerra Russo-Nipónica’; em 22 minutos, 15 páginas em Sírio sobre ‘Allah e os seus Profetas’; em 15 minutos, 8 páginas em Chinês sobre ‘Um Pedido de Perdão a Buda’; em 15 minutos, 8 páginas em Sírio-Egípcio sobre ‘Os Fundamentos da Legislação’; em 32 minutos, 3 páginas sobre hieróglifos que ainda não foram decifrados (Johannes Greber 1970:236).

Mirabelli também se notabilizou como médium físico

- Numa sessão bem frequentada, em São Vicente, a cadeira em que Mirabelli, em estado de transe, estava sentado, levantou-se no ar e manteve-se a dois metros acima do solo. Testemunhas cronometraram a sua levitação que durou 120 segundos.
- Numa outra ocasião, Mirabelli estava na estação de caminhos de ferro da Luz com vários companheiros quando, de repente, desapareceu. Cerca de 15 minutos mais tarde, veio um telefonema de São Vicente, uma cidade a 90 quilómetros, dizendo que ele tinha aparecido lá, exactamente dois minutos depois de ter desaparecido da Luz.

Numa sessão conduzida de manhã, em plena luz do dia, no laboratório do comité de investigação, em frente a muitas pessoas notáveis, dentre os quais dez licenciados em Ciências:

- A forma de uma criança se materializou ao lado do médium
- Dr. Ganymede de Souza, que estava presente, confirmou que a criança era a sua filha que tinha falecido poucos meses antes e que ela estava trajando o vestido com que tinha sido enterrada
- Um outro observador, o Coronel Octávio Viana, também tomou a criança nos seus braços, tomou-lhe o pulso e fez-lhe várias perguntas a que ela respondeu com acerto

- Foram feitas fotografias da aparição que foram anexas ao relatório do comité de investigação.
- Depois disto, a criança esvoaçou em redor e desapareceu depois de ter estado visível à luz do dia por trinta e seis minutos
- A forma do Bispo José de Camargo Barros que tinha, recentemente, perdido a vida num naufrágio, apareceu aparamentado e com todas as suas insígnias
- Conversou com os presentes e permitiu-lhes que examinassem o seu coração, as gengivas, o abdómen e os dedos antes de desaparecer

Numa outra sessão conduzida em Santos, às três e meia da tarde, perante sessenta testemunhas que atestaram, assinando o relatório sobre o que se passou:

- O falecido Dr. Bezerra de Menezes, um proeminente médico de hospital, materializou-se
- Falou a todos os presentes à sessão para lhes assegurar que era ele próprio que aí estava
- A sua voz fez-se ouvir por toda a sala através de megafone
- Foram-lhe tiradas várias fotografias
- Dois médicos que o tinham conhecido antes, examinaram-no por quinze minutos e declararam que, anatomicamente, era um ser humano normal
- Ele apertou as mãos dos presentes
- Finalmente, ergueu-se no ar e começou a desmaterializar-se, desaparecendo primeiro os pés, depois a perna e o abdómen, peito, braços e, por último, a cabeça
- Depois da aparição se ter desmaterializado verificou-se que Mirabelli continuava firmemente atado à sua cadeira e que os selos colocados nas portas e nas janelas estavam inviolados.
- As fotografias que acompanharam o relatório mostravam Mirabelli e a aparição na mesma chapa fotográfica.

Numa outra sessão e sob condições controladas, o próprio Mirabelli se desmaterializou e foi depois encontrado noutra quarto. Os selos colocados nas suas algemas, bem como os colocados nas portas e janelas da sala de sessões, encontravam-se intactos (Inglis 1984:226).

14. A Magnífica Helen Duncan

‘Os factos muitas vezes parecem incríveis apenas porque estamos mal informados e deixam de parecer maravilhosos quando o nosso conhecimento é acrescido.’

Sir Francis Bacon

Helen Duncan foi a mais magnífica das médiums de materialização da Escócia e uma das mais importantes mulheres da História:

- O Governo Britânico, indirectamente, reconheceu a sua desmaterialização como genuína – ela tornou-se um ‘risco para a segurança nacional’ da Inglaterra durante a guerra.
- O Governo Britânico cometeu dois dos mais ultrajantes actos criminosos da história legal Inglesa contra esta altamente dotada médium
- O Ministério do Interior Britânico tem hoje os poderes para reparar a situação, embora retroactivamente, e absolver, de forma completa, uma das mais poderosas médiums da História

Duante a Segunda Guerra Mundial, em Janeiro de 1944, o Almirantado Inglês decidiu que não poderia continuar a permitir que Helen Duncan, uma médium dotada, continuasse a materializar inteligências do pós-vida para revelar informações Ultra Secretas. Era um momento crucial da Segunda Guerra Mundial, imediatamente, antes do desembarque na Normandia.

Ao longo dos anos da guerra, Helen Duncan reuniu muitas famílias enlutadas com soldados que tinham morrido. Numa dessas sessões, em Portsmouth, um marinheiro materializou-se e encontrou-se com sua mãe. Ele informou a audiência que o seu barco, o HMS Barham, tinha sido, recentemente, afundado. O editor do Psyche News, Maurice Barbanell, inocentemente, telefonou para o Almirantado para confirmar se isso era verdade e se também era verdade que o Almirantado não tinha avisado a mãe da perda do filho. Os serviços secretos navais ficaram furiosos porque, por razões de segurança e para manter a moral pública elevada, a notícia sobre o afundamento do navio tinha sido suspensa e classificada como ‘Ultra Secreta’.

A Segurança Nacional pensou que uma médium do calibre de Helen Duncan poderia, muito facilmente, ter acesso à informação considerada a mais secreta de todas que era o ponto de desembarque na Europa no Dia D. Pode-se compreender as preocupações do Almirantado quanto ao secretismo de tão importante evento.

O que não se pode compreender é como o Almirantado tratou com uma mulher tão frágil que tinha seis filhos e um marido diminuído físico para sustentar, pondo-a na prisão por nove meses. O modo como o Almirantado conspirou para pô-la afastada foi ultrajante, imoral, inconsciente, violando todos os direitos humanos e legais de um ser humano, que nada fizera senão ajudar pessoas a comunicarem-

se, face a face, com os seus entes queridos que tinham falecido e que estavam vivendo no pós-vida.

Helen Duncan foi presa em Janeiro de 1944, elaboradamente acusada de mediunidade fraudulenta e sentenciada a nove meses de prisão. Na prisão recebeu a visita de Winston Churchill que, horrorizado com o que tinha acontecido, prometeu revogar o Decreto sobre Bruxaria sob o qual ela tinha sido acusada. Ele manteve a sua promessa e, depois da guerra, o Espiritualismo passou a ser uma religião legal no Reino Unido.

A acusação criminal e o Tribunal ‘Canguru’

Num Tribunal ‘Canguru’ o acusado é culpado mesmo antes do julgamento começar. Inevitavelmente, não há processo formado, não existe defesa real, não existe justiça, nem equidade, nem justiça. Processualmente, o depoimento das testemunhas do acusado não são aceites e o acusado não tem o direito de se defender a si próprio. A condenação transforma-se num linchamento e a violação da justiça natural é deliberada e manifesta e é executada com extremo prejuízo. Naturalmente, não haverá nenhum apelo possível.

Isso foi, precisamente, o que aconteceu com Helen Duncan:

- O informador que se ‘queixou’ de Helen Duncan à Polícia e que conduziu à sua acusação foi identificado como um oficial do Almirantado.
- A Polícia assaltou a casa de Helen Duncan quando ela estava em sessão e em transe, no intuito de encontrar panos brancos, barbas postiças e outra parafernália destinada a personificar os espíritos. Não encontraram nada. Não havia nenhuma prova de que se estivesse a praticar fraude.
- A Polícia, ilegítimamente e com conhecimento de causa, utilizou a presunção de fraude e a brutal e gratuita violência física contra uma indefesa mulher espiritual ao serviço da comunidade, enquanto ainda sob transe.
- O Almirantado estava determinado em mandá-la para a prisão, certificando-se que ela seria julgada por algo a que correspondesse uma pena de prisão.
- Depois de alterar a acusação por algumas vezes, a Polícia fabricou uma elaborada acusação contra Helen Duncan baseada numa velha lei estatutária do Decreto sobre Bruxaria do Rei Jorge II, de 1735 – promulgada quando as ‘bruxas’ eram ainda queimadas vivas na Europa. A Inglaterra parou de assassinar as ‘bruxas’ em 1722.
- A Polícia levou o caso para o Old Baley onde os amigos de Helen Duncan teriam protestado contra o juiz ultra conservador e

obsequioso e o corpo de jurados constituído por seguidores fanáticos, especialmente escolhidos a dedo pela sua subserviência e pela aceitação a priori de que a acusada seria considerada culpada conforme a acusação.

- A Helen Duncan foi, tecnicamente, recusada a devida formação de processo judicial, negada justiça natural e negado o direito de se defender adequadamente.
- A Helen Duncan foi de novo recusada justiça natural, negada igualdade constitucional e negado o justo direito, entre outros, de demonstrar que a materialização era uma realidade – a própria Corôa já a tinha acusado de fraude, dizendo que a materialização não poderia ser real.
- Uma vez que Helen Duncan tinha que ser afastada, independentemente de quem a defendesse, tratava-se de um fait accompli —ela já tinha sido considerada culpada mesmo antes do julgamento começar. Qualquer pessoa com experiência em investigação criminal, a nível superior, saberá, imediatamente, que isto é verdade.
- As Associações Jurídicas Inglesas e Escocesas, conjunta e separadamente, exprimiram o seu desgosto pelo malogro e o ‘carnavalesco’ da justiça na tragédia de Helen Duncan, cobardemente, levados a cabo por burocratas violentos, por forma a infligir indizíveis prejuízos a uma pessoa espiritual.

Das circunstâncias que rodearam o julgamento de Helen Duncan:

- Helen Duncan teria sido, completamente, ignorada se o Governo não tivesse aceitado na íntegra os dotes dela na comunicação com o pós-vida,
- Tecnicamente e por imputação, o Governo Britânico tinha aceitado que a materialização era uma realidade e que Helen Duncan o tinha provado, objectivamente, com a materialização do marinheiro e de outros,
- Pela sua conduta o Governo também aceitou que era possível que inteligências do pós-vida nos passassem informações na Terra,
- Pelas razões acima o Governo NÃO permitiu a liberdade sob fiança de Helen Duncan condenada sob tão mesquinha e arcaica acusação. Até mesmo a assassínios eram concedidas fiança mas, em tempo de guerra, isso não era permitido a alguém com tão genuínos poderes mediúnicos,
- Como um ‘risco para a segurança’ Helen Duncan tinha que ser afastada.

De tremenda significância:

- No seu julgamento, todas as 41 testemunhas da defesa de Helen Duncan atestaram que tinham tido encontros com entes queridos em sessões de materialização,
- Isto significa que, sob juramento e para a posteridade, testemunhas altamente credíveis declararam, no Old Baley, em termos bem claros que, por experiência própria, aceitavam a existência real da materialização, por terem tido encontros com entes queridos,
- Nenhuma das testemunhas da defesa foram ‘apanhadas’ em investigações cruzadas,
- É imaterial que os membros do júri tenham ou não aceite os testemunhos. O facto é que, numerosas pessoas altamente credíveis tinham tido a coragem de enfrentar os líderes do ‘establishment’ que cometeram graves erros de julgamento. Foram para o Tribunal e disseram a verdade, toda a verdade e nada mais senão a verdade, acerca da realidade da materialização e de como se encontraram com entes queridos devido à Materialização Mediúnica de Helen Duncan,
- A causa da Corôa consistia em dizer que Helen Duncan, ou cúmplices dela, teriam pretendido ser todas essas ‘materializações’, vestindo-se com um pano, usando barbas postiças, perucas, etc. Mas, quando a Polícia interrompeu de assalto a sua sessão, com ela em transe e a produzir materialização, não encontraram nenhum pano, barbas postiças, perucas, cúmplices – ou qualquer prova que apontasse para a existência de fraude.

Depoimentos típicos de 4 das 41 testemunhas da defesa

- A enfermeira Jane Rust testemunhou, sob juramento, no Old Baley, entre outras coisas, que ela, através de Helen Duncan, se encontrou de novo com um ente amado – o seu esposo que se materializou do pós-vida e a beijou. ‘Nunca tive tanta certeza duma coisa em toda a minha vida’ disse ela. Declarou que tinha estado a indagar por cerca de 25 anos, como uma céptica, mas foi apenas depois de conhecer Helen Duncan é que ela foi capaz de, efectivamente, se reencontrar com entes queridos, incluindo sua mãe que tinha falecido (Cassirer 1996:68).
- Um oficial da Força Aérea, de patente bastante elevada, o Comandante de Esquadilha George Mackie, declarou, sob juramento, que, graças aos dotes de materialização de Helen Duncan, ele, efectivamente, se encontrou com os seus já falecidos pai, mãe e irmão (Cassirer 1996:72-115).

- James Duncan (sem parentesco com Helen), um joalheiro, que tanto ele como sua filha assistiram à materialização de sua esposa por oito vezes, em diferentes ocasiões, sob boa luz. Duncan viu-a de perto, a cerca de 4 metros, e eles falaram de assuntos domésticos incluindo uma projectada emigração para o Canadá de que eles tinham mantido segredo. Ele não tinha nem uma sombra de dúvida de que a voz era a de sua esposa. Também disse ter visto materialização de seu pai que tinha cerca da sua altura e usava barbas, bem como da sua mãe (Cassirer 1996:103).

- Mary Blackwell, Presidente da Sociedade Espiritualista Pathfinder, na Baker Street de Londres, testemunhou ter assistido a mais de 100 sessões de materialização com Helen Duncan, em cada um dos quais 15 a 16 entidades diferentes do pós-vida se materializavam. Ela testemunhou ter presenciado formas espirituais conversando com os seus parentes em Francês, Alemão, Holandês, Galês, Escocês e Árabe. Ela declarou que ela própria assistiu à manifestação de dez dos seus parentes mais próximos incluindo o seu marido, a sua mãe e o seu pai, tendo visto a todos de perto, tendo-lhes tocado (Cassirer 1996:87).

Alguns anos mais tarde, uma equipa de mágicos liderada por William Goldston – fundador do Clube dos Mágicos – levou a cabo uma sessão experimental com Helen Duncan. Goldston e os seus colegas ficaram estupefactos quando o seu comum amigo, o mágico ‘O Grande Lafayette’ se materializou e lhes falou na sua própria voz. Goldston escreveu um relatório sobre o acontecimento para o *Psychic News* em que ele confirma que a mediunidade de Helen Duncan era genuína e que nenhum mágico poderia sequer duplicar os fenómenos que ele e os seus colegas tinham presenciado (Roll 1995:19).

A Morte de Helen Duncan

Em 1956, a Polícia de Nottingham interrompeu de assalto uma sessão que Helen Duncan estava a dar. A Polícia bateu à porta de uma casa privada sem um mandato de busca, apenas com a desculpa de que, dois polícias que assistiram a uma sessão anterior, supostamente, se teriam queixado dela. A Polícia, tecnicamente, tinha conhecimento de que, por norma, a materialização é efectuada na semi obscuridade e que, se as luzes são acesas, de repente, poderão ocorrer graves ferimentos ou mesmo morte ao médium. Quando foram permitidos entrar na casa dirigiram-se, imediatamente, ao cubículo da médium, agarraram-na e tiraram fotografias com flashes.

O assalto premeditado causou a morte de Helen Duncan (cinco semanas depois do assalto). As circunstâncias que rodearam este caso demonstram a necessidade de uma investigação judicial, uma vez que:

- A Polícia actuou fora da sua área de jurisdição e dos seus poderes,
- A Polícia sabia que se estavam a produzir materializações

- A Polícia de Nottingham, com conhecimento de causa, premeditada, deliberada e intencionalmente actuou de tal forma que seguramente teria causado forte comoção, infligido ferimentos e, em último caso, provocado a morte a Helen Duncan.
- A Polícia actuou com brutal indiferença, extremo preconceito e usou de força desnecessária e excessiva contra um grupo de pessoas que participavam num serviço religioso legal; os participantes foram detidos e questionados por mais de noventa minutos depois do assalto.
- Do assalto da Polícia nada resultou que pudesse servir para incriminar Helen Duncan ou alguém presente à sessão de qualquer transgressão à lei.

Sem dúvida que os dotes psíquicos singulares de que disfrutava Helen Duncan, que constituem prova da sobrevivência, e o seu serviço à comunidade fazem dela uma das mulheres mais importantes da História.

Considerando os embaraçosos e relevantes factos, que não estão em disputa, o assunto primordial é como é que o Governo Britânico vai poder mostrar ao Mundo que os Britânicos têm um forte sentido de justiça, equidade e justeza – mesmo que sejam necessários cinquenta anos para corrigir o que se cometeu de errado.

A Grã-Bretanha tem que provar que em todos os tempos o seu sentido de justiça foi, fundamentalmente, diferente do dos regimes nazis de Hitler ou do regime comunista de Stalin. Em conformidade com isto, os Britânicos teriam que absolver Helen Duncan, de forma completa, e desculpar-se pela perseguição que culminou com a sua morte. Apenas como último recurso, deveria ser considerada uma petição internacional a favôr de Helen Duncan.

Alternativamente, o assunto poderia ser levado à Comissão das Nações Unidas para os Direitos Humanos para apreciação. Não obstante alguns problemas de índole jurisdicionais e técnicos de tempo, um pedido a requerer permissão para ser concedida audiência ao assunto poderia ser feito. Já existem precedentes em que a Comissão das Nações Unidas para os Direitos Humanos anulou decisões de Tribunais Ingleses. Isto porque a Grã-Bretanha se tornou subordinada em jurisdição e em jurisprudência à Comissão das Nações Unidas para os Direitos Humanos na Europa.

Mesmo no caso do Governo e das Nações Unidas não darem resposta, poderia haver uma simbólica absolvição por um grupo representativo das pessoas preocupadas, em todo o Mundo, no local de nascimento de Helen Duncan. Uma placa ou uma declaração poderia ser dedicada a esta moderna mártir do psiquismo e a todos os genuínos psíquicos femininos e outros médiums ao longo dos séculos que, repetidamente,

provaram a sobrevivência e foram condenados pelas Forças da Ignorância e das Trevas.

Isto é assim porque o chorrilho de mentiras que foi necessário para culpabilizar Helen Duncan, a coberto de um arcaico Decreto sobre a Bruxaria e o brutal homicídio de Helen Duncan, ser tão mau como a injustiça de julgar Joana d'Arca como bruxa. E, se a altamente conservadora Igreja Católica Romana já absolveu a psíquica Joana d'Arca de todas as culpas, o Governo Britânico bem poderia seguir o exemplo do Vaticano e absolver, totalmente, Helen Duncan.

O Ministro do Interior da Grã-Bretanha tem, hoje, os poderes suficientes para remediar a situação, embora retractivamente, e absolver por completo uma das mais importantes mulheres da História.

15. Mediunidade de Voz Directa

‘Penso que posso, seguramente, afirmar que sou o médium mais testado que este País jamais produziu... já fui encaixotado, amarrado, algemado, amordaçado, atado e detido e mesmo assim ‘as vozes’ continuam a vir transmitir a sua mensagem de vida eterna.’

Leslie Flint

Os médiums de voz directa têm uma dom raro. Os que ‘morreram’ podem ser ouvidos com as suas vozes originais; não utilizam a caixa de voz ou os órgãos vocais do médium mas, falam através de uma caixa de voz artificial construída com o ectoplasma subtraído do corpo do médium.

Um dos maiores médiums de voz directa do Reino Unido foi John Sloan. Por muito tempo ele conduziu sessões gratuitas para um pequeno grupo de amigos. Um dos seus assistentes, de longa data, foi Arthur Findlay que produziu o livro clássico mundial *On the Edge of the Etheric* (Findlay 1931) uma análise científica sobre a comunicação com entidades do pós-vida.

Neste livro, Findlay descreve como presenciou a sua primeira sessão com John Sloan. Ele conjecturava sobre as motivações que poderiam levar um homem trabalhador, que nada cobrava pelas suas sessões, a levar a cabo uma impostura durante mais de três horas, enquanto que em estado de aparente inconsciência. Ele informou que tinha ouvido mais de trinta vozes de timbre e sotaque diferentes, que deram os seus nomes, as suas moradas correctas na Terra e falaram às pessoas certas que as reconheciam e falaram de problemas familiares íntimos. Em várias ocasiões ele ouviu duas ou três vozes falando ao mesmo tempo. Nunca, durante toda a noite, houve sequer um erro.

Findlay, então, conta a prova que ele, pessoalmente, achou extraordinária:

Um homem sentando junto a mim disse-me: ‘Alguém quer falar consigo, amigo’, e assim eu disse: ‘Sim, quem és tú?’ ‘Teu pai, Robert Downie Findlay”, respondeu a voz e depois continuou referindo-se a algo que só ele e eu e ainda uma outra pessoa sabíamos, e, essa outra pessoa, como o meu pai, havia já falecido há alguns anos. Eu era, por conseguinte, a única pessoa viva com conhecimento daquilo a que a voz se referia. Isso foi, suficientemente, extraordinário mas, a minha surpresa foi ainda maior quando, depois do meu pai ter terminado, uma outra voz, que se deu pelo nome de David Kidson, o nome da outra pessoa que sabia do assunto, continuou a conversa que o meu pai tinha começado. Nenhum sistema de espia, por mais complexo que fosse, nenhuma representação por parte do médium ou por eventuais cúmplices poderia justificar isto. E mais, eu era um estranho completo para todos os presentes. Não dei o meu nome quando entrei na sala, não conhecia ninguém na sala e ninguém me conhecia ou sabia algo a meu respeito. Esse foi o meu primeiro encontro com John C. Sloan (Findlay 1931:58-59).

Arthur Findlay continuou, depois deste primeiro encontro, e por muitos anos, a investigar o fenómeno psíquico e a escrever algumas das maiores obras clássicas da investigação psíquica, nomeadamente, *Where Two Worlds Meet*, *The Way of Life*, *The Rock of Truth*, *The Unfolding Universe*, *The Psychic Stream*, *The Curse of Ignorance* e *Looking Back*.

Leslie Flint

Um outro médium de voz directa que, recentemente, foi, minuciosamente, testado foi Leslie Flint. Na sua presença, enquanto em transe, com a boca fechada e amordaçada ou, então, cheia de água:

literalmente, milhares de vozes diferentes de pessoas desencarnadas foram gravadas para a posteridade, falando dialectos diferentes, línguas estrangeiras, desconhecidas para mim e até línguas que já não são faladas na Terra (Flint 1971:170).

Na sua biografia *Voices in the Dark*, Flint descreve como foi ‘encaixotado, amarrado, algemado, amordaçado, atado e detido e, mesmo assim, essas vozes continuam a vir transmitir a sua mensagem da vida eterna’ (Flint 1971:169). Flint descreve como deu sessões improvisadas em quartos de hotel, em casas de estranhos, em países estrangeiros, em vestíbulos, teatros e igrejas.

O *Psychic News* de 14 de Fevereiro de 1948 relata, em detalhe, uma experiência em que ele conduziu uma sessão, tendo a boca tapada com fita adesiva à volta dos lábios, tiras de gaze passadas à volta da fita, e os pés e mãos atados à cadeira. Os observadores concluíram que, apesar dessas restrições, as vozes cedo começaram a falar com a sua usual claridade e até em voz alta. Cerca de doze pessoas na sala ouviram mais do que o suficiente para se convencerem, por mais

obstinados cépticos que fossem, que mordaçar Mr. Flint em nada evitou que as vozes de entidades invisíveis continuassem a fazer-se ouvir, dizendo o que bem desejavam. No final da experiência eles verificaram que a mordaça e as cordas estavam intactas e sem sinais de terem sido tocadas.

As informações vindas nas sessões de Flint não eram, como pretendem alguns críticos, sugestões vagas que se podiam aplicar a qualquer pessoa. Tome, por exemplo, a seguinte troca de informações entre um jovem alistado na Força Aérea, morto na Segunda Guerra Mundial, e os seus pais. O jovem tinha-se manifestado numa sessão a que assistiu Lord Dowding, dando o seu nome como sendo Peter William Handford Kite e pedindo que os seus pais fossem contactados num endereço que forneceu. Os pais aceitaram o convite para assistir a uma sessão seguinte e, ao fim de quase quarenta minutos, Peter manifestou-se e, na sua própria voz, contou-lhes:

- uma anedota sobre a compra de um cão Lobo de Alsácia que ele fez antes de morrer
- que sua mãe tinha posto na sua carteira, nessa manhã, uma fotografia sua e outras da sua campa na Noruega,
- como ele gostava da cerejeira que tinham plantado no jardim dedicado à sua memória
- que a sua cama não tinha sido feita nos seis anos seguintes à sua morte
- que ele não gostava do papel de parede do seu quarto
- que o pai ainda conduzia o mesmo carro, embora fosse apertado demais para ele

Os pais confirmaram que todas estas informações era correctas (Flint 1971:140-143).

Flint descreveu a sua amarga desilusão com parapsicólogos no seguinte trecho:

Quando comecei a permitir ser testado fui suficientemente ingénuo ao acreditar que, se os testes se mostrassem positivos, os cientistas e os pesquisadores que os tivessem levado a cabo, sob as suas próprias condições, proclamariam a verdade sobre a vida depois da morte a todo o Mundo. Muito cedo acabei por concluir, da forma mais penosa, que, muitos daqueles que se chamam a si próprios pesquisadores, possuem os seus próprios valores imutáveis que excluem qualquer crença nos desígnios e propósitos da vida humana ou na possibilidade de vida depois da morte. A preocupação deles era, tão sómente, refutar a realidade das minhas vozes e, para isso, postulariam quaisquer alternativas, por mais extravagantes ou

absurdas que fossem, antes de admitir as implicações do sucesso das suas próprias experiências (Flint 1971:169).

Flint refuta os cépticos

Flint dá alguns exemplos de absurdas teorias avançadas por estes pesquisadores psíquicos. Uma delas dizia que as vozes não eram reais mas antes produzidas por uma combinação de poderes hipnóticos da parte do médium, com a alucinação geral dos assistentes no auditório. Isto foi refutado quando as vozes foram gravadas (Flint 1971:167). Uma outra teoria era a de que Flint seria ventríloquo. Isto também foi refutado quando se colocou um microfone na sua garganta de modo que, ao mais pequeno som produzido pela sua laringe seria, enormemente, ampliada enquanto que observadores o observavam com a ajuda de telescópios de infra-vermelhos (Flint 1971:168). Quando lhes faltaram argumentos estes pesquisadores psíquicos avançaram a ideia de que Flint tinha a capacidade de falar através do estômago (Flint 1971:163).

Para os outros que, incapazes de pensar em qualquer outra explicação, continuam a alegar fraude, Flint tem isto a dizer:

Tem sido sugerido que eu poderia ter um canal de duas vias ligado a um outro quarto onde, cúmplices meus imitariam as vozes dos que partiram desta vida ou que eu poderia esconder, algures, gravadores que reproduziriam as vozes, préviamente, gravadas dos mortos. É inumerável o número de engenhosos truques que já me foram atribuídos por aqueles determinados em não acreditar e que, com mais frequência do que se poderá imaginar, nunca se sentaram a uma das minhas sessões. Se eu fosse a prestar qualquer atenção a essas leviandades vindas de pessoas tão ridículas e obstinadas, eu poderia, com justiça, perguntar-lhes como é que essas imitações de vozes ou gravadores escondidos poderiam manter uma tão longa conversa, nos dois sentidos, com assistentes em que o volume dos detalhes pessoais e reminiscências por parte das entidades desencarnadas constituem um enorme volume de provas do seu ou da sua existência contínua. Eu poderia também perguntar a esses cínicos teimosos como é que os meus cúmplices, por mais talentosos que fossem, conseguiriam imitar vozes reconhecíveis duma esposa ou de um marido ou outros parentes falecidos de participantes às minhas sessões que bem poderiam ter chegado, recentemente, da Austrália, Índia ou Timbuktu. Não desperdiço, contudo, as minhas preciosas energias trocando palavras com cépticos que estão tão mal informados como cheios de preconceitos. Eu e os muitos milhares que têm assistido às minhas sessões sabemos onde está a verdade (Flint 1971:170).

Um dos peritos que investigou Leslie Flint e que de forma rigorosa garantiu a sua autenticidade, foi o Professor William R. Bennet, professor de Engenharia Electrica na Universidade de Colúmbia, em Nova Iorque. Como os engenheiros são pessoas altamente práticas,

normalmente pouco propensas a imaginações super-activas, o seu testemunho, é altamente credível:

A minha experiência com Mr. Flint foi directa. Ouvi as vozes independentes. Mais ainda, as modernas técnicas de investigação que não eram então disponíveis, corroboram as prévias conclusões, indicando que as vozes não eram dele. Mas, para se ser rigoroso, ter-se-á que considerar a possibilidade de cúmplices vivos... Esta sugestão tornou-se insustentável, para mim, durante a sua visita a Nova Iorque em Setembro de 1970, quando, numa sessão de surpresa no meu apartamento, as mesmas vozes não só apareceram mas, também tomaram parte nas conversas com os meus convidados (Flint 1971:220).

Acrescidas provas da honestidade de Leslie Flint e da genuidade das vozes que ele produzia são dadas por um estudo notável levado a cabo pelos dedicados pesquisadores, George Woods e Betty Greene. Todas as semanas, ao longo de desassete anos, de 1953 até 1970, Woods e Greene se sentaram com Flint em sua casa, em Londres, para gravar centenas de vozes diferentes, em tonalidades e dialectos diferentes, relatando do que lhes tinha acontecido quando morreram. Um excelente resumo das suas descobertas está contida no livro de Garry Williams *A Life Beyond Death* (1989) no Capítulo intitulado *O Outro Lado*.

16. Um médium moderno que confunde os cépticos

‘Eu e Edison estamos convencidos de que, no campo das investigações psíquicas, haverá descobertas ainda por fazer e que que virão a provar-se de muito maior significado para a raça humana do que todas as invenções alguma vez feitas no campo da electricidade’
Dr. Miller Hutchinson, Assistente de Edison

Um dos médiums Americanos contemporâneos mais famosos, George Anderson, foi minunciosamente testado pelo apresentador de rádio e televisão de Nova Iorque, Joel Martin, que disse que, em 1980, quando ele foi apresentado a Anderson:

Nunca tomei nenhuma posição em relação ao paranormal, que não significasse apenas a denúncia pública de fraudes (Martin J. e Romanowski P. 1988:1).

Martin tinha entrevistado, nos seus programas, muitos dos chamados psíquicos e arrivistas. Ele tinha desmascarado o famoso Amityville Horror como uma burla psíquica e, quando lhe falaram sobre George Anderson a sua resposta foi: ‘Eu vou expô-lo como um burlão num minuto.’

Mas George Anderson fez-lhe uma leitura que o deixou chocado:

George foi exato acerca de tudo. Não generalizou nem houve ambiguidade. Ele sabia de coisas – nomes, detalhes, acontecimentos, opiniões, até gestos que ninguém mais poderia conhecer. Como é que ele fez isso? ...’ escreveu ele. ‘Revivi a leitura várias vezes, procurando na minha memória algo que provasse a utilização de truques. George tinha trabalhado num quarto todo iluminado, não tinha entrado em transe e parecia tão seguro de tudo... Eu tive que admitir que algo se estaria a passar. Isso contrariava tudo o que eu tinha aprendido a acreditar acerca da ciência e da religião e da natureza da vida em si mesma’ (Martin J. e Romanowski P. 1988:64).

Martin contactou, de imediato, o seu colega de longa data, Stephen Kaplan, um parapsicólogo de reputação mundial, ‘que abordou o assunto do paranormal com mais cepticismo do que ninguém que eu tenha alguma vez conhecido’, escreve Martin. Ela sentia verdadeiro prazer em desmascarar, públicamente, os burlões (Martin J. e Romanowski P. 1988:65).

Kaplan assegurou-lhe que, se bem que ele acreditasse na existência de alguns médiums dotados no século vinte, tais como Edgar Cayce, Arthur Ford e o Brasileiro Arigo – a maioria que ele tinha encontrado eram mistificadores ou mágicos que eram incapazes de se sujeitar, em público, a testes com alguma hipótese de sucesso.

Martin fez com que o seu amigo telefonasse a Anderson, anónimamente, de uma cidade distante. Não tendo ouvido senão a voz de Kaplan dizendo ‘Alô!’, George foi capaz de lhe dar informações que quer Kaplan, quer Martin mais tarde descreveram como notável. ‘Eu diria que ele é genuíno’ concluiu Kaplan depois de encorajar Martin a conduzir testes adicionais (Martin J. e Romanowski P. 1988:69).

Nos sete anos que se seguiram, Martin fez com que Anderson aparecesse na rádio e na televisão ao vivo, fazendo milhares de leituras para pessoas, completamente, estranhas que telefonavam para a rádio, sem dar qualquer identificação nem à estação nem ao apresentador. Depois das leituras havia investigadores que investigavam o grau de acuidade das leituras com as pessoas que tinham telefonado. As suas conclusões?

George Anderson tinha um grau de exactidão de entre os 86 e os 95 por cento. Falando a totalmente estranhos, ele demonstrou, persistentemente, a sua capacidade de dar nomes, detalhes do modo como um ente querido tinha morrido, alcunhas pessoais, alusões a experiências compartilhadas, leituras do futuro com precisão, detalhes de problemas de saúde, etc. E muitas das chamadas que falharam em termos de precisão ficaram a dever-se a eventos futuros, não conhecidos, na altura, pelos intervenientes ou ao facto de que os intervenientes poderiam estar demasiado pouco à vontade para admitir como verdadeiros factos referentes a detalhes, por exemplo, duma relação extra-matrimonial ou abortos.

Martin testou Anderson em termos de consistência, fazendo com que os sete membros da família de um rapaz que tinha sido morto num acidente de viação o contactassem, anónimamente, em quatro ocasiões distintas. E todas as ocasiões Anderson foi capaz de confirmar com precisão e repetir a informação que tinha dado previamente a fim de identificar qual o membro da família que tinha estado presente em cada ocasião.

Testes posteriores concebidos por um especialista de computadores para detectar se George Anderson tinha níveis elevados de telepatia ou capacidade precognitiva mostraram que ele não era melhor do que a média das pessoas, eliminando, deste modo, qualquer possibilidade de ele estar fazendo leituras telepáticas (Martin J. e Romanowski P. 1988:142).

Num dos testes levados a cabo ao vivo na rádio, por um psicólogo, calculou-se que a probabilidade de George determinar dois factos acerca de 13 espíritos – a sua idade e a relação com o radio ouvinte – era de 1 para 6.044. Mas, em muitos casos, Anderson foi capaz de acertar em 11 ou 12 factos, com um grau de acuidade de 90% (Martin J. e Romanowski P. 1988:146).

George Anderson é o último numa longa lista de médiums talentosos que se dispuseram a colaborar com a ciência e enfrentar qualquer céptico, frontalmente. Joel Martin, constantemente, desafiou os cépticos teimosos e imoderados a ‘pôr Anderson à prova’. Tudo o que ele pedia, disse, era que assumissem uma atitude de cepticismo de espírito aberto e que viessem para a sessão para discutir, em público, o que tinham descoberto contra ou a favor (Martin J. e Romanowski P. 1988:109).

‘Desde que George veio para o meu programa de rádio, em 1980’, escreve Martin, ‘fui contactado por muitas pessoas interessadas em desacreditá-lo. Entre os que aceitaram o nosso convite para aparecer em público, juntamente com George, nenhum conseguiu explicar, mesmo que hipoteticamente, como é que George conseguia obter o conteúdo das suas mensagens que não fosse por meio da comunicação com espíritos’ (Martin J. e Romanowski P. 1988:11).

Os cépticos e os desmascaradores tentaram, duramente, ignorar George Anderson, assumindo que ele não existia.

‘O meu pessoal foi uma vez contactado por um dos mais notórios desmascaradores do país que, por acaso, era também ser um magico’, escreve ele. ‘Ficámos contentes por tê-lo na nossa sessão com George mas, por alguma razão, ele nunca apareceu’ (Martin J. e Romanowski P. 1988:107).

Numa outra ocasião, Martin foi contactado por um furioso Dr Abrams, um psiquiatra num estabelecimento estatal de saúde mental, que exigiu que lhe dissessem se George Anderson seria uma fraude.

Quando Martin o convidou a investigar por ele próprio, eles concordaram que Abrams levaria a cabo os seus próprios testes e que, se concluísse que ele era genuíno, aparecia no programa de rádio, ao vivo, para admiti-lo. Alguns meses depois, Abrams apareceu para uma sessão com Anderson. Vinha todo sujo, com a barba por fazer e tresandando a álcool. Anderson, rapidamente, o reconheceu como um profissional e disse-lhe que, por cima da sua cabeça ele via um quadro de Sigmund Freud. Abrams chegou e telefonou para Joel Martin para confirmar a autenticidade das capacidades de Anderson. Contudo, quando chamado a cumprir a sua promessa de ir para a rádio em directo, ele respondeu:

Não sei se serei capaz de cumprir essa parte da minha promessa, embora eu acredite que as capacidades de Anderson sejam autênticas... Para lhe ser franco, Mr. Martin, receio que os meus colegas nunca compreendam ou aceitem que eu tenha falado publicamente. Lamento muito (Martin J. e Romanowski P. 1988:110).

17. Provas Irrefutáveis – Correspondência Cruzada

‘A mais convincente das provas da vida depois da morte alguma vez posta por escrito’

Colin Wilson

Nos primórdios da investigação do fenómeno psíquico, os críticos costumavam argumentar que as informações transmitidas através dos médiums, como prova do pós-vida, poderiam vir do próprio inconsciente do médium ou da leitura da mente dos participantes às sessões.

Contudo, esta posição foi agora dramaticamente alterada. A pesquisa psíquica no específico campo do papel do inconsciente obteve grande sucesso ao demonstrar que, tratando-se de médiums genuínos, o seu inconsciente nada tinha a ver com as informações transmitidas do pós-vida. Nem estaria também envolvida a ‘telepatia’ entre o médium e o assistente.

As ‘Correspondências Cruzadas de Myers’ tornaram-se agora numa prova clássica da sobrevivência e têm sido bastante influentes e persuasivas no auxílio a muitas pessoas desejosas de entender a vida depois da morte.

O antigo humanista secular Colin Brookes-Smith teve a preocupação de estudar as Correspondências Cruzadas, em profundidade. Depois de estudá-las, declarou na revista do Society for Psychical Research que a sobrevivência deveria, agora, ser considerada como um facto suficientemente bem estabelecido e irrecusável por qualquer pessoa razoável. Mais, ele argumentava que esta conclusão não deveria ser remetida para a obscuridade dos registos das experiências mas que deveria ser presente ao público como:

uma momentosa conclusão científica de importância primordial para a humanidade (Murphet 1990:64).

Frederick W.H. Myers foi Professor de Classicismo na Universidade de Cambridge no último quartel do século passado. Foi um dos pioneiros e fundadores do Society for Psychical Research e estava envolvido nas investigações sobre o pós-vida. Quando ainda vivo, tinha particular interesse em descobrir um modo de fornecer provas de que as informações transmitidas através dos médiums não poderiam ser originadas nos seus inconscientes.

O método que ele engendrou foi a correspondência cruzada – uma série de mensagens passadas a diversos médiums em lugares diversos do mundo que, separadamente, não teriam qualquer significado mas que, em conjunto, fariam sentido. Ele e os seus colegas do Society for Psychical Research acharam que, se tal pudesse ser conseguido, teria um ‘alto valor probatório’ e poderia ser uma prova de alto nível da continuidade da existência.

Depois dele morrer, em 1901, diferentes médiums em países diversos começaram a receber uma série de escritos incompletos através de escrita autómata assinada por Frederick Myers e, mais tarde, pelos seus colegas da direcção do Society for Psychical Research, Henry Sidgwick e Edmund Gurney quando esses também morreram.

Todos esses escritos eram acerca de obscuros assuntos clássicos e não faziam sentido cada um por si só. Mas, quando se pediu aos médiums que contactassem um endereço central e os escritos foram postos lado a lado, encaixaram-se como peças de um puzzle. Ao todo, mais de três mil trechos de escritos foram transmitidos ao longo de trinta anos. Alguns deles formavam mais de quarenta páginas dactilografadas de texto.

Os médiums utilizados por Myers e por outros do pós-vida, não eram mestres de classicismo. Não tinham educação aprimorada e todas as mensagens transmitidas estavam fora do âmbito da sua experiência ou saber adquirido. Numa ocasião um dos médiums, Mrs. Coombe-Tennat, estava a conduzir uma discussão utilizando ‘escrita autómata’ entre a entidade espiritual do Professor Sidgwick e o seu colega vivente G. W. Balfour sobre a ‘relação corpo-mente’, ‘epifenomenalismo’ e ‘interaccionalismo’. Ela queixou-se, amargamente, de que não tinha a mínima ideia do que estavam a falar e perdeu a calma quando lhe pediram para transmitir essas coisas difíceis.

Myers disse, de facto, que era extremamente difícil transmitir as suas mensagens do mundo espiritual através do médium. De facto, ele disse que era:

...como estar atrás de uma barreira de vidro fôsko, com a visão envoada e os sons abafados, ditando, débilmente, para uma secretária relutante e, de certo modo, obtusa (Wilson 1987:176).

Depois da sua própria morte, em 1956, com a idade de 81 anos, esta mesma Mrs. Coombe-Tennant, usando o seu pseudônimo, Mrs. Willett, transmitiu um longo e detalhado livro das suas memórias pessoais, contendo incríveis detalhes da sua própria vida, ao médium Geraldine Cummins que nunca a tinha conhecido ou a seus filhos. Publicado com o nome de *Swan on a Black Sea*, os escritos de Willett, como às vezes também são conhecidos, são considerados por muitos, incluindo Colin Wilson, como:

...a mais convincente das provas da vida depois da morte alguma vez posta por escrito (Wilson 1987:183).

As informações transmitidas durante as experiências de Myers eram tão rigorosas que espantaram os membros do Society for Psychical Research. Certa vez, os investigadores que pesquisavam a correspondência cruzada de Myers, contrataram detectives particulares para manter sob vigilância, Mrs. Piper, uma dos médiums envolvidos nas experiências de Myers. A correspondência dela foi violada, foi seguida por detectives particulares, questionaram amigos dela e pessoas a quem ela falava. Todas as investigações apenas provaram a ausência de fraude, de conspiração ou truculência.

As provas são absolutas. Todos os documentos originais estão em arquivo para serem consultados por qualquer investigador. Para aqueles que queiram ter a iniciativa de pesquisar, existem informações suficientes. E, embora as informações sobre a correspondência cruzada à disposição do investigador sejam um desafio, a recompensa final são as provas da evidência do pós-vida.

Colin Wilson, ele próprio um anterior céptico, e agora um escritor de reputação internacional, investigou e escreveu:

Tomado como um todo, a correspondência cruzada e os trechos escritos de Myers estão entre as provas mais convincentes existentes presentemente, para provar a existência da vida depois da morte. Para aqueles que estejam preparados para devotar semanas ao seu estudo, eles provam, para além de qualquer dúvida, que Myers, Gurney e Sidgwick continuaram a comunicar-se mesmo depois da sua morte (Wilson 1987:179).

Utilizando os processos experimentais científicos, as correspondências cruzadas de Myers demonstraram, com êxito, que o que era transmitido pelo médium não era originado no seu próprio inconsciente.

18. Participantes por conta de outrem refutam a alegação de leitura da mente

‘Quando a ciência começar a estudar os fenómenos não-físicos, fará mais progressos numa década do que em todos os séculos de experiências’

Dr. Fred Hoyle, Cronologista Britânico

Um outro argumento que foi levantado nos dias primórdios da investigação psíquica era a de que os médiums obtinham as suas informações por telepatia das mentes inconcientes das pessoas que vinham assistir às suas sessões.

Os primeiros investigadores psíquicos ultrapassaram esta objecção através do que chamaram “participação por conta de outrem” – em que uma pessoa que nada sabia duma outra pessoa tomava o seu lugar e ia assistir às sessões na vez dessa outra pessoa.

O Reverendo Charles Drayton Thomas, um ministro metodista que se tornou investigador psíquico, passou muito tempo como assistente em representação de outrem enquanto investigava a mediunidade de Mrs. Leanord, gravando os resultados para a Society for Psychical Research. Ele ia às sessões sabendo apenas o nome da pessoa que desejava a comunicação.

Numa ocasião, em 1936-37, Thomas foi a quatro sessões em representação de Emma Lewis, pessoa que ele não conhecia. Através da médium, Mrs. Leanord, conseguiu obter setenta peças de informação que Emma depois confirmou, sem qualquer dúvida, que quem se estava a comunicar era seu pai, Frederick William Macauley.

O leitor terá que ter em mente que o Rev. Thomas, que insistia em utilizar o método científico para avaliar o que estava a ser transmitido, investigou, minuciosamente, a médium Gladys Osborne Leanord, um dos médiums mais bem dotados deste século. Fomos informados que ele assistiu a mais de 500 sessões com ela por um período de vinte anos. Depois do falecimento de Mrs. Leanord, em 1945, ele juntou-se a Leslie Flint, o bem dotado médium de voz directa com quem fez um vasto e valioso trabalho.

A única possível objecção que um céptico poderá fazer em relação às sessões por conta de outrem, é fraude. Não existe outra explicação possível ou provável para as informações vindas através do médium acerca duma pessoa falecida e que não tinha nenhuma ligação, seja de que espécie fosse, com qualquer dos assistentes que estavam com o médium, na altura.

Mas, até hoje, passados cerca de cinquenta anos, ninguém foi capaz de sequer sugerir fraude nas sessões com assistentes por conta de outrem conduzidos pelo Reverendo Drayton Thomas. Uma vez mais, os investigadores psíquicos ficaram impressionados com a notável ausência de críticas a estas sessões com assistentes por conta de outrem.

O Professor Dodds, o racionalista da Society for Psychical Research de 1961-63, supervisionou uma série de sessões com assistentes por conta de outrem, com o médium Nea Walker e ficou muito impressionado. Ele concluiu:

A hipótese de fraude, dedução racional de factos revelados, telepatia do assistente presente e coincidência não podem, nem isolada, nem em combinação, influenciar os resultados obtidos (Dodds 1962).

Em relação às sessões com assistentes por conta de outrem, remete-se o leitor para o livro do Reverendo Drayton Thomas 'Life Beyond Death With Evidence' para informação directa sobre mais provas da sobrevivência à morte física.

19. A Ciência e as Experiências Fora do Corpo

‘O segredo já é de domínio público: a visão remota (Experiências Fora do Corpo) existe, funciona, já foi testado, provado e utilizado em espionagem por mais de duas décadas. As recentes admissões pelo governo (EUA) relativas à utilização de meios de guerra psíquicos são testemunhos cruciais e irrefutáveis de que o que eu aqui disse é a verdade...’

Major David Morehouse (EUA)

Um dos tópicos, correntemente, mais populares, para os investigadores psíquicos são as EFCs (Experiências Fora do Corpo) . As Experiências Fora do Corpo são um argumento poderoso e coerente de que sobrevivemos à morte física. Mais em particular, as EFCs continuam a somar-se ao volumoso número de provas de que a mente indestrutível é independente e distinta do cérebro físico. As EFCs deverão ser, sempre e necessariamente, vistas em conjunto com as outras provas do pós-vida.

As EFCs acontecem quando o corpo duplo invisível duma pessoa, por vezes também chamado de corpo astral ou corpo etérico, consegue sair do corpo físico com plena consciência. Para a maior parte das pessoas não existe, absolutamente, nenhum controlo sobre as EFCs – elas apenas acontecem. A pessoa que experimente uma EFC não tem que estar doente ou moribunda. Os que tiveram uma Experiência Fora do Corpo, normalmente, aceitam que sobrevivem à morte física. Eles sabem que a razão pela qual regressam ao seu corpo físico é porque o seu corpo duplo invisível está ainda ligado ao corpo físico pelo cordão de prata. Quando o cordão de prata se deteriora irreparavelmente, o corpo invisível (para os olhos físicos) continua a sobreviver no Mundo do Além.

As EFCs são um facto histórico e têm sido relatadas há mais de vinte séculos por todo o Mundo.

Para começar, algumas notas históricas das EFCs (brevemente):

- Os antigos Egípcios descreveram as EFCs e o corpo astral a que chamavam ‘ba’.
- Os rituais de iniciação aos mistérios Mitíacos utilizavam as EFCs.
- Platão referiu-se às EFCs de Er na sua República.
- Sócrates, Plínio Plutónio descreveram Experiências Fora do Corpo.
- Plutónio escreveu sobre como foi, por diversas vezes, elevado para fora do corpo.
- Plutarco descreveu uma EFC que aconteceu a Aridano no ano 79 a.c.
- O ‘Livro dos Mortes dos Tibetanos’ descreve um duplo do corpo físico, chamado ‘Corpo Bardo’, que se eleva para fora do corpo.
- O Budismo Mahayana reconhece a existência de um corpo duplo.
- Os Chineses antigos diziam que eram capazes de ter uma EFC depois de meditarem.
- Alguns shamans tribais dizem poder experimentar uma EFC quando querem.
- Os Índios Norte Americanos dizem que alguns deles têm a capacidade de efectuar EFCs.
- Os primeiros missionários na África e na América ficavam espantados com as tribos nativas que conseguiam ter conhecimento detalhado de tudo o que acontecia num raio de centenas de quilómetros em redor (veja Inglis 1977:30-35).

Algumas breves investigações:

- Yram, nascido como Marcel Louis Fohan (1884-1917) gravou, sistematicamente, as suas EFCs - veja o seu livro Practical Astral Travel .
- Sylvan Muldoon, nos Estados Unidos, conjuntamente com Hereward Carrington, escreveu acerca dos seus anos de EFCs (1915-1950).
- Na Inglaterra, Oliver Fox registou as suas EFCs no seu livro Astral Projection (1920).
- J H M Whiteman, no seu livro The Mystical Life (1961), declarou que tinha tido mais de 2.000 projecções astrais.

- Em 1954, uma sondagem realizada pelo Departamento de Sociologia da Universidade Duke revelou que 27.1% tinham tido EFCs.
- Duas sondagens levadas a cabo por Celia Green em Universidades Inglesas, em 1967, revelaram que 19% e 34% tinham tido EFCs (Green 1967 e 1973).
- Estudos conduzidos por John Palmer e M Dennis, em 1975, revelaram que 25% dos estudantes e 14% dos residentes de Charlottesville, na Virgínia, garantiram ter tido EFCs.

Existe volumosa informação acerca das Experiências Fora do Corpo. As provas, a seguir, foram tiradas de relatórios sobre as pesquisas científicas sobre a EFC e de testemunhos sobre a existência de operações de EFC por Oficiais do Exército Americano de patente elevada e de alta credibilidade. Muitos dos casos referidos abaixo foram objectivamente verificados.

Pesquisas militares sobre as EFCs

Há mais de vinte anos que o Exército dos Estados Unidos tem tido um orçamento de setenta milhões de dólares por ano para a pesquisa psíquica, com especial ênfase para a ‘observação remota’ – o termo militar para as Experiências Fora do Corpo. A observação remota ocorre quando um habilitado projector astral se move para fora do seu corpo físico, viaja para uma área específica para observar um objectivo e depois regressa ao seu corpo físico para relatar o que viu.

Por assombroso que isto possa parecer àqueles que pouco conhecimento têm do fenómeno psíquico, esta e outras coisas ainda maiores foram já feitas e continuam a ser feitas nos Estados Unidos, na Rússia, na China. A França tem mantido silêncio sobre o assunto mas ela tem população e conhecimento psíquico avançado e permite participar em observação remota.

No seu interessantíssimo livro *Remote Viewers – The Secret History of America’s Psychic Spies* (1997), Jim Schnabel cita um certo número de fontes altamente credíveis, incluindo um Presidente Americano, sobre a realidade das Experiências Fora do Corpo aplicadas a fins militares. Aqui vão alguns testemunhos extraordinários que já encontraram o seu lugar nos anais da história do fenómeno psíquico:

Nunca gostei de entrar em polémicas com os cépticos porque, se não acreditam que as EFCs são um facto, então é porque não estudaram a lição convenientemente.

Major-General Edmund R. Thompson, Adjunto para a Espionagem do Chefe do Estado Maior do Exército dos EUA, 1978-81, Director Adjunto para a Administração e Operações, DIA, 1982-84) (Schnabel 1997:cover).

Não é possível estar-se envolvido nisto, seja por que lapso de tempo fôr, sem que se convença de que existe algo por aí.

Norm J., antigo funcionário superior da CIA que dirigiu vários observadores astrais. (Schabel 1977:cover).

Havia ocasiões em que eles queriam carregar nos botões e despejar as bombas com base nas nossas informações.

Dr. Hal Puthoff, um antigo dirigente do programa de observadores remotos (Schabel 1997:cover).

Ela entrou em transe. E, enquanto em transe, deu-nos alguns números de latitude e de longitude. Focámos as câmaras do nosso satélite nessa direcção e o avião desaparecido lá estava.

O antigo Presidente Jimmy Carter, recordando uma operação de observação directa em 1978.

O Instituto de Pesquisas Stanford nos Estados Unidos foi o local onde muitas das pesquisas iniciais foram conduzidas. O Físico Hal Puthoff era o chefe do Programa de Observação Remota. Algumas das pessoas envolvidas nestas projecções astrais militares, observações remotas (de acordo com Schnabel, 1997) incluíam:

- Almirante Stanfield Tuner, Director da CIA 1977-91;
- Major-General Ed Thompson, Adjunto do Chefe de Estado Maior para a Espionagem Militar. Ele tinha conhecimento especial de que os Russos tinham desenvolvido técnicas de fenómenos psíquicos que eram utilizadas para a espionagem militar por observação remota e hipnotismo telepático a longa distância;
- Sargento Meil Riley (1978-90);
- Sargento Lyn Buchanan, O Major Ed Dames e o Coronel John Alexander do Comando da Espionagem e Segurança do Exército dos EUA;
- talentoso observador remoto Ingo Swann que foi o primeiro sujeito dos testes de Puthoff sobre as EFCs;
- cientista da CIA Richard Kennet que trabalhou com Pat Price e Hal Puthoff;
- Keith Harray, observador remoto de talento;
- John MacMahon, chefe do escritório de Serviços Técnicos da CIA de 1974-76 e, depois, Director Adjunto da CIA – ele era um grande apoiante da observação remota e tornou-se ele próprio um investigador – convenceu-se depois de ele próprio ter experimentado espantosos fenómenos psíquicos.

- Patrick Price, um psíquico de grande talento, independente mas, altamente consistente com a observação remota de Ingo Swann. Price, através de observação remota, descreveu com precisão ‘detalhes de uma instalação secreta do Pentágono nas colinas da cidade de Sugar Grove, na Virgínia Ocidental...’. Entre as suas funções secretas estavam a detecção de comunicações telefónicas intercontinentais e o controlo dos satélites espiões dos E.U. Price foi espantosamente certo na sua observação remota ao penetrar nas instalações Russas de Monte Narodnaya no extremo norte, nas remotas Montanhas dos Urais. A CIA confirmou a rigorosidade da observação remota de Price.

Projecção astral no espaço

Quando se tratar de, seja o que for que não seja físico, no pós-vida, as distâncias são imateriais. As informações transmitidas do pós-vida (veja Silver Birch, Arthur Findlay e outros) dizem-nos, repetidamente, que a mente é crucial no pós-vida. Por exemplo, se você está em Nova Iorque e quiser estar junto ao Big Ben, em Londres, tudo o que tem a fazer é pensar no Big Ben com o desejo de aí se deslocar e você, instantaneamente, lá está. Viajar, no pós-vida, realiza-se à velocidade do pensamento.

Um artigo interessantíssimo aparece numa das Publicações Llewellyn, *The Truth About Astral Projection* (1991:13) referente a Experiências Fora do Corpo na exploração espacial. De acordo com os autores, uma experiência memorável aconteceu no Instituto de Pesquisas de Stanford, no dia 27 de Abril de 1973. Dois dos principais executantes de EFC da América, Ingo Swann e Harold Sherman, receberam a missão de avaliar as condições em redor do planeta Júpiter. Isso seria como preparativo para o envio, pelos Estados Unidos, do veículo espacial Pioneer 10 a Júpiter, no mês de Dezembro seguinte.

Swann e Sherman relataram que Júpiter estava sujeita a densas tempestades magnéticas. Predisseram que a atmosfera era tão densa que desviaria sondas de rádio e, desse modo, impediria a aterragem do Pioneer 10 na superfície, como estava planeado. Todas estas e outras informações foram confirmadas posteriormente (Llewellyn 1991:13).

A 17 de Março de 1974, Swann e Sherman foram, convocados para se projectarem, de novo, no espaço. Desta vez foram separadamente, e cada um deles não tinha conhecimento da participação do outro. O objectivo era Mercúrio e eles deveriam recolher informações antes do lançamento do Mariner 10 em direcção a Mercúrio. Uma vez mais, de forma espantosa, eles relataram informações idênticas que contradiziam o que os cientistas na Terra pensavam acerca de Mercúrio. As informações enviadas pela Mariner 10 mostraram que Swann e Sherman estavam correctos (Llewellyn 1991:13).

Sem dúvida que mais viagens utilizando as Experiências Fora do Corpo serão realizadas e relatadas durante o século vinte e um.

Guerreiros Psíquicos

O Major David A Morehouse, um oficial do Exército dos E.U.A. altamente condecorado, foi, entre 1987 e 1991, destacado para vários programas especiais altamente secretos no Comando de Espionagem e Segurança e na Agência de Espionagem para a Defesa do Exército dos E.U.A. No seu livro *The Psychic Warrior – The True Story of the CIA's Paranormal Espionage Program* (1996) ele refere várias figuras no programa, como segue:

O segredo já é de domínio público: a observação remota existe, funciona, foi testado, provado e utilizado em espionagem por mais de duas décadas. As admissões mais recentes do Governo em relação à utilização de meios de guerra psíquicos são testemunhos cruciais e irrefutáveis de que o que eu aqui digo é verdade. O Governo do país mais poderoso da face da Terra admitiu que os humanos podiam transcender o tempo e o espaço para observar pessoas, lugares, coisas e eventos e que a informação assim obtida podia ser trazida. Espero que compreendam a importância destas informações (Morehouse 1996).

Morehouse também declara que, ele e outros executantes de EFC tiveram contactos regulares com seres do pós-vida.

Estou espantado que este projecto das EFCs, observações remotas, necessariamente secreto, tivesse sido autorizado a ir avante no Exército dos E.U.A. e por tanto tempo, sem a forte oposição dos materialistas, da religião institucionalizada e dos fundamentalistas. Evidentemente, que os militares e as agências de espionagem decidiram que as objectivamente provadas EFCs transcendiam, prevaleciam e tornavam inválidas quaisquer objecções baseadas em subjectivas crenças religiosas dos fundamentalistas ou das igrejas institucionalizadas.

A evidência da saída para fora do corpo estabelece a existência do corpo astral ou etérico que é o duplo do corpo físico. Inevitavelmente, mais cedo ou mais tarde, o projecto que foi uma vez um projecto aberto tornar-se-á, necessariamente, secreto. As consequências da observação remota são enormes e virá a ser decidido que o público não deverá ter acesso às informações sobre as EFCs.

A consistência das EFCs

- Dr. Dean Sheils analisou mais de 1.000 estudos de EFC em 70 países de cultura não ocidental. Os seus resultados conclusivos mostraram que, embora fosse esperado que pudesse haver variações significativas nas EFCs, ele descobriu que havia absoluta

consistência. O Dr. Sheils disse que os resultados eram tão universais que o fenômeno tinha que ser genuíno (Lazarus 1993:167).

- Muitos dos gigantes da literatura deste século declararam, publicamente, que tinham tido uma EFC: incluem Ernest Hemingway, Tolstói, Dostoievski, Tennyson, Edgar Allan Poe, D H Lawrence, Virginia Wolf (Lazarus 1993:166).
- O credibilíssimo cientista, o Dr. Robert Crookall, analisou mais de 700 relatórios de EFCs. Ele descobriu que 81% dos que as tinham experimentado tinham uma firme convicção da vida depois da morte devida às suas experiências pessoais. O que deixou o metucioso cientista, Crookall, aturdido foi a coerência dos relatos das EFCs, provenientes de todas as partes do Mundo, com as experiências no limiar da morte e com as comunicações vindas de médiums de grande nível (Crookall 1970).

O corpo astral observado durante a exteriorização

- A Society for Psychical Research tinha um grande número de casos de EFCs em registo. Um dos casos mais interessantes dizia respeito à pessoa que experimentava o estado de fora do corpo ser tomada por uma outra pessoa como um corpo de carne e osso.

Mr. Landau relata que em 1955, a sua noiva lhe falou sobre as EFCs dela. Uma noite ele deu-lhe o seu diário e pediu-lhe que o levasse para o quarto dele durante a sua próxima EFC. Cedo na manhã seguinte ele observou a aparição desaparecer no corpo dela dormindo na cama. Quando regressou ao seu quarto ele encontrou, ao lado da sua cama, o cão de borracha dela, que ele tinha visto pela última vez, numa cómoda ao lado da cama dela. Quando ele lhe perguntou sobre isso ela disse que não se sentiu à vontade em mover o diário porque lhe tinham ensinado em criança que nunca devia mexer em cartas e diários de outras pessoas (Landau 1963:126:128).

- Nos E.U.A., Karlis Osis e Boneita Perskari passaram vários anos pesquisando com um excelente praticante de EFCs, Alex Tanous, e conseguiram obter resultados significativos. Um teste, em particular, requeria que Tanous viajasse, astralmente, a um lugar diferente, a quilómetros de distância, para visitar um determinado escritório e observar o que estava sobre uma secretária e depois relatar o que vira. O que Tanous não sabia era que, nesse escritório, um psíquico, Christine Whiting, estava à espera para ver se ela conseguia ver alguém a vir. Seguramente que esta médium, com a sua visão de vidente, viu Tanous chegar ao escritório. Ela também descreveu, em detalhe, a posição, a localização no espaço, a camisa com mangas arregaçadas e as calças de bombazina que ele vestia. Assim, o registo mostra que, nesta experiência, houve independente identificação de Tanous durante a EFC (William 1989:35-36).

Ver coisas normalmente não visíveis

- Sir Oliver Oyston, um distinto soldado Britânico, registou uma EFC quando estava muito doente no hospital com uma febre tifóide durante a guerra dos Boers. O corpo astral de Sir Oliver, plenamente consciente de tudo o que o cercava, flutuava e penetrava através das paredes, tomando particular nota de um jovem ‘cirurgião em agonia da morte provocada pela tifóide’. No dia seguinte, completamente recuperado, Sir Oliver contou, detalhadamente, à equipa médica o que aconteceu. A equipa médica confirmou, mais tarde, tudo o que Sir Oliver lhe tinha narrado.
- O Professor Kimberly Clark da Universidade de Washington, relatou um caso, agora internacionalmente conhecido, de uma paciente do hospital que sofria de paragens cardíacas, ter tido uma EFC. O seu corpo duplo e invisível foi em viagem astral para os pisos superiores do hospital, acabando por ir ter a um armazém em que nunca tinha estado, obviamente. Ela viu um velho par de ténis em cima de um armário. Regressando ao seu corpo e, ao recobrar a consciência, contou o que se tinha passado ao Professor. Espantado pela informação o Professor propôs-se confirmar a história. Tudo, até ao ínfimo pormenor, foi confirmado, até mesmo o nome do fabricante dos ténis. Irónicamente, este foi um dos casos discutidos pelo escritor Inglês católico Ian Wilson no seu livro *The After Death Experience* .
- A Dra. Elisabeth Kubler-Ross disse que, durante as suas pesquisas, teve casos em que um paciente cego era capaz de ver certos eventos durante as suas EFC, eventos que depois foram confirmados (Kubler-Ross 1997:175).

Algumas experiências controladas

Devido à cooperação de alguns talentosos praticantes de EFCs, o fenómeno entrou no âmbito da ciência.

- Cientistas Holandeses conseguiram pesar, com sucesso, o corpo físico, antes, durante e depois das exteriorizações (EFCs). Descobriram uma perda de peso de 64 gramas durante a exteriorização (Carrington, 1973).
- Pesquisadores Franceses, incluindo o Professor Richet, dispenderam muitos anos fazendo com que corpos exteriorizados movessem objectos materiais, produzissem batimentos à distância e afectassem chapas fotográficas e redes de cálcio. Eles fotografaram exteriorizações.
- Outros pesquisadores, incluindo Robert Morris da Fundação Física da Carolina do Norte, levou dois anos a investigar as EFCs. Um voluntário praticante de EFCs, Keith ‘Blue’ Harary, que dizia ter tido Experiências Fora do Corpo desde criança, foi capaz de se deitar no quarto selado dum laboratório e projectar-se para uma outra casa a dezoito metros de distância. Enquanto aí esteve foi capaz de ler cartas

e contar, com precisão, quais os pesquisadores que lá se encontravam e onde estavam sentados.

- Em 1965, o Dr. Charles Tart, um psicólogo da Universidade da Califórnia, conduziu experiências controladas com Robert Monroe, um talentoso praticante de EFC. Monroe escreveu mais de três livros dando meticulosos detalhes acerca das EFCs. Ele também fundou um instituto com fins não lucrativos, 'O Instituto Monroe', que ensina, quer em casa, quer através de ensino à distância, como ter essas experiências.

Será o cérebro diferente da mente?

Muitas pessoas, incluindo alguns psicólogos, acreditam, erradamente, que o cérebro e a mente são a mesma coisa. Um dos grandes pioneiros do fenómeno psíquico nos Estados Unidos, George Meek, afirma no seu notável livro, *From Seance to Science* (Meek 1973) que pesquisas demonstram, sem lugar a dúvidas, que a mente é diferente e independente do cérebro. Ele cita o facto de que o Dr. Wilder Penfield, um dos primeiros pesquisadores do cérebro a estudar a distinção entre cérebro e mente, ser capaz de remover, permanentemente, 'massivos segmentos do cérebro do paciente e que a 'mente' parecia continuar a funcionar, como dantes, sem distúrbios da consciência.'

A ciência, argumenta ele, não tem resposta para a questão de como e onde nós armazenamos os nossos pensamentos, as nossas memórias e as nossas impressões, uma vez que:

- De acordo com o biólogo Americano, o Dr. Hudson Hoagland, 60.000 bilhões de células no corpo humano e 500 milhões de células de alguns tipos morrem todos os dias e são substituídas por outras novas,

- Sir Charles Dodds descobriu que:

No caso do homem, a substituição total de proteínas ocorre em cada 80 dias, enquanto que a substituição total das proteínas do fígado e do soro ocorre em cada 158 dias

.... é espantoso pensar que a totalidade das proteínas, de que o corpo humano é, em grande parte, composto é substituído em cerca de 160 dias (Meek 1973:25).

No contexto do acima descrito se, como alguns cientistas afirmam, as nossas memórias são registadas nas células do nosso cérebro, porque é que ainda as retemos? George Meek pergunta:

Como poderemos armazenar os nossos pensamentos, memórias e impressões nos arrumadinhos armários das células do cérebro se, milhões dessas mesmas células são dissolvidas e arrastadas pelo cano

abaixo do nosso sistema excretório, vinte e quatro horas por dia (Meek 1973:25).

Se alguns cépticos dizem: ‘Oh! Mas é muito simples... é uma função das moléculas do DNA’. Os cientistas concordam que esta resposta não é, de maneira nenhuma, adequada.

É claro que, durante uma EFC, a mente e o corpo duplo etérico saem do corpo físico. O cérebro mantém-se no corpo físico. Enquanto a mente está fora do corpo físico, no corpo etérico, pode pensar, analisar, criar, observar, registar, memorizar e pode instruir o corpo etérico a fazer tudo o que lhe ordene, dentro de certos limites.

Sobre este assunto também temos a confirmação de Altas Inteligências, incluindo a Águia Branca e a Bétula de Prata, que a mente é independente do cérebro físico e, enquanto que, com a morte, o cérebro físico morre com o corpo físico, a mente com o corpo etérico sobrevive com todas as memórias acumuladas durante a vida na Terra.

Por conseguinte...

Sem dúvida que os cientistas, os militares e outros, demonstraram que as Experiências Fora do Corpo são uma realidade. Isto significa que um corpo duplo com a sua própria mente existe realmente, e é este corpo duplo que sobreviverá à morte física, tal como os psíquicos têm afirmado há séculos.

20. A Ciência e as Experiências no Limiar da Morte (ELM)

‘Parece haver poucas dúvidas de que as ELMs ocorrem em todas as culturas e que têm ocorrido desde sempre durante a história escrita ... as ELMs acontecem a novos e a idosos, a pessoas de todos os extractos sociais, àqueles cuja vida tem uma dimensão espiritual e àqueles que não professam absolutamente nenhuma fé ... há muitos exemplos de pessoas que tiveram ELMs numa altura em que nem sabiam que tais fenómenos existiam?’

Dr. Peter Fenwick

A Experiência no Limiar da Morte (ELM) é um poderoso argumento a favôr da existência do pós-vida. À medida que as técnicas de ressuscitação se desenvolvem, cada vez mais pessoas são trazidas do limiar da morte clínica. Muitos deles contam a experiência expressiva e profundamente intensa na qual têm a sensação de estarem vivos e funcionando fora do corpo. Para muitos a Experiência no Limiar da Morte é uma experiência espiritual e emocional extremamente poderosa.

A evidência das ELMs é constante, esmagadora e esotérica – experimentada por muitos. As evidências experimentais das ELMs são também coerentes com outras evidências experimentais dos

fenómenos psíquicos – incluindo as EFCs, com as informações obtidas através de médiums físicos e mentais, com as aparições e a sobrevivência. Embora alguns cépticos de espírito fechado se recusem a acreditar coisas como as Experiências no Limiar da Morte, os cépticos de espírito fechado mais informados e com melhor educação formal agora já admitem que é indisputável a existência das ELMs. A questão ficou agora confinada ao compreender o que é que elas significam.

Os psíquicos dizem que, numa situação de crise, em que a morte é quase inevitável ou é tida como inevitável, o corpo duplo, o corpo etérico ou astral, larga o corpo físico e experimenta as primeiras fases do pós-vida – veja mais à frente. Se a morte não ocorre, o corpo duplo volta a ocupar o seu lugar no corpo físico. Os cépticos dizem que não existe isso de corpo duplo e, seja o que fôr que alguém possa sentir, tem a ver com problemas do corpo físico em si – está tudo na mente.

Estudos têm demonstrado que as ELMs têm acontecido no seguimento de doenças, de operações cirúrgicas, de parto, de acidentes, de ataques de coração e de tentativas de suicídio.

Um dos pioneiros nesta área foi um médico e filósofo, o Dr. Raymond Moody Jr., que começou a sua obra como um céptico e está, agora, completamente convencido da realidade da vida depois da morte. O seu primeiro livro, *Life After Life* escrito em 1975, é considerado um clássico que abriu esta área à moderna investigação e foi seguido de outros dois livros em 1983 e 1988.

Desde 1975 houve diversos estudos em vários países – tantos que há, agora, diversas associações e revistas sobre a investigação de estudos sobre o limiar da morte. O excelente livro Australiano de Cherie Sutherland (1992) contém uma bibliografia seleccionada de mais de 150 relatórios de pesquisas académicas.

Os quinze elementos comuns

Moody encontrou uma surpreendente similitude nas descrições de mais de 150 pessoas que tiveram experiências destas – de tal modo que ele conseguiu identificar quinze elementos diferentes que são uma constante nesses relatos. Ele construiu uma experiência típica que contém todos estes elementos:

- Um homem está moribundo e quando atinge o ponto de maior debilidade física, ouve o médico pronunciar-lo morto. Começa a ouvir um barulho desagradável, uma campainha ou bezouro a soar alto e, ao mesmo tempo, sente-se a mover, muito rapidamente, num túnel longo e escuro. Depois disto, dá-se conta de estar fora do seu próprio corpo físico, mas, ainda nas imediações do ambiente físico e vê o seu próprio corpo à distância, embora ele esteja apenas como espectador. Desta invulgar posição dominante ele observa as tentativas de ressuscitação, encontrando-se em estado de transtorno emocional.

- Depois de algum tempo, volta a si, e torna-se mais familiarizado com a sua estranha condição. Toma nota de que é ainda um ‘corpo’ mas, de natureza bem diversa e com poderes bem diferentes dos do corpo que acabou de deixar para trás. Cedo outras coisas começam a acontecer. Outros vêm encontrar-se com ele e ajudá-lo. Vislumbra espíritos de parentes e amigos falecidos e um espírito cheio de amor e de mansidão, de uma natureza que ele jamais encontrara antes – um ser de luz – aparece perante ele. Este ser faz-lhe uma pergunta, não verbal, para o fazer avaliar a sua vida, e vai-o ajudando, revelando-lhe uma panorâmica instantânea dos acontecimentos mais relevantes da sua vida. A certa altura sente-se a aproximar de uma espécie de barreira ou fronteira, aparentemente representando o limite entre a vida terrena e vida seguinte. Mesmo assim ele acha que deve voltar para a Terra, que a hora da sua morte ainda não é chegada. Neste ponto ele oferece resistência porque já começou a apreciar as experiências do pós-vida e não quer regressar. Sente-se transbordante de sentimentos intensos de alegria, amor e paz. Apesar da sua disposição de espírito ele, de certo modo, se reúne ao seu corpo físico e volta a viver.

- Mais tarde tenta contar aos outros mas, tem receio de o fazer. Em primeiro lugar não encontra nenhuma palavra humana adequada para descrever essas experiências extra terrenas. Também pensa que os outros irão zombar dele e, assim decide não contar nada. Seja como for, a experiência afecta a sua vida profundamente, especialmente a sua visão sobre a morte e a sua relação com a vida (Moody 1975:21:23)

O Dr. Kenneth Ring, que produziu um estudo científico sobre as Experiências no Limiar da Morte, em 1980, confirmou os achados do Dr. Moody mas, descobriu que as pessoas iam através da experiência, por fases, e um grande número de pessoas apenas experimentavam as primeiras.

Outros estudos por Karl Osis e Erlendur Haraldsson (1977), Michael Sabom e Sarah Kreutziger (1976), Elisabeth Kubler-Ross (1983), Craig Lundhal (1981) e Bruce Creyson e Ian Stevenson (1980) todos confirmaram a descrição de Moody.

Enquanto inconscientes eles viram

O Dr. Sabom, um cardiologista da Geórgia, entrevistou mais de 100 pacientes do hospital e que tinham escapado à morte por um triz. Destes, 61 por cento relataram ter experimentado a clássica ELM do tipo correspondendo, aproximadamente, aos publicados, em 1975, por Moody.

Muitos dos pacientes reanimados foram capazes de descrever, em grande detalhe, exactamente, o que passava na sala de operações enquanto estavam, supostamente, inconscientes ou mortos. O Dr. Sabom investigou a possibilidade destes doentes estarem, meramente,

a utilizar a sua imaginação criativa ou conhecimentos que teriam, inconscientemente, adquirido de outros casos de cuidados de emergência.

Entrevistou um grupo de doentes cardíacos crónicos que não tivessem tido uma Experiência no Limiar da Morte e pediu-lhes para imaginar que estavam a observar uma equipa médica a tentar ressuscitar uma vítima de ataque cardíaco e para lhe descreverem, com tantos detalhes quanto possível, os passos tomados. Para sua surpresa, 80% deles descreveram, erradamente, os procedimentos. Por outro lado, nenhum dos do grupo que reclamaram terem testemunhado a sua reanimação, enquanto fora do corpo, cometeram um único erro sobre os procedimentos (Sabom 1980:120-121).

Uma experiência comum

Existem agora, literalmente, milhões de pessoas em todo o Mundo que já tiveram Experiências no limiar da morte. Em 1983, um estudo de opinião pública feita por George Gallop Jr. concluiu que oito milhões de Americanos, aproximadamente, ou seja, 5 por cento da população adulta, tinham tido pelo menos uma (Gallup 1982). Um estudo de opinião pública Australiana levada a cabo por Allan Kellehear e Patrick Heaven mostrou que dez por cento de 179 pessoas declararam ter experimentado, pelo menos, cinco elementos típicos duma ELM.

Estudos em locais amplamente diferentes, geográficamente, têm produzido resultados, notavelmente, idênticos, tais como: o estudo sobre as ELM de Margot Grey na Inglaterra (Grey 1985); o estudo de Paola Giovetti na Itália (Giovetti 1982); o de Dorothy Counts na Melanésia (Counts 1983); o de Satwant Pasricha e Ian Stevenson (1986) na Índia. Mais estudos continuam a chegar de diversos países com regularidade e casos históricos demonstram que as experiências têm sido notavelmente coerentes ao longo dos tempos (veja o caso das ELMs de Er n' A República' de Platão, reeditada em 1973).

Embora estas experiências tenham vindo a acontecer ao longo da História da humanidade, apenas nos últimos vinte anos as pessoas se sentiram livres, na cultura ocidental, para falar delas e do efeito que tiveram nas suas vidas.

Efeitos posteriores comuns

Cherie Sutherland, uma investigadora Australiana, entrevistou a fundo, 50 sobreviventes de ELM e descobriu que os efeitos nas vidas dos sobreviventes foram notavelmente coerentes e, significativamente, diferentes dos efeitos de alucinações provocadas por drogas ou produtos químicos. Ela identificou muitos efeitos que foram substanciados por outros estudos, tais como Ring (1980 e 1984) Atwater (1988). Incluem:

- Uma crença universal no pós-vida;
- Uma elevada proporção (80%) que acreditava na reencarnação;
- Uma ausência total de medo da morte;
- Uma grande mudança da religião organizada para a prática espiritual pessoal;
- Um aumento estatisticamente significativo de sensibilidade psíquica;
- Uma visão mais positiva de si e dos outros;
- Um aumento do desejo de recolhimento;
- Um aumentado sentido de objectivo;
- Uma falta de interesse no sucesso material em contrapartida com um aumento de interesse por desenvolvimento espiritual;
- 50% experimentaram dificuldades nas relações íntimas devido à alteração das suas prioridades;
- Um incremento na tomada de consciência quanto à saúde;
- A maioria bebia menos álcool;
- Quase todos deixaram de fumar;
- A maior parte deixou de utilizar medicamentos de farmácia;
- A maioria passou a ver menos televisão;
- A maioria passou a ler menos jornais;
- Um acrescido interesse por medicinas alternativas;
- Um acrescido interesse em aprender e em auto-valorização;
- 75% passaram por uma grande alteração de carreira, mudando-se para áreas de ajuda ao próximo.

Um estudo Americano independente efectuado pelo Dr. Melvin Morse descobriu que os sobreviventes de ELM têm um número três vezes maior de experiências psíquicas do que as demais pessoas (Morse 1992).

Explicação alternativa

Naturalmente que as Experiências no Limiar da Morte não podem apenas ser aceites pelo que parecem, sem que se examinem explicações alternativas. Estas são:

Estarão eles a defraudar?

Como afirmado mais atrás, os que estudaram as ELMs – cientistas, médicos, psicólogos, outros investigadores e cépticos – todos eles agora afirmam, com absoluta certeza, que as ELM são uma realidade.

Alguns cardiologistas, investigadores de espírito aberto, sustentaram inicialmente que as ELM não existiam mas, subsequentemente, mudaram de opinião. Michael Sabom, o cardiologista mencionado anteriormente, admitiu que, antes de começar a investigar, sentia que as ELMs deveriam ser ‘fabricações da consciência’, fosse de quem os relatava fosse de quem escrevia sobre eles. Contudo, ao começar as investigações, ficou, absolutamente, estupefacto perante a genuinidade do fenómeno.

Outro credibilíssimo cardiologista que era, inicialmente, céptico foi Maurice Rawlings que declara no seu livro *Beyond Death's Door* (1978) que ele sempre tinha acreditado na morte como a extinção total, até ao dia em que um carteiro de quarenta e oito anos caiu 'morto' no seu consultório. Ao começar a ressuscitá-lo o paciente começou a gritar: 'Estou no Inferno! Tire-me do Inferno!'. Primeiro Rawlings disse-lhe: 'Conserva o Inferno para ti mesmo – Estou a tentar salvar-te a vida'. Mas, gradualmente, ele começou a ficar convencido pelo terror genuíno do homem em quem ele estava a trabalhar. A experiência foi tão traumática e convincente que o Dr. Rawling começou a escrever livros sobre o assunto. Se o leitor aceita a palavra de um cardiologista altamente credível e qualificado, a sua vida mudou, por completo, com esta experiência.

A explicação farmacológica

Alguns sugerem que as ELM acontecem por causa de medicamentos administrados aos pacientes na altura das crise. Drogas como a quetamina e a morfina têm sido sugeridas. Moody investigou estas hipóteses e rejeitou-as (Moody 1975:160-161). Isto porque muitos dos pacientes que experimentaram ELMs não tinham tomado medicamentos e porque as visões induzidas por drogas eram, marcadamente diferentes, quer entre si, quer das ELMs, em conteúdo e intensidade e não tinham efeitos profundos de longo termo.

LSD?

Alguns investigadores, incluindo R K Siegel, relataram que alguns dos que tomaram drogas alucinogéneas, tais como o LSD, tiveram experiências semelhantes às ELM. Mas, também temos informação que existem diferenças distintas entre os efeitos do LSD e das ELM. Este assunto foi eficazmente tratado por Moody e outros.

Privação de oxigénio?

Argumenta-se, por vezes, que as ELM são causadas por fome de oxigénio e são a resposta normal para um 'cérebro moribundo'. Contudo, muitas pessoas tiveram Experiências no Limiar da Morte antes de terem tido quaisquer pressões fisiológicas e, em alguns casos, sem mesmo ter havido qualquer dano físico (Moody 1975:163). Sabom, em consonância com o Dr. Fenwick, reparou que, em casos genuínos, de privação de oxigénio existe uma 'progressiva atrapalhação e confusão das capacidades cognitivas' que contrasta, directamente, com a clareza e a expansão do estado de consciência relatado pelos que tiveram ELMs (Sabom 1980:176).

Explicação psicológica?

Houve várias tentativas para afirmar que as ELMs são, basicamente, 'desejo de realização' – que se vê o que se está, culturalmente, condicionado para esperar ver. Contudo, Ring (1984), Sabom (1982)

e Grosso (1981), todos descobriram que não existe nenhuma ligação, nenhuma correlação entre as crenças religiosas e as ELM.

Outros psicólogos tais como Uri Lowental (1981) argumentaram, sem dar qualquer prova, que as ELMs são uma 'revivência da experiência do nascimento'. As suas hipóteses são, geralmente, consideradas como especulações inúteis.

Os psicólogos Kletti e Noyes (1981) afirmaram que as ELMs são 'despersonalização e fantasias agradáveis que representam uma forma de protecção psíquica contra a ameaça da destruição'. Contudo, esta explicação foi também refutada por Gabbard e Twemlow (1981) que apontaram para o facto de que a despersonalização, usualmente, ocorre em pessoas com idades entre os 15 e os 30 e que, virtualmente, são desconhecidas em pessoas com mais de 40 anos.

Outros propuseram que as ELMs fossem formas de 'alucinações autoscópicas' – uma rara doença psiquiátrica. Contudo, Sabom (1982) e Gabbard e Twemlow (1981) acharam que isso não era plausível baseados num número significativo de diferenças.

Explicações neuro-psicológicas

Moody considerou alguns paralelos entre a revivência de vidas passadas de pacientes com ELM e os flashbacks experimentados por pessoas sofrendo de anormalidades reurológicas. Concluiu que os dois eram, essencialmente, diferentes, uma vez que, enquanto os flashbacks se referiam a acontecimentos aleatórios e triviais que não eram recordados depois dos ataques, na revivência da vida, típica das ELMs, os acontecimentos se passavam na ordem cronológica e referiam-se aos períodos mais importantes da vida. Eram todos vistos ao mesmo tempo e constituíam uma 'visão unificada' capaz de dar à pessoa uma visão interior do objectivo da sua vida (Moody 1975:166).

Cérebro moribundo?

O Dr. Peter Fenwick é Professor do Royal College de Psiquiatras e um neuropsiquiatra de reputação internacional – especialista das interligações mente/cérebro e do problema da consciência. Na Inglaterra, ele é a autoridade clínica líder sobre as ELMs e é o Presidente da Associação Internacional para os Estudos sobre as Experiências no Limiar da Morte.

Com sua esposa, Elisabeth, também uma cientista profissional formada em Cambridge, o Dr. Peter Fenwick fez uma minuciosa investigação dos argumentos levantados por psicólogos cépticos e materialistas segundo os quais as experiências no limiar da morte são provocadas pelos efeitos psicológicos dum cérebro moribundo (Fenwick 1996).

O argumento de psicólogos contra as ELM terá que ser visto à luz da sua própria limitação de conhecimentos quanto ao funcionamento do cérebro. Os psicólogos não têm a necessária profundidade de treino profissional, nem académica nem prática, dos neuropsiquiatras como o Dr. Peter Fenwick, para, profissionalmente avaliarem a fisiologia da ELM. O treino profissional dos psicólogos apenas inclui um treino muito básico em fisiologia. Uma olhadela a cinco livros de texto padrão das universidades de Psicologia mostra que o estudo do funcionamento do cérebro constitui menos de 5% do estudo total de psicologia. O estágio dos psicólogos não inclui a prática da cirurgia, quanto mais o altamente especializado campo da cirurgia ao cérebro humano.

Certamente que alguém na posição do Dr. Fenwick terá conhecimento suficiente para avaliar, com exactidão, se as ELMs podem ou não ser explicadas por aquilo que se passa com o cérebro moribundo. O Dr. Fenwick afirma que estes psicólogos escrevem simplesmente disparates quando se aventuram em áreas de conhecimento fora da sua área de competência técnica, conhecimento que eles não possuem, que não compreendem e que não constitui o seu trabalho de todos os dias.

Ele é mordaz para com os cépticos:

(Eles) simplesmente não possuem o conhecimento... Tanta asneira se fala acerca das Experiências no Limiar da Morte por pessoas que não têm que lidar com estas coisas no dia a dia. Assim, estou, absolutamente seguro de que tais experiências não são causadas por carência de oxigénio, endorfinas ou nada do género. E, certamente, nenhuma destas coisas explicaria a qualidade transcendental de muitas destas experiências, o facto de que estas pessoas sentem uma infinita sensação de perda quando as deixam para trás (Fenwick 1995:47).

Como consultor de neuro-psiquiatria ele trabalha, constantemente, com pessoas que se sentem confusas, desorientadas, com desarranjos cerebrais e, como o Dr. Fenwick aponta:

O que é bastantes claro é que quaisquer desorientações das funções do cérebro leva a desorientação da percepção e redução da memória. Normalmente, não é possível obter, de um cérebro desorientado ou danificado, lembranças de experiências perfeitas e bem estruturadas. (Fenwick 1995:47).

Do mesmo modo refuta o argumento das endorfinas:

Acerca das endorfinas, estamos sempre a exagerar o efeito que elas têm, visto que milhares de pessoas tomam morfina todos os dias. Certamente que isso produz calma mas, não produz experiências estruturadas. (Fenwick 1995:47).

Os cépticos de espírito fechado são convidados a responder às seguintes questões:

- Se as ELMs são provocadas por um cérebro moribundo, isso deveria acontecer a todas as pessoas moribundas. Porque é que nem todas as pessoas que estão à beira da morte, cujo cérebro está ‘moribundo’, não têm ELMs?
- Se a ELM é um desejo de realização, porque é que nem todas as ELMs são positivas? Porque é que algumas experiências são neutras ou horrivelmente negativas tal como documentado por Phyllis Atwater (1994).
- Se as ELMs são causadas pela libertação de endorfinas, que provas objectivas existem para demonstrar que a libertação de endorfinas provoca uma revivência da vida numa forma ordenada?
- Que provas objectivas existem para demonstrar que a libertação de endorfinas leva ao colapso do sentido do tempo e ao seu relacionamento com o ‘eu’?
- Porque é que quase todas as pessoas que tiveram uma ELM experimentam uma transformação permanente que é coerente com o refinamento espiritual, um mais apurado modo de vida?
- Porque é que a maioria das pessoas que tiveram ELMs relatam terem encontrado uma nova motivação compatível com a poderosa experiência que tiveram fora do corpo?
- Que prova objectiva poderá ser apresentada para demonstrar que a compreensão do papel do sistema límbico e do lóbulo temporal pode contribuir para as experiências de familiaridade, percepção e ‘deja vue’ e o estatisticamente importante incremento das experiências psíquicas que se seguem às ELMs?
- Como é que os cépticos explicam as extraordinárias consistências entre as ELMs e as EFCs?

A insuficiente explicação física

Elisabeth Fenwick, a co-autora do livro *The Truth in the Light – An Investigation of over 300 Near-Death Experiences* (1996), começou as suas pesquisas pensando, realmente, que tudo podia ser explicado em termos científicos. Mas, depois de investigar ela concluiu:

Embora possa ser possível encontrar razões científicas para partes das Experiências no Limiar da Morte, não consigo encontrar explicação que cubra todo o conjunto. Ter-se-á que tomar isso como um todo e os cépticos... simplesmente, não o fazem. Nenhuma das explicações, puramente, físicas é suficiente... [os cépticos] subestimam,

grandemente, até que ponto as Experiências no Limiar da Morte não são apenas uma série de coisas acontecendo de forma aleatória mas, apenas um acontecimento altamente organizado e detalhado (Fenwick 1995:47).

Estas maneiras de ver são apoiadas por um novo estudo sobre as Experiências no Limiar da Morte conduzidas pelo cardiologista Holandês, o Dr. William Van Lommel e a sua equipa, que estudaram 345 casos que teriam morrido se não lhes tivessem sido aplicadas a ressuscitação. Dez por cento lembravam-se de parte substancial de Experiência do Limiar da Morte enquanto que outros oito por cento tiveram uma menos pronunciada.

Estes pacientes foram comparados com um grupo de controlo, semelhante em termos de gravidade de doença, mas que não tiveram uma Experiência do Limiar da Morte. De acordo com o Dr. Van Lommel (1995):

A nossa descoberta mais espantosa foi a de que as Experiências no limiar da morte não têm uma raiz física ou médica. Ao fim e ao cabo, 100 por cento dos pacientes sofreram falta de oxigénio, 100 por cento foram tratados com medicamentos tipo morfina, 100 por cento foram vítimas de stress severo, de modo que essas não são, seguramente, as razões porque 18 por cento tiveram Experiências no limiar da morte e 82 por cento não as tiveram. Se elas tivessem sido despoletadas por qualquer destas coisas, todos teriam tido Experiências do Limiar da Morte (Van Lommel 1995).

De forma idêntica, Yvonne Kason, uma psiquiatra Canadiana, descobriu no seu consultório clínico pessoas que, sem estar à beira da morte, tiveram Experiências no limiar da morte. Isto incluía pessoas que pensaram que estavam quase a morrer e outras que estavam a meditar (Kason 1994:73).

Sem dúvida que as Experiências no limiar da morte, conjuntamente com as Experiências de Fora do Corpo e outras provas objectivas do fenómeno psíquico apresentado nesta obra, constituem uma prova objectiva poderosíssima e irrefutável do pós-vida.

Chapters 21-27

21. Aparições

‘À semelhança dos Gregos Antigos, idealizei uma câmara de aparições onde as pessoas poderiam ir encontrar-se com os espíritos de entes falecidos. É evidente que, com a devida preparação, as pessoas poderiam ver aparições de pessoas amadas que partiram... em vez de irem consultar um terapeuta sobre o sofrimento de terem perdido um esposo ou um filho, poderiam falar com esses seres amados directamente.’

Raymond Moody

Ver uma aparição – uma forma duma pessoa não fisicamente presente – é compatível com o argumento de que nós todos sobrevivemos à morte física. As provas objectivas das aparições são constituídas por estudo de casos e aparições induzidas em laboratório.

Um fenómeno muito comum

As aparições são um tema que se repete na literatura e nas lendas populares de todos os países e ao longo de toda a história registada. Têm sido cientificamente estudadas desde, pelo menos, 1890 e os resultados têm demonstrado, sistematicamente, serem um acontecimento verificado amplamente (Currie 1978:17).

Em 1983 um sociólogo da Universidade de Chicago perguntou a uma amostra de 1.467 Americanos se alguma vez tinham sentido que tinham tido contacto com alguém já falecido. Vinte e sete por cento responderam que sim (Greenley 1975). Numa sondagem semelhante, na Islândia (Haraldsson e outros 1976), trinta e um por cento responderam que sim. O Dr. W.D. Rees, um físico Inglês, descobriu que, numa amostra de viúvas, na Gales, quarenta por cento tinham tido experiências – que muitas vezes se repetiram por anos – que os convenceu que os seus esposos falecidos tinham estado em contacto com elas (Rees 1971:37-41). Um estudo Inglês anterior, levado a cabo pelo Dr. P. Marris (1958), revelou um número de cinquenta por cento.

Este estudo foi repetido no Canadá, pelo Dr. Earl Dunn (1977:121-122), que descobriu também que cinquenta por cento de viúvos tinham tido experiência de contactos. Muitas dessas pessoas pensavam que enlouqueciam e não tinham contado a ninguém com receio de serem ridicularizadas.

As crianças que morrem, normalmente, entram em contacto

Vários estudos revelaram que, uma elevada proporção de pais de crianças que morrem, podem contar poder vê-las ou ouvi-las e sentirem-se muito consolados, nos primeiros meses após o falecimento dessas crianças.

O Dr. Melvin Morse, um pediatra que conduziu muitos estudos sobre a morte e os moribundos, afirma que isso é tão comum, que é raro alguém perder pais ou filhos e não os ver outra vez, numa visão relacionada com a morte (Morse 1994:135).

As aparições não são alucinações

Existem muitas razões pelas quais estas aparições não devem ser tidas como alucinações, desejo de realização ou produto de mentes em estado de inconsciência.

1 - A normalidade de testemunhas

Na maioria dos casos a pessoa estava em normalíssimo estado mental, livre de todo o choque, stress ou elação. Por outro lado, as experiências foram totalmente inesperadas e foram conduzidas em ambientes familiares. Nem as testemunhas tinham qualidades mediúnicas ou telepáticas – foi raro alguma testemunha dizer que tinha tido mais de uma ou duas experiências ao longo da sua vida (Tyrrel 1963:23). Em muitos casos as testemunhas eram pessoas cientificamente treinadas e de elevada credibilidade.

2 – Fenómeno objectivo

A verificação de aparições envolve, por vezes, fenómenos físicos tangíveis, tais como o movimento ou o partir de objectos ou sons, tais como passos, que têm sido gravados em fita. Nalguns casos, as aparições até têm deixado amostras da sua escrita manual.

Elisabeth Kubler-Ross, uma talentosa médica que foi pioneira dos estudos sobre a morte e a agonia, disse que uma ex-doente dela lhe apareceu, na altura em que ela estava decidida a abandonar o seu trabalho. A mulher, Mrs. Schwartz, entrou no elevador com ela e acompanhou-a ao seu consultório onde lhe pediu para não desistir do seu trabalho sobre a morte e a agonia. Kubler-Ross pensou que estaria a ter alucinações, uma vez que a mulher, Mrs. Schwartz, tinha falecido dez meses antes. Mas, quando ela lhe pediu que escrevesse uma nota e a datasse e assinasse, a mulher assim fez antes de desaparecer (Kubler-Ross 1997;178).

3 – Visto por mais duma pessoa

Muitos dos casos registados foram vistos por mais duma pessoa. Por exemplo, no caso investigado pela Society for Psychical Research, nove pessoas moradores numa casa em Ramsbury, Inglaterra, viram, separadamente e em grupo, entre Fevereiro e Abril, a aparição dum homem que havia falecido dez meses antes. Ele era visto, invariavelmente, ao lado da cama de sua moribunda esposa, com a mão pousada na sua testa e podia manter-se visível até meia hora de cada vez (Holzer 1965:52-56).

4 – Trazendo informações desconhecidas para o observador

Em muitos casos, os observadores tomam conhecimento, através da pessoa que aparece, de informações desconhecidas pelo observador, tais como, o modo como a pessoa morreu, o local onde foi enterrado e outras. Num caso famoso, aceite pelos Tribunais Americanos – o caso da Herança Chaffin – um pai que tinha morrido apareceu e se apresentou a um dos seus filhos, dando-lhe detalhes de como encontrar o seu testamento.

Nalguns casos, as pessoas manifestam-se com o aparente propósito de salvar os seus entes queridos de perigos. Isto aconteceu com Elaine Worrell que vivia com seu marido Hal no último andar de um prédio de apartamentos em Oskaloosa, Iowa. Um dia, ela viu um jovem no vestíbulo que a conduziu ao andar de baixo, onde vivia uma jovem viúva que ela mal conhecia. Viu, então, que a mulher jazia no leito depois de ter cortado os pulsos. Depois de recuperada, a jovem senhora mostrou-lhe uma fotografia do seu falecido marido e Elaine, imediatamente, o reconheceu como sendo o jovem que a tinha conduzido, pelas escadas abaixo, para o apartamento da viúva (Holzer 1963:138-141).

5 – Aparições na hora da morte

Um grande número de aparições acontece quando uma pessoa que, recentemente, faleceu, aparece a um ou mais entes queridos para lhes anunciar a sua morte. Em muitos desses casos a morte foi inesperada sendo, mais tarde, confirmado como tendo acontecido, imediatamente, antes da aparição.

Exemplos documentados e confirmados de estudos vários, incluem:

- O caso do Segundo-Tenente Leslie Poynter que foi morto em combate. Às 9 horas da noite da sua morte, ele apareceu a sua irmã, na Inglaterra, entrou no quarto dela, curvou-se sobre ela, beijou-a e, depois, sorrindo de felicidade, desapareceu gradualmente da vista. Foi apenas duas semanas mais tarde que a família recebeu um telegrama informando-lhes da morte dele, na mesma data mas mais cedo (McKenzie 1971:116-117).
- O caso de Mrs. Pacquet cujo irmão Edmund lhe apareceu seis horas depois de se ter afogado no mar e lhe mostrou como é que ele tinha ficado enroscado nas cordas, pelas pernas, e arrastado borda fora (citado em Rogo 1974:16-17).
- O caso de Mrs. Gladys Watson que foi acordada de sono profundo por alguém que chamava pelo seu nome. Ao acordar ela viu o seu avô paterno que lhe disse: "Não tenhas medo. Sou eu. Acabei de morrer." Quando ela acordou o marido, ele recusou-se a acreditar nisso e

telefonaram para a família apenas para ouvir que o avô tinha falecido de morte súbita alguns minutos antes (Spraggett 1975:45-46).

Convénios de morte

De acordo com Bennett (1939:282), cerca de um em cada vinte casos nos arquivos do Society for Psychical Research, na Inglaterra, envolvem ‘convénios de morte’ pela qual duas pessoas se prometem que, aquele que morresse em primeiro lugar, faria todos os possíveis para aparecer ao outro. Segundo provas, um grande número destas promessas eram cumpridas, entre as quais se incluem:

- caso de Lord Brougham, um nobre Inglês que estava em viagem na Suécia, quando, súbitamente, viu a aparição dum amigo da Universidade que ele não via há anos. Mais tarde recebeu uma carta confirmando que o amigo tinha falecido na Índia na hora exacta da aparição. Quando estavam na Universidade os dois especulavam em relação à questão da sobrevivência e, então, fizeram um pacto, escrito com o seu próprio sangue, segundo o qual o que morresse em primeiro lugar haveria de aparecer ao outro (citado em Johnson 1971:198-199).
- O caso de Mrs. Arthur Bellamy, de Bristol, que fez um pacto semelhante com uma colega de escola que ela não via há anos. Uma noite, depois da morte da amiga, Mr. Bellamy viu uma senhora sentada na cama ao lado da sua esposa que dormia. Mais tarde, ele identificou-a, através duma fotografia, como sendo a mesma amiga (Bennett 1939:131-132).

O Dr. Raymond Moody, que se tornou famoso pelos seus estudos pioneiros sobre as Experiências no Limiar da Morte, está, actualmente, a trabalhar em maneiras de induzir aparições numa forma controlada. Tomou como modelo obras clássicas da Grécia Antiga que sugerem que, quando as pessoas queriam contactar entes queridos já falecidos, consultavam um ‘oráculo’ nas salas de aparições.

As salas de aparições são laboratórios que utilizam os espelhos como forma de facilitar o processo psíquico. Parte do processo psíquico, propriamente dito, inclui o envio de mensagens telepáticas, o envio de vibrações para o destinatário no pós-vida.

Moody reconstituiu o processo com fantásticos resultados – 85% dos seus clientes que se submetem a um dia inteiro de preparação, conseguiram efectivo contacto com um ente querido falecido – mas não, necessariamente, com aquele que procuraram contactar. Na maioria dos casos isso acontece na sua sala de aparições, especialmente, construída para o efeito mas, em 25% dos casos, isso acontece mais tarde, nas suas próprias casa – o cliente acorda e vê a aparição aos pés da cama (Moody 1993:97).

O fenómeno das salas de aparições está, ainda, a dar os primeiros passos mas, está-se propagando, rapidamente, nos Estados Unidos. Há pessoas que estão sendo treinadas para serem ministradores de sessões em salas de aparições. Um dos aspectos mais excitantes disto, é a oportunidade de continuar a objectivar os resultados. De acordo com Dianne Archangel, associada do Dr. Moody, em alguns casos, quando o contacto com inteligências do pós-vida é efectivado, há informações que são transmitidas e que eram desconhecidas pela pessoa que procurou o contacto (1997). O potencial é enorme e o processo está sendo permanentemente refinado.

Todos os clientes de Moody insistem que este contacto não é alucinação – existe uma clara comunicação, nos dois sentidos e, em alguns casos, contacto físico. O próprio Moody expressa admiração para o facto de que:

tornou-se claro que as reuniões visionárias se tornaram eventos reais e não fantasias ou sonhos. Até agora, quase todas as pessoas estão convencidas que os seus encontros foram absolutamente reais e que, na realidade, estiveram na presença viva de pessoas queridas perdidas pela morte (Moody 1993:97).

Ele também nota que todas as indicações apontam para que a pessoa esteja a experimentar um evento paranormal que, tal como com as Experiências no Limiar da Morte, muda a sua percepção da vida e leva-a a tornar-se ‘mais bondosa, mais compreensiva e com menos medo da morte’ (Moody 1993:98).

Moody dá completas instruções de como criar a sua própria sala de aparições no seu livro *Visionary Encounters with Departed Loved Ones* (1993 Ballantine Books, New York, by Raymond Moody e Paul Perry). Este tipo de provas não devem ser ignoradas, especialmente, quando o argumento das aparições é, objectivamente, demonstrado e é, completamente, coerente com outros fenómenos psíquicos.

22. As visões no leito da morte

Uma ideia nova é primeiro condenada e depois rejeitada como fútil até que, finalmente, se torna naquilo que toda a gente conhece.
William James

Ao longo de todo o século vinte se publicaram livros que fornecem detalhes de observações feitas por médicos e enfermeiras aos doentes moribundos. Sir William Barnnett, Professor de Física no Royal College de Ciências de Berlim, publicou, em 1926 um pequeno livro intitulado *Deathbed Visions*. Nele ele diz:

- Muitas vezes, no momento da morte, as pessoas veem, ao lado do seu leito, um amigo ou familiar que pensavam que ainda vivia.

- Em todos os casos, quando se investigou, a pessoa que o doente vira, tinha morrido antes, sem que o doente tivesse tido conhecimento.
- Crianças moribundas muitas vezes expressavam a sua admiração por os anjos que esperavam por elas, não terem asas.

Nos anos 1960, o Dr. Karlis Osis do Society for Psychical Research Americano, fez um estudo piloto das visões no leito da morte que mais tarde foi confirmado através de várias culturas diferentes. Ele descobriu:

- A visão mais comum era a de pessoas que tinham morrido antes delas.
- As visões no leito da morte eram, usualmente, curtas – cinco minutos ou menos.
- Os moribundos diziam que os visitantes tinham vindo buscá-los.
- A crença no pós-vida não tem nenhum significado na frequência ou da espécie de aparições vistas.
- A maioria dos doentes observados no estudo não tinham tomado drogas que pudessem provocar alucinações.

Em 1977 o Dr. Osis e o seu colega Dr. Erlenddur Haraldsson publicaram *At the Hour of Death* Este livro alargou o estudo inicial e incluiu o relatório de mais de 1.000 médicos e enfermeiros não só na Índia, mas também nos Estados Unidos. Ao todo, referia-se à morte de mais de 100.000 pessoas. Concluiu-se que estes estudos se correlacionavam bem com trabalhos pioneiros efectuados durante um período de trinta anos e referidos em várias obras do Dr. Robert Crookall, na Inglaterra.

De acordo com informações que lhe foram fornecidas pelo pessoal médico:

- Sòmente dez por cento das pessoas estão conscientes, imediatamente antes de morrerem.
- Deste grupo, apenas entre a metade e os dois terços, têm visões no leito da morte
- Estas visões tomam a forma de visitas visionárias de entes queridos, breves visões do outro Mundo e estados de alegria, dificilmente explicados medicamente.

O Dr. Melvin Morse diz que o historiador Francês Phillipe Aries documentou que, antes do ano 1.000 AD, os moribundos falavam de visões de Deus e dos que tinham falecido antes deles. Ele protestou

contra o facto de que os doentes, de hoje, que têm tido tais visões, serem tratados contra ‘ansiedade’ com narcóticos e Valium, os quais apagam a memória de curto prazo por forma a evitar que esses doentes se lembrem das visões que tiveram (Morse 1993:60). Ele diz ainda que cerca de noventa por cento das pessoas que morrem nos hospitais, são, ‘fortemente sedadas, ressuscitadas vezes sem fim e medicadas’ e que os médicos tomam as visões no leito da morte como um problema que tem que ser combatido com medicamentos (Morse 1993:63).

No seu livro *Closer to the Light – Learning from the Near Death Experiences of Children*, Morse avança a ideia de que as visões no leito da morte são um ‘aspecto esquecido dos misteriosos processos da vida’ e que elas podem ter um efeito reconfortante e curativo maravilhoso quer nos moribundos quer nas famílias (1993:65). Ele conta vários casos de crianças que começaram a ter visões do pós-vida durante os últimos dias da sua vida. Elas descreviam cores maravilhosas e lugares lindos e parentes que, por vezes, nem chegaram de conhecer.

Alucinações, não

O próprio Dr. Osiris começou com a suposição que estas experiências seriam simples alucinações causadas pelos efeitos bioquímicos do cérebro moribundo. Contudo, depois de ter investigado, ele convenceu-se de que estas experiências eram tão extraordinárias e tão convincentes que não poderiam ser explicadas, nem pelas condições físicas do paciente, nem por medicamentos que estivessem a tomar.

Existem muitos casos arquivados no Society for Psychical Research Inglês em que as aparições de visitantes têm sido vistos por outras pessoas, ao lado da cama de moribundos, às vezes mesmo por diversas pessoas simultaneamente.

- Num caso bem documentado, uma aparição no leito da morte foi vista por uma senhora moribunda, Harriet Pearson, e três parentes que estavam a acompanhá-la (Boletim do Society for Psychical Research, Fev 1904:185-187).

- Num outro caso de um rapaz moribundo, duas testemunhas viram, separadamente, ao lado da cama do rapaz a mãe dele, falecida recentemente (reuniões da Society for Psychical Research, volume 6 p. 20).

As visões no leito da morte são compatíveis e apoiam as outras provas da existência do pós-vida. Entre os que têm uma morte consciente, cinquenta a sessenta por cento, terão uma visão do pós-vida.

A importância das visões no leito da morte

No seu livro *Parting Visions* (1994) o pediatra Melvin Morse argumenta que:

- Os membros de família que têm mais conhecimento sobre as visões dos moribundos passam, por regra, mais tempo à cabeceira dos moribundos. Este factor alivia muito da culpa que eles possam sentir depois da morte.
- As visões espirituais fortalecem os agonisantes, fazendo-lhes pensar que têm algo a partilhar com os outros.
- As visões espirituais removem todo o medo de morrer do paciente e são enormemente reconfortantes para os parentes
- Contribuem para evitar a exaustão da parte da equipa médica
- Se acompanhadas, podem reduzir dramaticamente o desperdício de procedimentos médicos que são, muitas das vezes, penosos para os doentes. Ele diz que 30 a 60% de cada dólar dos Serviços de Cuidados Médicos Americanos é gasto nos poucos últimos dias da vida duma pessoa e 'a maior parte disso é gasto em procedimentos irracionais que em nada contribuem para prolongar a vida. (Morse 1994:136).

23. O Quadro de Ouija

'A faixa fronteira , entre o Mundo dos vivos e o dos mortos, parece ser uma espécie de selva ou 'território de foras-da-lei' apinhada de personalidades depravadas e psicopatas. Se conseguem encontrar e captar as graças das suas vítimas, a sua natureza destrutiva pode operar, com ainda menos entraves, do que quando estavam encarnados'

Currie 1978:192

Os quadros de Ouija são um dos modos mais amplamente utilizados para a comunicação 'não treinada' com os espíritos. O nome é composto pela justaposição das palavras Francesas e Alemãs *oui* e *ja*, significando ambas 'sim'. Consiste num quadro plano com as letras do alfabeto, alguns números, sinais de pontuação e as palavras 'sim' e 'não' escrito no quadro. Os grupos que o utilizam, colocam os seus dedos levemente num ponteiro que, então, rapidamente e sem conhecimento consciente dos membros presentes, se move por forma a encontrar as letras das palavras que formam as mensagens. A venda dos quadros de Ouija nos Estados Unidos atingiu o seu ponto mais alto durante a I Guerra Mundial e os anos trinta, quarenta e sessenta assistiram a uma loucura nacional dos Oujias durante a qual 'Os Misteriosos Oráculos Falantes' eram, frequentemente, usados por estudantes (Hunt 1985:5).

Os quadros de Ouija foram incluídos neste livro porque é, normalmente, o primeiro método usado por amadores para

investigarem o pós-vida. É científico na medida em que pessoas utilizando a mesma fórmula obtêm resultados idênticos – obtêm mensagens ‘inteligentes’. Pessoas que utilizaram as mesmas fórmulas objectivas, em várias partes do Mundo, obtiveram os mesmos resultados – respostas inteligentes. Inteligentes no sentido de que respostas dadas a questões específicas o foram da mesma maneira como seriam dadas por pessoas na Terra. A qualidade das respostas depende, naturalmente de quem e daquilo a que se responde.

Os psíquicos e médiums experimentados acreditam na realidade do contacto com espíritos e que as respostas ao quadro Ouija são feitas por humanos e não-humanos de diferentes níveis de aperfeiçoamento mas, mais frequentemente pelas entidades mais inferiores que operam mais próximo do nosso ‘comprimento de ondas’. Se o contacto é feito com uma entidade mais desenvolvida, a resposta será, normalmente, sofisticada. Se o contacto for feito com entidades rudes e de astral muito baixo, então a informação é a mesma que se teria de alguém na Terra que seja também rude, vulgar, estúpido, arrogante e que blasfema com o propósito de chocar os que estão à sua volta.

Logo de início, a opinião dos materialistas oficiais era a de que as mensagens simplesmente vinham da acção da mente subconsciente ou inconsciente dos ‘jogadores’ – uma forma de ‘automatismo’. Durante anos, os quadros de Ouija eram vendidos em lojas de brinquedos e de jogos, nos Estados Unidos, e as pessoas usavam-nos como ‘divertimento’ ou para obter benefícios pessoais, como obter números vencedores em jogos, etc.

Mas, nenhum céptico foi capaz de explicar como é que grupos de pessoas decentes se sujeitavam a receber terríveis blasfémias, pragas e toda a espécie de ameaças terríveis através do quadro de Ouija numa forma que certamente não receberiam por outros processos que, supostamente, projectavam o inconsciente.

Stoker Hunt, que investigou os efeitos da utilização dos quadros de Ouija, resumiu o padrão comum que se desenvolve entre os utilizadores dos quadros de Ouija e a ‘força’ com a qual eles se comunicam:

O invasor concentra-se nos pontos fracos do carácter da sua vítima... Se uma pessoa é vã, ele apela para a vaidade. ‘Preciso da tua ajuda’, dirá o sedutor, ‘e só tu me podes ajudar.’... A entidade é maliciosa e não hesita em mentir, em dar falsa identidade (faz-se normalmente passar por um ente querido falecido) e em adular. É melhor para o invasor, claro, que a vítima esteja sózinha, isolada, cansada e doente (Hunt 1985:86).

Assim, a entidade encorajará as suas vítimas a abandonar os seus melhores amigos e a confiar apenas nas comunicações através do Ouija para obter conselhos, informações e companhia. Recomendará proezas perigosas, e aventuras extravagantes e, ao mesmo tempo,

desencorajará actividades salutaras e cuidados médicos adequados. A vítima sentirá um desejo incontrolado de utilizar o quadro ou escrever automaticamente a todas as horas do dia e da noite:

Se houver necessidade, o invasor aterrorizará a sua vítima, materializando-se em formas horripilantes, induzindo visões grotescas, incitando actividades poltergeist, fazendo com que objectos apareçam do nada, dando notícias trágicas ou falsas, levantando objectos, até mesmo levitando a vítima. Tudo isto e mais ainda poderá ser feito – não como um fim em si mesmo, mas como um meio de conseguir completa posse da vítima (Hunt 1985:87).

Os médiums em todo o Mundo relatam, consistentemente, que os que morreram e vivem em desespero nas regiões de baixas vibrações, próximas da Terra – algumas vezes chamadas de regiões de baixo astral – têm inveja dos que vivem na Terra; sabem que enquanto se está na Terra pode-se aumentar a vibração e que é muito difícil fazer isso nas baixas esferas do mundo espiritual. O desespero é impellido para os extremos, simplesmente porque não podem experimentar as coisas a que estavam habituados quando vivos – excitação, bebidas, álcool, fumo, sexo. Se esses rufias que respondem às questões do quadro de Ouija tivessem a capacidade para amar, ou de ter um pensamento de amor, ou tivessem outro atributo espiritual positivo, não estariam na posição em que se encontram. Se, pelo menos, tivessem a capacidade de pedir ajuda para os aliviar da sua miséria, temos informação do Pós-vida, que lhes seria dispensada essa ajuda.

Muitos experimentadores das FVE (Fenómeno de Voz Electrónica) (veja Capítulo 4) captaram vozes vindas deste nível que falam por obscenidades, segredinhos sinistros e, por vezes, em tom claramente hostil (Lazarus 1993:158).

Seja qual fôr a explicação que o leitor queira aceitar – a hipótese do espírito ou a teoria da mente inconsciente dos jogadores – existem muitos casos de doenças psíquicas que aconteceram, como resultado directo de utilização do quadro, o qual deverá ser tomado muito a sério. Um quadro de Ouija pode ser altamente perigoso, especialmente para quem seja sugestionável, tenha qualquer tipo de disfunção física ou emocional ou que tenha estado a tomar drogas susceptíveis de alterar a mente. A recomendação dos entendidos é que, em nenhuma circunstância, deverão ser utilizados por crianças ou por seja quem fôr que não possua um forte sentido de identificação própria (Covina 1979).

O Dr, Carl Wickland, um Psiquiatra Americano, escreveu o seu livro clássico sobre as doenças mentais, *Thirty Years Among the Dead* (1924). Nele escreveu:

O sério problema de alienação e desarranjo mental experimentados por praticantes ignorantes das experimentações psíquicas, foi trazido à minha atenção pelos casos de várias pessoas cujas experiências,

aparentemente inofensivas, com escrita automática e com o quadro de Ouija, tiveram como consequência tamanha insanidade dessas pessoas que se tornou indispensável o seu internamento em manicômios ... Muitos outros casos desastrosos que se seguiram à utilização do, supostamente inofensivo quadro de Ouija, vieram ao meu conhecimento e o que observei levou-me a investigar o fenómeno psíquico para uma possível explicação destas estranhas ocorrências (Wicklând 1924:29).

Wicklând descobriu que era capaz de curar muitos desses casos, diagnosticados como insanidade, utilizando um médium em transe (sua esposa) que tomaria o espírito que obsedava o paciente psiquiátrico. Descobriu que muitas dessas entidades não tinham a consciência de terem morrido; sem nenhum conhecimento do pós-vida, encontravam-se numa espécie de estado crepuscular. Com a ajuda de inteligências mais elevadas, do outro lado, foi possível persuadi-los a largar a aura do paciente cuja luz os tinham atraído.

Hugh Lyn Cayce, filho do famoso psíquico Americano, Edgar Cayce, tem, também, muitas histórias de casos de experiências negativas dos quadros de Ouija. No seu livro *Venture Inward* (1964), no capítulo sobre a Escrita Automata e os quadros de Ouija, ele conta histórias de pessoas que se meteram em extremas dificuldades, na sequência destas práticas, como sendo:

não incomuns, infelizmente. O medonho disto é que, hoje em dia, podem ser contados aos milhares os casos de internados que se encontram em instituições mentais em todo o Mundo (Cayce 1964).

Paul Beard, como Presidente do Colégio de Estudos Psíquicos, na Inglaterra, estudou muitos casos de obsessões através do quadro de Ouija e conclui que o uso habitual do quadro ou da escrita automática pode trazer prolongado contacto com espíritos malévolos de uma pessoa morta que poderá penetrar a aura protectora da vítima e depois fazer contacto com a vítima, a qualquer hora, 'falando-lhe' em 'voz' ou em 'pensamento' na cabeça da vítima. Isto pode conduzir a 'praticamente, contínuas sugestões demoníacas que poderão incluir alucinações visuais' (Beard 1970). Ian Currie cita um caso em que uma jovem mãe viu uma alucinação dela própria a torturar e assassinar o bebé dela (Currie 1978:190).

Martin Elbon descreve as suas experiências negativas no *Satan Trap* (1975). Ele declarou que começou por ser um céptico absoluto de tudo o que tivesse a ver com o oculto mas, viciou-se no quadro quando lhe predisse com precisão as cheias de Nova Iorque de 1973 e lhe deu uma informação íntima sobre a morte dum famoso jornalista de crónicas mundanas.

Uma outra mulher que também advertiu contra a utilização do quadro foi Suzy Smith no seu livro de 1971, *Confessions of a Psychic*. Ela escreveu:

Avisar as pessoas para se afastarem do quadro de Ouija e da escrita automática enquanto não aprenderem a estar completamente protegidas. Dizem que as experiências inocentes em comunicações são tão perigosas como brincar com fósforos ou com granadas. Tenham-me a mim como exemplo daquilo que não devem fazer, uma vez que eu tive dos piores problemas resultantes de tal envolvimento. Tivesse eu percebido, antes, pela minha leitura, que os meus esforços me poriam em estado de perturbação mental e eu teria sido mais precavida (Smith 1971).

Há poucos anos atrás, tive conhecimento do caso dum jovem que tinha estado a utilizar o quadro de Ouija para pedir números para ganhar ao jogo. Por algum tempo ele ganhou, na realidade e ficou excitado com as informações que lhe eram dadas pelos seus novos ‘amigos’. Mas, quando ele tentou deixar de usar o quadro, começou a ser obcecado por vozes e a erguer-se às duas ou às três horas da madrugada em estado de terror, sendo, literalmente, espremido e sufocado por uma figura vingativa que clamava pagamento do que lhe era devido.

Deverei esclarecer que, pela minha própria experiência, não existem garantias de que alguém possa utilizar o quadro de forma ‘segura’. Pense no caso da rapariguinha de 11 anos que, ao brincar com o quadro, lhe foi dito que ela morreria aos treze anos de idade. Toda a sua personalidade mudou e, durante dois anos ela e os seus pais viveram num autêntico inferno até que se chegou à conclusão de que o quadro não estava correcto. (Hunt 1985:12).

Contudo, apesar de psíquicos experimentados avisarem dos perigos do quadro de Ouija e de avisarem que muitas comunicações através do quadro não eram com quem se diziam ser, tem havido muitas comunicações de longo termo que começaram, precisamente, através dele.

Um dos casos espectaculares de comunicação positiva foi a que teve Pearl Curran que experimentou o quadro com a sua vizinha a 12 de Julho de 1912. Depois de um ano de experimentações, ela começou a receber comunicações de Patience Worth, uma entidade espiritual que disse ter nascido em 1649 perto de Dorsetshire, na Inglaterra.

Entre 1912 e 1919, ela ditou, utilizando o quadro, cinco milhões de palavras – epigramas, poemas, alegorias, pequenas histórias e novelas completas. As suas obras completas perfazem um total de vinte e nove volumes encardados, 4.375 páginas singelas. Havia cinco novelas completas, a mais conhecida das quais era *The Sorry Tale*, uma história da vida terrena de Jesus que foi revista da seguinte maneira:

Esta longa e intrincada história da vida de Judeus e Romanos, no tempo de Jesus, foi construída com a precisão e a certeza duma mão

de mestre. É um livro belo, maravilhoso e nobre (The New York Times, July 8, 1917).

Patience Worth também escreveu mais de 2.500 poemas. Ela venceu uma competição de poesia na qual quarenta mil participantes submeteram múltiplas entradas. As suas obras eram, regularmente, publicadas pela mais prestigiosa antologia poética anual da América.

Um dos seus grandes admiradores era o editor William Reedy que era um dos membros do comité de selecção dos Prémios Pulitzer de poesia. Ele visitava regularmente a casa de Pearl e dizia dos seus poemas:

Contêm páginas de uma enfeitiçante beleza, de invulgar elevação de espírito e de tristeza. Não se iguala a Shakespeare ou a Spencer. Não é tão grandioso como Chaucer. Mas se houver poesia comunicada pelas inteligências, através do quadro de Ouija ou outro método qualquer... é boa poesia, melhor poesia do que a que encontramos nas revistas – poesia com qualidade própria (Hunt 1985:31).

Uma outra entidade que começou com as comunicações através do quadro de Ouija foi Seth que apareceu quando Jane Roberts e o seu marido começaram a utilizar o quadro de Ouija, em 1963. Na sua quarta tentativa uma entidade que se apresentou como sendo 'Frank Withers' e disse ter vivido na Terra, pela última vez, como professor de Inglês e que tinha morrido em 1942. Mais tarde ele explicou que preferia ser chamado 'Seth' e que ele tinha uma missão especial que era ajudar as pessoas a entenderem-se melhor a elas próprias e à realidade.

Através de Jane, Seth ditou vários livros que foram 'best sellers' que tratavam da natureza da realidade, da reencarnação, dos sonhos, das viagens astrais e da natureza de Deus. Ele deu instruções pormenorizadas aos seus leitores sobre o desenvolvimento das técnicas da meditação e da PES . Diagnosticou algumas doenças, descreveu, correctamente, o conteúdo de alguns prédios e salas a muitos quilómetros de distância e materializou-se numa aparição, em local bem iluminado (veja Roberts 1974, 1994, 1997-a e 1997-b).

Existem muitas outras histórias de relações literárias e criativas bem sucedidas, através da utilização dos quadros de Ouija, incluindo as de James Merrill, vencedor dum Prémio Pulitzer e que escreveu *The Changing Light of Sandover* (1982) utilizando os quadros de Ouija.

As suas terríficas experiências (visões, transfigurações físicas, presenças poderosas) assim como as suas experiências positivas e alegres, são vivamente relatadas no poema. Todavia, após mais de trinta anos de experiência com o quadro ele já não recomenda aos seus amigos a utilização do quadro, porque:

Nunca se pode saber, antecipadamente, a susceptibilidade de cada um

O que pessoalmente acho esmagador acerca do quadro de Ouija é a extensão da sua compatibilidade com as descobertas de pesquisadores que trabalharam com médiums de alta qualidade, com o fenómeno de voz electrónica e em todas as outras áreas de pesquisa científica mencionadas neste livro. É simplesmente impossível explicar as enormes diferenças de comunicações que se recebem quando entidades de níveis diferentes se estão comunicando – frequentemente em rápida sucessão – baseadas, puramente, na projecção do inconsciente dum indivíduo ou dum grupo.

24. Automatismo poliglota

‘Mesmo se a telepatia fosse, provavelmente, verdadeira’ dissera um eminente biólogo a William James, ‘os sábios teriam que trabalhar em conjunto para a encobrir, porque isso transtornaria a uniformidade, sem a qual os cientistas não conseguiriam levar a cabo os seus propósitos’

Brian Inglis

Um dos mais fascinantes fenómenos psíquicos, que teólogos, cépticos e ateus têm, contínua e deliberadamente ignorado é o automatismo poliglota – a capacidade de falar ou escrever uma língua estrangeira que nunca se aprendeu. Depois de todas as outras explicações terem sido investigadas – tais como fraude, memória genética, telepatia e criptomnesia (a lembrança de uma língua estrangeira aprendida anteriormente), o automatismo poliglota é tomado como prova quer de memórias duma língua aprendida numa vida passada, quer da comunicação com uma entidade desencarnada – uma pessoa espiritual.

Existem muitos casos registados de adultos e crianças a falar e escrever línguas que nunca aprenderam. Por vezes isso acontece, espontâneamente, mas, muitas vezes ocorre quando a pessoa está sob hipnose ou num estado alterado de consciência. Algumas pessoas apenas se lembram de algumas palavras, enquanto que outras tornam-se completamente fluentes e capazes de falar com naturais dessas línguas, por vezes em dialectos desconhecidos, caídos em desuso durante séculos.

- Dr. Morris Netherton relata o caso de um rapaz de 11 anos, louro e de olhos azuis, que falou durante onze minutos num antigo dialecto Chinês, sob o estado de hipnose, enquanto tudo era gravado. Quando a gravação foi levada a um professor do Departamento de Estudos Orientais da Universidade da Califórnia, descobriu-se que era a recitação duma religião proibida na China Antiga (Fisher 1986:202).
- O médium Americano George Valentine, sob o estado de transe, conduziu sessões em Russo, Alemão, Espanhol e Galês.
- O médium Brasileiro Carlos Mirabelli falou e escreveu longos documentos técnicos em mais de trinta línguas incluindo o Sírio e o

Japonês, na presença de cientistas e de multidões de 5.000 pessoas (Lazarus 1993:121).

- Em 1987, os médicos numa penitenciária em Ohio, EUA, descobriram que um condenado por estupro de nome Billy Mulligan, se tornou possesso por duas personalidades, ambas as quais se comunicavam em duas línguas diferentes. Mulligan nasceu e foi criado nos E.U. A. e não falava nenhuma língua estrangeira. Mas, quando era possesso por Abdul, Mulligan conseguia falar e escrever o Árabe, perfeitamente; na personalidade de Rugen, ele falava, perfeitamente, Servo-Croata com um acentuado sotaque Eslavo (Lazarus 1993:83).

As explicações mais óbvias para estes casos são: ou fraude deliberada ou ter a pessoa aprendido a língua na sua infância sem disso ter conhecimento. Os investigadores escrupulosos tomam sempre o cuidado de investigarem minuciosamente estas duas hipóteses.

- Dr. Ian Stevenson é um dos mais respeitados cientistas dos E.U.A. Fez pesquisas sobre o automatismo poliglota e o seu livro *Xenoglossy* (Stevenson 1974) é um dos principais estudos científicos nesta área. Nele ele documenta o estudo por ele feito a uma mulher Americana de 37 anos de idade. Sob o estado de hipnose, ela mudou totalmente de voz e personalidade para a dum indivíduo masculino. Falou, então, fluentemente, em Sueco – língua que ela não falava ou compreendia quando no estado consciente normal.

O envolvimento directo do Dr. Stevenson neste caso manteve-se por mais de oito anos. O estudo envolveu linguistas e outros peritos e cientistas que investigaram, meticulosamente, todas as explicações alternativas.

Fraude foi excluída por um variado número de razões substantivas que Stevenson descreve no seu estudo. A senhora em causa e o marido foram investigados em pormenor. Permaneceram sob extrema e contínua observação, não desejavam publicidade e concordaram em que a publicação dos resultados dos estudos seriam sob a condição dos seus nomes serem alterados para proteger a sua privacidade. Ambos, marido e mulher, eram considerados pela vizinhança como sendo pessoas honestas e decentes e o seu comportamento exemplar. Não havia, certamente, nenhum motivo para pensar em ganhos pessoais. Antes pelo contrário, tiveram que sujeitar-se a incómodos, durante muitos anos, até que se completassem os estudos.

A criptomnésia – a lembrança dum língua estrangeira aprendida nos primeiros anos de idade dum pessoa – também foi afastada. Anos de investigação do senhora não sugeriam sequer que ela ou os pais tivessem aprendido o Sueco na sua infância ou tivesse tido qualquer ligação com Suecos.

- Um outro caso investigado pelo Dr. Stevenson com igual cuidado foi relatado no número de Julho de 1980 do Boletim da Sociedade Americana para os Estudos Psíquicos. Envolvia uma mulher Índia de nome Uttar Huddar que, com a idade de 32 anos, tomou, espontaneamente, a personalidade duma dona de casa da Bengala Ocidental nos primórdios dos anos 1800. Começou a falar Bengali em vez da sua língua materna o Marathi. Ao longo de dias os semanas, de cada vez, tinham que trazer nativos da língua Bengali para lhe permitir comunicar-se com a própria família.
- O escritor Lyall Watson descreve o caso duma criança de dez anos, um Índio Igarot, que vivia no remoto Vale de Cagayon nas Filipinas. O rapaz nunca tinha tido qualquer contacto com nenhuma língua ou cultura que não fossem as dele. Contudo, sob o estado de transe, a criança comunicava-se, livremente, em Zulu, língua que ele nem sequer saberia que existia. Watson apenas a reconheceu porque tinha passado a sua infância na África (citado por Lazarus 1993:84).
- Peter Ramster, um psico-terapeuta Australiano, documentou vários casos minuciosamente investigados. No seu livro *The Search for Lives Past* (Ramster1990:227) ele cita o caso de Cynthia Henderson cujo único contacto com a língua Francesa tinham sido alguns poucos meses de instrução muito básica no sétimo ano do liceu. Mesmo assim e sob hipnose, ela era capaz de manter uma longa conversação em Francês com um nativo da língua que comentou que ela falava sem nenhum sotaque de Inglês e que a sua maneira de falar remontava ao século dezoito.

Nalguns casos os sujeitos em estado de transe comunicaram-se em línguas que já não se usa ou que são conhecidas por apenas um punhado de peritos.

- Dr. Joel Whitton cita o caso de Harold Jaworski que, sob o estado de hipnose, escreveu vinte e duas palavras e frases que ele se ‘ouviu’ a si próprio falar num passado em que ele era Viking. Trabalhando, independentemente, linguistas identificaram e traduziram dez destas palavras como sendo o Antigo Norueguês e várias das outras como sendo Russo, Sérvio ou Eslavo. Todas eram palavras associadas com o mar (Whitton e Fisher 1987:210).
- Em 1931, uma jovem rapariga Inglesa de Blackpool, conhecida como Rosemary nos arquivos da Sociedade para os Estudos Psíquicos, começou a falar num dialacto do Antigo Egipto, com a influência da personalidade de Telika-Ventiu que viveu, aproximadamente, no ano 1400 AC. Perante o Egiptólogo Howard Hume, ela escreveu, com exactidão, 66 frases na escrita perdida dos hieróglifos e falou numa língua não ouvida por milhares de anos, fora dos meios académicos (Lazarus 1993:85).
- Pearl Curgen, uma médium de Saint Louis, que mal sabia ler e escrever, começou a escrever em Inglês da Idade Média com

espantosa correcção. Sob o guia duma entidade espiritual, ela escreveu sessenta romances, peças teatrais e poemas, incluindo um poema épico de mais de 60.000 palavras (Lazarus 1993:119).

A somar a fraude e a criptomnésia, duas outras ‘explicações’ por vezes dadas pelos cépticos para o automatismo poliglota são a ‘telepatia’ ou a ‘memória genética’. Contudo, nunca houve, em nenhuma parte do mundo, nenhum caso documentado duma pessoa capaz de falar uma língua estrangeira que tenham aprendido por telepatia.

A outra chamada ‘explicação’ – a memória genética, é, igualmente, difícil de tomar com seriedade. A pretensão de que, de alguma forma, uma língua da China Antiga penetrou no gene dum rapaz de onze anos, Americano, caucásico, permitindo-lhe falar essa língua é risível.

Existem, literalmente, milhares de casos de automatismo poliglota. Muitas centenas dos quais foram documentados. Referem-se quer a línguas modernas quer a línguas extintas de todas as partes do Mundo. Os pesquisadores psíquicos, tais como o altamente credenciado Dr. Ian Stevenson, utilizaram o método científico para ilustrar o automatismo poliglota e declararam que existem apenas duas explicações possíveis – ou o contacto com espíritos ou a memória de vidas passadas, ambas as quais são provas da existência do pós-vida.

A responsabilidade passa assim para o campo dos cépticos para tentarem apresentar uma explicação alternativa plausível. Até hoje, nenhum foi capaz disso.

Deste modo, na ausência de nenhuma outra explicação de crédito, e no contexto das outras sólidas provas existentes do pós-vida – o fenómeno da voz electrónica e a mediunidade – o automatismo poliglota torna-se fácil de aceitar como mais uma sólida prova da existência da sobrevivência.

25. Poltergeist

As mentes são como páraquedas. Só funcionam quando abertas.
Lord Thomas Dewar

A palavra ‘poltergeist’ é uma palavra Alemã que significa, literalmente, ‘espírito barulhento’. Pesquisas nesta área desde os Estados Unidos, Brasil, Inglaterra, Escócia, Irlanda, Canadá, Finlândia, Alemanha, França, Itália, Malta, Índia, Rússia e outros países são bastante objectivas e conclusivas. O comportamento dos ‘poltergeist’ variam desde as manifestações leves até às destrutivas.

Tem havido milhares de incidentes ‘poltergeists’ registados por todo o Mundo. Tem havido casos de objectos sólidos atirados pelo ar, enormes armários de cozinha a levitarem, pratos, copos e roupas

postas a arder e vozes humanas vindas não se sabe de onde. Noutros casos têm sido observados vasos que são esmagados no chão ou contra paredes e fósforos que são acendidos na cara de testemunhas – como se alguma pessoa invisível estivesse acendendo uma caixa de fósforos. Muitos dos casos relatam casos de pedras arremçadas e coisas materiais movidas.

Michael Gross, um escritor Inglês, escreveu uma biografia doutamente anotada de 1.111 origens acerca de casos de ‘poltergeist’ em diversos países (Gross 1979). Colin Wilson produziu um livro de 382 páginas de leitura fácil e bastante completa, chaia de casos (Wilson 1981). O livro de Guy Playfair *This House is Haunted* constitui uma excelente descrição do caso ‘poltergeist’ de Enfield. Alan Gauld, um académico, e Tony Cornell, um conselheiro camarário, ambos pesquisadores psíquicos, escreveram um livro de estudo *Poltergeist* – abrangendo os últimos quinhentos anos em vários países do Mundo – também juntaram um apêndice com uma lista cronológica de 500 casos, com origens e características dos casos.

Por vezes, polícias experimentados presenciaram e testemunharam estes fenómenos de ‘poltergeist’ que não podem ser explicados de outro modo senão por inteligências perturbadas do pós-vida.

Muitas vezes médiums profissionais foram capazes de contactar com os ‘poltergeists’ que conseguiram explicar a razão da perturbação dos ‘poltergeists’.

Informações que nos chegam do pós-vida dizem-nos que, pelo facto de entrarmos noutra dimensão na hora da morte, isso não significa que a nossa personalidade se transforme. O estado mental na hora da morte é crucialmente importante. A mente, o carácter e a personalidade não mudam, em nada, imediatamente a seguir à morte.

E, se uma pessoa está extremamente perturbada na hora da morte, há a possibilidade de que essa pessoa continue a estar perturbada no Mundo seguinte – por um período indeterminado de tempo.

Em muitos casos, o motivo das actividades ‘poltergeist’ é directamente ligada a assuntos sérios não concluídos. Por vezes, crimes graves tais como o assassinio, a violação, a tortura e algumas outras formas de injustiça motivam a inteligência do pós-vida a procurar vingança. Um ‘poltergeist’ determinado pode provocar grande prejuizo a pessoas e bens.

Uma outra causa comum da actividade ‘poltergeist’ é quando uma pessoa é retida entre o Mundo físico e o pós-vida. Pensam que ainda estão vivas e continuam a viver na mesma casa. Ocasionalmente, uma das pessoas ocupando a mesma casa pode ter uma quantidade acima do normal de ectoplasma – a substância de aparência gasosa emitida pelo corpo humano e que pode ser utilizada por entidades do pós-vida para se fazerem notados.

Na Inglaterra

Um dos mais fascinantes casos de actividades ‘poltergeists’, na Inglaterra, foi na casa Harper, em Einfield, e durou mais de dezasseis meses, entre Agosto de 1977 e Outubro de 1978. Mrs. Harper, uma divorciada, viveu aí, com os seus quatro filhos, dois rapazes e duas raparigas, de idades entre os sete e os treze anos.

Os distúrbios que não eram de origem física humana foram testemunhados por várias pessoas de origens diferentes e de crenças religiosas diversas. Incluíam agentes da polícia inicialmente cépticos, políticos, psicólogos, psiquiatras, jornalistas e assistentes sociais que assistiram, todos, à ocorrência das actividades ‘poltergeist’.

Dois consistentes investigadores, envolvidos durante um longo periodo de tempo, foram os escritores Guy Lyon Playfair, um experimentdo observador dos fenómenos ‘poltergeists’ no Brasil e Maurice Gross, membro activo da Sociedade Inglesa para os Estudos Psíquicos (SPR). Playfair e Gross estimaram que para cima de 2.000 fenómenos inexplicáveis foram observados por, pelo menos, 30 testemunhas.

Algumas das actividades desta caso de ‘poltergeist’ incluíam:

- arremeçar de objectos domésticos por todo o lado, cadeiras a serem partidas, brinquedos de crianças a voarem pelos ares, atiradas por uma força invisível,
- ateamento de lume que se apagava por si próprio,
- descarga da pilhas das máquinas fotográficas dos jornalistas e doutras pilhas electrónicas imediatamente depois dessas pilhas terem sido carregadas,
- arremeço da grelha de ferro da base da lareira, através da sala, não atingindo, por um triz, um dos rapazes da família Harper,
- atijamento dum forte rasto de fogo de gas através da parede.

Respondendo a um dos investigadores, um dos ‘poltergeist’ disse que ele era ‘Joe Watson’. Questionado sobre a razão do ‘poltergeist’ respondeu ‘Eu dormia aqui’ – admitindo, implítamente, que todos os demais estariam a invadir propriedade alheia.

Uma marca apareceu num dos travesseiros – como se uma cabeça invisível tivesse lá repousado; isto foi testemunhado pelo investigador Guy Playfair. Vozes dizendo ‘F... para fora daqui’, ‘Eu estava a dormir aqui’ e ‘Gosto de te chatear’ foram ouvidas falando directamente para o investigador Playfair.

Poltergeist nos Estados Unidos

A polícia chegou á casa de Mrs. Beulah Wilson, em 19 de Dezembro de 1976, após ela se ter queixado de actividades regulares ‘plotergeist’. A anteriormente céptica polícia tinha ignorado as queixas mas, quando ela entrou na casa, diz-se que ela testemunhou o comportamento destrutivo de alguns intrusos invisíveis que partiam pratos, cadeiras de madeira e outros objectos domésticos. Neste caso particular, a polícia assistiu ao espectáculo surpreendente do armário de cozinha com o peso duns 100 kgs a flutuar no ar, sem nenhum suporte.

Milhares doutros casos de ‘poltergeist’ têm sido relatados nos Estados Unidos.

Der Rosenheimer Spuk

Uma poderosíssima actividade ‘poltergeist’ ocorreu no escritório de um advogado na cidade da Bavária de Rosenheim, em 1967.

A actividade ‘poltergeist’ centralizou-se em redor da secretária de dezoito anos, Annemarie Schneider. Uma manhã, no seu primeiro dia de trabalho no escritório, ela desceu para átrio de entrada. Testemunhas declararam que:

- a lâmpada do tecto começava a baloiçar;
- a lâmpada no vestiário começava também a baloiçar;
- uma lâmpada directamente por cima dela explodiu;
- uma lâmpada fluorescente na sala contígua apagou-se

Noutras ocasiões:

- ouviram-se estrondos ruidosos;
- todas as luzes do escritório se apagaram ao mesmo tempo
- os fusíveis eléctricos queimavam-se sem causa nenhuma;
- as caixas de fusíveis eram despoletadas;
- todos os quatro telefones desatavam a tocar sem que ninguém estivesse na linha;
- as chamadas telefónicas eram frequentemente cortadas ou interrompidas por breves trechos de tempo;
- as contas de telefones saltaram, repentinamente, para montantes exorbitantes;

- o líquido revelador das máquinas de fotocópias espirravam sem que ninguém lhes tocasse;
- os técnicos das investigações captaram lâmpadas e quadros baloiçantes nas suas câmaras fotográficas;
- os físicos F. Karger e G. Zicha (1968) não conseguiram encontrar nada de errado com o sistema eléctrico ou outras coisas materiais no escritório;
- observaram-se gavetas que se abriam por si próprias;
- por duas vezes um arquivo com cerca de 200 quilos foi visto a mover-se sózinho.

Professores, jornalistas, polícia e outras testemunhas atestaram o fenómeno ‘poltergeist’. O Professor Bander, um parapsicólogo que também investigou este caso especial do fenómeno ‘poltergeist’, concentrou as suas pesquisas sobre Annemarie. Quando Annemarie deixava de trabalhar, fosse onde fosse, o fenómeno ‘poltergeist’ parava abruptamente.

Nenhum investigador levantou a questão de embuste por parte de Annemarie ou de qualquer outra pessoa. Era claro que Annemarie era uma talentosa jovem rapariga com dotes psíquicos e possuidora de ectoplasma em abundância. Como atrás dito, a inteligência do pós-vida usaria este ectoplasma para provocar distúrbios de acordo com a sua força e motivação.

Noutro local, em 1969, em Nicklheim, na Alemanha, foi relatado que para-cientistas investigaram os aportes – a movimentação de objectos sólidos ‘por si próprios’ dum lugar para outro. Os para-cientistas comunicaram-se com esta forma particular de ‘poltergeist’ e instruíram o ‘poltergeist’ invisível para remover frascos de perfume de uma sala para serem transportadas para fora. Pouco depois, na presença de muitas testemunhas, esses frascos de perfume foram vistos a cair do céu.

O que dizem os materialistas e os cépticos de espírito fechado?

Os materialistas não conseguiram apresentar uma explicação alternativa credível, coerente e lógica para o fenómeno ‘poltergeist’. Dizem que, em muitos casos, são devidos a uma jovem adolescente a ser ‘mal criada’ em casa. Isto não é aceitável, nem razoável e nem atestável pelas razões expostas mais adiante.

Materialista e céptico entrincheirado, o Professor William Roll, director da Fundação para os Estudos Psíquicos de Durham, na Carolina do Norte, sugeriu, com seriedade, que o fenómeno ‘poltergeist’ não era devida a uma entidade perturbada do pós-vida mas a uma extrema frustração e cólera sexual de adolescentes por

volta da idade da puberdade. E é a energia suprimida que se ‘exterioriza’ todo o fenómeno ‘poltergeist’. Nalguns padrões de actividade ‘poltergeist’, diz este Professor, o comportamento relaciona-se com o ciclo menstrual feminino.

Muitos leitores, estou certo, tal como muitas pessoas nas minhas reuniões, rebrantarão de riso perante esta declaração ridícula deste professor que não pode ser atestada cientificamente.

O bom professor não explica como é que esta teoria contribui para:

- A actividade ‘poltergeist’ apenas durar pouco tempo, enquanto que a puberdade e a suposta frustração sexual se prolongam por alguns anos;
- A energia ‘exteriorizada’ pela mulher durante o seu ciclo menstrual, como sendo capaz de dar factos e detalhes precisos de nomes, datas e causas de morte de anteriores ocupantes duma casa;
- Materialização de coisas e a capacidade de atear fogos;
- Aparições;
- Um jipe ser levantado a 15 metros de altura (Playfair 1975);
- Serem ouvidas vozes de pessoas de meia idade
- Pesadas peças de mobiliário serem levantadas;
- Pedras serem arremeçadas por ‘poltergeists’, o que acontece em muitos países;
- Os ‘poltergeists’ serem capazes de acelerar a vibração de objectos sólidos e de os transportar para uma outra casa;
- Respostas verbais ou em código dos ‘poltergeists’ a questões e comandos;
- O facto de algumas actividades ‘poltergeists’ serem muito vingativas e danificadoras;
- Algumas manifestações verbais de ‘poltergeists’ serem repugnantemente sujas e obscenas;
- Alguns ‘poltergeists’ exibirem personalidades de depravados homens mais velhos;
- Alguns ‘poltergeists’ serem mansos e até brincalhões;
- Nenhuma actividade ‘poltergeist’ ocorrer na esmagadora maioria de casas onde moram adolescentes na idade da puberdade;

- Actividades ‘poltergeists’ ocorrerem em casas onde nem existem adolescentes;
- As actividades ‘poltergeists’ terminarem quando a entidade é contactada por um médium dotado que o consegue persuadir a seguir a sua vida.

Fomos informados que, em última análise, o Professor Roll, relutantemente, admitiu que, nalguns casos de ‘plotergeists’, a explicação do espírito tem de ser aceite.

A declaração dos cépticos e dos materialistas, no caso Einfield, era que as raparigas na família Harper tinham um excesso de energia derivada da puberdade que fazia com que acontecesse o problema ‘poltergeist’. Mas isto não explica os incidentes específicos, como detalhado atrás, e as centenas de outros casos ‘poltergeists’. Se a energia de raparigas adolescentes fosse a causa das actividades ‘poltergeist’, então, em qualquer parte do Mundo, onde quer que houvessem adolescentes a viver, estariam infestadas de actividades ‘poltergeist’.

Milhares de actividades ‘poltergeists’ têm sido relatados de praticamente todos os países do Mundo. Esses materialistas e outros observadores negativos que continuam a negar a existência dos ‘poltergeists’ ou que afirmam que as perturbações são causadas por forças desconhecidas, não conseguiram, até hoje, dar uma explicação alternativa lógica, racional e cientificamente objectiva para a reivindicação de que o ‘poltergeist’ é um entidade perturbada que, por um período de tempo, faz com que seja notada pelas pessoas.

A actividade ‘poltergeist’ é compatível com a informação transmitida pelo pós-vida, provinda de centenas de origens várias. Muitas dessas origens, incluindo Silver Birch, dizem-nos que é muito comum que pessoas que morrem e que se encontrem em estado consciente num corpo aparentemente sólido, numa nova dimensão, se recusem a acreditar que estão fisicamente mortas. Algumas ficam confusas e causam uma série de prejuízos, por algum tempo.

Não há dúvidas que as provas objectivas que existem sobre a actividade ‘poltergeist’ só podem ser explicadas pela existência do pós-vida.

26. Reencarnação

‘Quanto maior a ignorância, maior o dogmatismo’
Sir William Ostler MD

Reencarnar significa ‘voltar à carne’ e tem origem na palavra latina ‘carne’. Alguns teólogos ocidentais tentam ridicularizar a ideia da reencarnação, dizendo que se pode voltar como um mosquito ou como uma barata. Mas, não existe nenhuma PROVA de que os

humanos possam voltar na forma de, seja o que fôr, inferior ao ser humano, como acreditam algumas seitas orientais. Informações que nos são transmitidas pelas Inteligências Superiores, que sabemos serem espíritos extremamente elevados, dizem-nos que aqueles que voltam à Terra voltam sempre como humanos. Dizem que NÃO existe transmigração de espécies e que as evoluídas vibrações da espécie humana não estão sujeitas a regressão às espécies inferiores.

As provas objectivas modernas para a reencarnação vêm da regressão a vidas passadas, lembrança espontânea de vidas passadas, transmissão de informações do pós-vida, teosofia, Edgar Cayce e traduções recentes de textos Sânscritos. Contudo, mantendo a ênfase científica deste livro, concentrar-se-á a atenção na regressão a vidas passadas e na espontânea lembrança de vidas passadas.

Alguns dos que não aceitam a reencarnação argumentam que a prova pode ser explicada pela possessão ou influência espiritual. Que assim seja.

Não é objectivo deste livro argumentar a favôr ou contra a reencarnação – apenas apresentar algumas provas fascinantes. Mas, quer se aceite o ponto de vista da reencarnação ou o da possessão do espírito, as provas dão ainda mais consistência à existência da vida depois da morte.

Regressão a vidas passadas

A regressão a vidas passadas consiste, simplesmente, em pôr uma pessoa em estado de hipnose e pedir-lhe para regressar através da sua infância a um tempo antes de terem nascido. Muitas vezes a pessoa começa a falar da sua vida ou vidas antes do tempo presente, sobre a sua morte anterior e do tempo entre vidas terrenas, incluindo o planeamento da vida presente.

As razões principais pelas quais, pelo menos algumas dessas afirmações devem ser tomadas como provas, são:

- A regressão leva, muitas vezes, à cura duma doença;
- Nalguns casos a pessoa regressada começa a falar numa língua estrangeira que não aprendeu;
- Nalguns casos a pessoa regressada lembra-se de detalhes com extraordinária precisão que, depois de pesquisados, são confirmados por historiadores credenciados;
- A intensidade emocional é tamanha que tem convencido muitos psiquiatras, inicialmente cépticos, que são pessoas que estão habituadas a lidar com fantasias e regressões imaginárias;

- Nalguns casos, a alegada causa da morte da vida imediatamente anterior reflecte-se num sinal de nascença na vida presente. Por alturas de 1950 a regressão a vidas passadas estava sendo aceite por médicos, inicialmente completamente cépticos, porque funcionava. Como o Dr. Alexandre Cannon escreveu:

Por anos, a teoria da reencarnação foi um pesadelo para mim e fiz todos os possíveis para a desaprovar... Todavia, à medida que passavam os anos, um assunto após outro, me contava sempre a mesma história, apesar de crenças conscientes várias e diferentes. Agora, bem mais de mil casos foram investigados e tenho que admitir que existe a reencarnação (citado por Fisher 1986:65)

Psiquiatras em todo o Mundo descobriram que a regressão funciona.

O Dr. Gerald Edelstein, psicólogo:

Estas experiências (regressão a vidas passadas) por razões que não consigo explicar, quase sempre conduziram a melhoras rápidas dos pacientes (citado por Fisher 1986:65)

O bem conhecido psicólogo, Dra. Edith Fiore, dos Estados Unidos, diz:

Se a fobia de alguém é eliminada, instantânea e permanentemente, pela sua lembrança dum evento do passado (vidas passadas), faz sentido lógico que o evento tenha tido lugar (citado por Fisher 1986:65).

O Dr. Gerald Netherton, que foi criado como Metodista fundamentalista, aplicou o método, com sucesso, a 8.000 pacientes. Inicialmente era um céptico mas, em consequência das suas experiências, está agora convicto da eficácia da regressão a vidas passadas. Os seus pacientes, entre os quais se contam padres e físicos, são, quase sempre, inicialmente cépticos mas isto 'não evita que o método funcione'.

Ele diz:

Muitos pessoas se vão embora, acreditando na reencarnação, como consequência da sua experiência... Qual a resposta lógica? Que, na realidade, aconteceu! (citado por Fisher 1986:65).

O Dr. Arthur Guirdham, um psiquiatra Inglês, mantém que desde sempre tem sido um céptico, o que lhe valeu, quando era rapaz, a alcunha do 'Thomas das dúvidas'. Mas, depois de 44 anos de experiência de regressão a vidas passadas, por hipnose, ele assevera:

Se eu não acreditasse na reencarnação depois das provas que já recebi, então, eu seria mentalmente atrasado (citado por Fisher 1986:65)

A Dra. Helen Wambach era uma céptica e, em 1975, tomou o encargo de conduzir um estudo sobre as regressões a vidas passadas a fim de descobrir, duma vez por todas, se haveria qualquer verdade na reencarnação.

Ao proceder à análise científica de vidas passadas pelos seus mais de 10.000 voluntários, ela veio com algumas brilhantes provas a fâvor da reencarnação:

- 50.6% das vidas passadas relatadas eram masculinas e 49.4% eram femininas – isto está em perfeito acordo com o facto biológico.
- número de pessoas relatando vidas em classes elevadas ou abastadas estava na mesma proporção que as estimativas dos historiadores relativamente à distribuição das pessoas pelas diferentes classes sociais do tempo.
- A recordação de artigos de vestuário, de calçado, de tipos de alimentos e utensílios utilizados era melhor do que nos livros populares de história. Ela descobriu, repetidas vezes, que os seus sujeitos sabiam melhor do que a maioria dos historiadores – quando ela recorria a obscuros peritos, os seus sujeitos estavam invariavelmente correctos.

A sua conclusão foi:

Eu não acredito na reencarnação. Conheço-a! (Wambach 1978).

Poderá surpreender o leitor que mesmo psiquiatras Russos estão a utilizar a regressão a vidas passadas. A Dra. Varvara Ivanova, tida em grande estima pelos cientistas e escritores Soviéticos, é apenas uma entre vários psiquiatras que estão a utilizar, com sucesso, a regressão a vidas passadas como terapia (Whitton e Fisher 1987).

Peter Ramster

Durante as pesquisas que efectuei, durante anos, o hipnoterapeuta mais impressionante que conheci na demonstração da ligação que existe, entre a regressão a vidas passadas e a reencarnação, foi o psicólogo e antigo céptico, Peter Ramster, de Sydney, Austrália.

A informação seguinte foi tomada do importantíssimo livro de Peter Ramster *In Search of Lives Past* e no discurso por ele pronunciado por ocasião da Nona Convenção Nacional dos Parapsicólogos Australianos, no Hótem Sheraton Wentworth em Sydney, a 27 de Março de 1994 e ainda dos filmes que ele produziu sobre a reencarnação.

Em 1983 ele produziu um impressionante documentário televisivo no qual quatro mulheres de Sydney, que nunca tinham saído da Austrália, deram detalhes, sob hipnose, das suas vidas passadas.

Então, acompanhado pelas câmaras de televisão e testemunhas independentes, elas foram levadas para o outro lado do Mundo.

Um dos sujeitos envolvidos era Gwen MacDonald, uma céptica inflexível antes da sua regressão. Ela lembrou-se duma vida em Somerset, entre os anos de 1765 e 1782. Muitos factos sobre a sua vida em Somerset que seriam impossíveis de obter dum livro, foram confirmados, perante testemunhas, enquanto ela foi para lá levada:

- Quando levada, de olhos vendados, para a área de Somerset, ela reconheceu o local facilmente, apesar de nunca ter saído da Austrália;
- Foi capaz de apontar, correctamente, a direcção de três vilas que conhecia;
- Foi capaz de dirigir a equipa de filmagem pelos melhores caminhos, muito melhor que pelos mapas;
- Ela reconheceu onde ficava uma queda de água e o sítio das pedras para a passagem a vau. Os habitantes actuais confirmaram que as pedras tinham sido retiradas havia quarenta anos;
- Ela apontou para um cruzamento onde afirmava ter havido cinco casas. Investigações provaram que isso era verdade e que as casas tinham sido deitadas a baixo trinta anos antes e que uma delas tinha sido a ‘casa da sidra’ precisamente como ela dissera;
- Ela conhecia nomes de vilas de há duzentos anos, embora elas já não constassem de mapas ou tivessem os nomes alterados;
- As pessoas que ela disse conhecer provou-se terem existido – uma delas teria pertencido ao regimento que ela indicou;
- Ela conhecia, em detalhe, lendas locais que os historiadores de Somerset confirmaram serem verdadeiras;
- Ela utilizou, correctamente, palavras obscuras do oeste da região, que já não constam de dicionários, tal como ‘tallet’ significando ‘loft’ (águas furtadas).
- Ela sabia que a população local chamava à Abadia de Glastombury de ‘St. Michael’s’ – facto que só foi possível confirmar ao ler um livro desconhecido com mais de 200 anos, não existente na Austrália;
- Ela foi capaz de descrever, correctamente, como um grupo de Druidas se enfileirava pela Colina Glastonbury acima, em espiral, por ocasião dos seus rituais da Primavera, facto desconhecido da maioria dos historiadores universitários;
- Ela sabia que existiam duas pirâmides na Abadia de Glastonbury já desaparecidas há longo tempo;

- Em Sydney ela desenhou esculturas que ela descrevia como estando numa casa, no meio de cinco casas, junto ao rio. Estas foram encontradas numa velha casa desconhecida a cerca de dois quilómetros da Abadia de Glastonbury;
- Em Sydney, ela foi capaz de desenhar o interior da sua casa em Glastonbury, o que correspondeu em absoluto;
- Ela descreveu uma pousada que ficava situada a caminho de casa. Foi também confirmado;
- Ela foi capaz de conduzir a equipa de filmagem directamente para o que é agora o ‘pátio dos frangos’. Ninguém sabia o que estava no chão até que o limparem. Contudo, no chão, puderam encontrar a pedra que ela tinha descrito em Sydney;
- Os locais vinham todas as noites para lhe fazer perguntas sobre a história da região – ela respondia correctamente a todas as perguntas tal como a dum grande atoleiro – onde se perdia gado.

Cynthia Henderson, um outro sujeito das experiências de Peter Ramster, lembrou uma vida durante a Revolução Francesa. Quando em transe ela:

- Falou em Francês sem nenhum sinal de sotaque Australiano;
- Entendeu e respondeu a perguntas que lhe foram postas em Francês;
- Usou o dialeto da época;
- Soube o nome de ruas que foram mudadas e que só constavam de mapas antigos;

Peter Ramster tem muitos outros casos documentados de regressão a vidas passadas que, em termos muito claros, constituem prova da existência do pós-vida.

A recordação espontânea de vidas passadas

O internacionalmente aclamado caso de Shanti Devi é um dos casos mais espectaculares da história da recordação espontânea de vidas passadas. Este foi um caso passado na Índia e que começou em 1930, muito antes de Stevenson começar as suas próprias experiências. Contudo, ele reviu o caso a partir de extensa informação documental existente e constatou que Shanti Devi tinha feito, pelo menos, 24 declarações precisas das suas memórias que coincidiam com factos confirmados (Reincarnation International, Jan. 1994 No. 1 Lon).

Com a idade de quatro anos, em 1930, em Delhi, na Índia, Shanti Devi começou a mencionar certos detalhes de vestuário, alimentos, pessoas, acontecimentos, lugares que surpreendiam os seus pais.

Sucintamente, Shanti mencionou o seguinte, que foi mais tarde confirmado como verdadeiro. Ela:

- Identificou-se a si própria como Lugdi que vivia em Muttra a 128 quilómetros de distância;
- Falou no dialecto dessa região sem nunca o ter aprendido;
- Disse ter dado à luz uma criança, morrendo dez dias depois, eventos que foram mais tarde confirmados como tendo acontecido a Lugdi;
- Quando transportada a Muttra reconheceu o marido da sua vida anterior, Kadar Nath, e contou-lhe várias coisas que ambos tinham feito no passado;
- Foi capaz de identificar, com precisão, vários marcos importantes do sítio onde ela vivia na vida anterior em Muttra, imediatamente antes de ter chegado à casa onde vivia;
- Foi capaz de dizer, correctamente, como é que a mobília estava distribuída na casa onde ela vivia;
- Sabia onde tinha escondidas 150 rupias na sua casa da sua vida anterior, num alçapão do quarto que servia de esconderijo. O seu marido da vida anterior, Kadar Nath, confirmou que, embora o dinheiro já não estivesse mais lá, ele é que o tinha retirado;
- Identificou, correctamente, os pais de Lugdi, dentre uma multidão de pessoas.

Este caso foi tão impressionante para as autoridades, que foi constituído um comité de pessoas gradas que incluíam um importante político, um advogado, o director dum jornal (Pandit Naki Ram Sahrms, Tara Chand Mathur e Lala DeshbanduGupta) para investigar o caso de Shanti Devi. O comité ficou mais do que convencido de que Shanti sabia de coisas que não poderia obter recorrendo a burla, fraude ou a qualquer outra forma ilegítima. nenhuns dos membros do comité conhecia Shanti, nem tinham qualquer tipo de ligação com ela, fosse de que modo fosse. O seu veredicto definitivo foi, em termos claros, que todas os factos constituíam prova conclusiva da reencarnação.

O caso tornou-se internacionalmente conhecido e atriu a atenção de muitos sociólogos e escritores. Por exemplo, nos anos 1950, um escritor Sueco de nome Sture Lonnerstrand viajou para a Índia para se encontrar com Shanti Devi e para continuar a investigar, por si próprio os factos. Ele também chegou à conclusão irreversível de que o caso Shanti constituía a prova dos nove da reencarnação (Reincarnation International Jan. 1994 No. 1 Lon).

Arthur Guidham e Mrs. Smith

Um caso Inglês que conseguiu convencer muitos peritos, incluindo o psiquiatra, Dr. Arthur Guirgham, foi o da Mrs. Smith, uma dona de casa perfeitamente saudável que ao longo de anos vinha sofrendo de pesadelos terríveis nos quais ela morria na fogueira (Guirgham 1970).

Ela deu ao Dr. Guirgham cópias de desenhos e de versos de canções que ela tinha escrito quando era aluna. Peritos em Francês Medieval confirmaram que ela tinha escrito em langue doc, a língua do sul de França durante os séculos doze e treze.

Ela continuou a assombrar os especialistas com o seu conhecimento dos Cathars em Toulouse que tinham sido perseguidos pelas forças da Inquisição. Em 1944, ela reproduziu, palavra por palavra, canções que apenas foram descobertas em 1967. Ela conhecia pormenores históricos que apenas mais tarde viriam a ser conhecidos depois de penosas investigações, tais como:

- Desenho correcto de moedas Francesas antigas, jóias e planta de edifícios;
- Pormenores correctos da família e relações sociais de pessoas que não constam de livros de texto mas que foram descobertas através dos registos da Inquisição;
- Que a cripta de certa igreja foi utilizada para manter prisioneiros;
- Detalhes de rituais e de paramentos religiosos.

O Professor Nellie, a maior autoridade vivente dessa época, ficou tão impressionado que avisou Guirgham que, de futuro, sempre que houvesse contradição entre o ponto de vista histórico e as lembranças do seu paciente que ele deveria ‘ir pelo seu paciente’.

Guirgham acabou por descobrir, mais tarde, várias outras pessoas próximas dele que partilhavam todas das mesmas lembranças e que ele documentou no seu livro *The Cathars and the Reincarnation*. Dum totalmente céptico, alcunhado de ‘Tomás das dúvidas’, ele acabou por colocar em risco toda a sua considerável reputação profissional ao proferir palestras sob o tema ‘A Reencarnação e a Prática da Medicina’ aos seus colegas da profissão médica Inglesa (Guirgham 1969).

Dr. Ian Stevenson

A pesquisa científica sobre a reencarnação efectuada pelo Dr. Ian Stevenson, Professor de Psiquiatria da Escola Médica da Virgínia, é brilhantíssima. Especificamente, ele investigou o que é conhecido como ‘a recordação espontânea de vidas passadas’.

Ao longo de vários anos, o Dr. Stevenson, utilizando métodos científicos, entrevistou mais de quatrocentas crianças dos Estados

Unidos, da Inglaterra, da Tailândia, de Burma, da Turquia, do Líbano, do Canadá, da Índia e doutros países, que diziam serem capazes de se lembrar de acontecimentos de vidas passadas. A metodologia de investigação científica incluía a verificação e a análise (sempres que relevante) de documentos, cartas, registos de autópsias, certidões de nascimento e de falecimento, arquivos de hospitais, fotografias, jornais e outros.

Os arquivos médicos são importantes, especialmente quando uma criança declara ter sido assassinada numa vida passada. O Dr. Stevenson descobriu que, em casos de morte violenta, a criança pode trazer um sinal de nascimento no local onde teria sido esfaqueada, apanhado um tiro ou o que lhe tivesse causado a morte.

- Um dos exemplos de casos de sinais de nascimento do Dr. Stevenson foi o que aconteceu com Ravi Shankar. Ele lembrava-se de ter sido horrivelmente decapitado em criança por um parente esperançado em poder herdar a riqueza do seu pai. A criança, na sua vida presente, tinha um sinal de nascença circundando o pescoço. Quando o que ele contava foi investigado, descobriu-se que a pessoa que ele dizia ter sido morreu, efectivamente, como ele dizia;

- Um segundo caso envolvia uma criança na Turquia que se lembrava de ter sido um ladrão que estava prestes a ser apanhado pela polícia. Cometeu suicídio, disparando uma espingarda contra si próprio, apontando a arma ao seu queixo. A criança que dizia lembrar-se da vida passada nasceu com um sinal bem distinto debaixo do queixo. Levando a investigação mais além, descobriu-se que ela tinha um outro sinal no cimo da cabaça, no sítio exacto onde a bala teria saído. Quando o Dr. Stevenson estava a investigar este acontecimento, na Turquia, um homem já idoso informou o Dr. Stevenson de que ele se lembrava do acontecimento e testemunhou quanto às circunstâncias do corpo baleado.

O que deve ser tido em consideração é que o Dr. Stevenson pôs a sua reputação em perigo quando ele apresentou o seu trabalho científico ao Mundo através das revistas de psiquiatria mais prestigiosas do Mundo tais como o *The Journal of Nervous and Mental Disease* (Setembro 1977) e *The American Journal of Psychiatry* (Dezembro 1979). Ele publicou vários livros acerca de recordação de vidas passadas e, de cada vez que um volume era publicado, acumulavam-se os pormenores que confirmavam as provas da reencarnação.

As pesquisas científicas de Stevenson foram uma sacudidela na usual complacência céptica do Mundo académico. Era uma das primeiras vezes que um cientista, com uma reputação já estabelecida nas ciências físicas, apresentava provas que, á luz de fossem quais fossem os critérios objectivos, apontavam para a evidência clara da reencarnação e da inevitabilidade do pós-vida.

Concerteza que houve quem tentasse criticar o Dr. Stevenson mas, os críticos NÃO eram cientistas, nem tinham a necessária substância técnica que lhes permitisse lidar com o método científico utilizado pelo Dr. Stevenson. Muitos destes críticos de somenos importância pertenciam a um sistema particular de crenças que é, intrinsecamente, hostil á crença na reencarnação.

Houve outros que deveriam ter melhores conhecimentos e que repetiam, liminarmente, as críticas a Stevenson sem examinarem, eles próprios, o trabalho científico de Stevenson. Por exemplo, no livro de Paul Tabori e Phyllis Raphael, *Beyond the Senses – a report on psychical research in the sixties* (1971) um antigo eminente membro da Sociedade para a Pesquisa Psíquica, George Medhurst, admite, em resposta a questão que lhe tinha sido posta, que ele sabia muito pouco acerca do trabalho do Dr. Stevenson mas diz, e note-se a patente hostilidade infundada sobre o trabalho de Stevenson:

Só sei um pouco sobre estes trabalhos (do Dr. Stevenson)...Sei que houve críticas acerca dos resultados encontrados... que o Dr. Stevenson não teria tido os contactos adequados com as pessoas com quem lidava (1971:216).

Em primeiro lugar, George Medhurst admite ignorância técnica em relação ás pesquisas científicas de Stevenson. Em segundo lugar, ele se estriba em alguém para criticar Stevenson. Em terceiro lugar, Medhurst não identifica esse ‘alguém’. Medhurst aceita a crítica como válida, pois, caso contrário, não a teria repetido. Este tipo de desonestidade intelectual e mistificação por parte de Medhurst são uma indicação de até onde podem ir os cépticos inflexíveis de espírito fechado no intuito de denegrir grandes trabalhos científicos.

Por contraste, houve cientistas objectivos, de reputação nacional que atestaram o profissionalismo e a alta credibilidade da estricte aderência do Dr. Stevenson ao método científico.

Estes incluem o Professor Dr. Albert J. Stunkard, Director do Departamento de Psiquiatria da Universidade de Pennsylvania. Entre outras declarações positivas, ele diz:

O Dr. Stevenson é o homem mais crítico que eu conheço a trabalhar nessa esfera e, talvez, o mais reflectido, com talento para construir processos de controlo investigativo adequados às pesquisas.

O Professor Dra. Gertrude Schmeidler do Colégio da Cidade da Universidade da Cidade de Nova Iorque diz, entre outras coisas:

Stevenson é das pessoas mais cuidadosas e conscienciosas, de uma enorme capacidade intelectual e que se pauta pelos mais altos padrões profissionais. Ele possui uma forma de abordagem muito minuciosa para a recolha e análise de informações em bruto.

O Professor Dr. Herbert S Ripley, Director do Departamento de Psiquiatria da Universidade Washington em Seattle, diz:

Tenho uma alta consideração por Stevenson. Tenho-o como escrupuloso e honesto. Temos sorte, penso, em ter um homem da sua capacidade e enorme integridade a investigar esta área controversa.

O Dr. Harold Lief no Journal of Nervous and Mental Disease (Setembro, 1977) diz, entre outras coisas:

Ele estará ou a fazer um erro colossal... ou ficará conhecido como o Galileu do século vinte.

O Dr. Stevenson começou a interessar-se pela recordação de vidas passadas quando, no auge da sua profissão como psiquiatra, chegou à conclusão de que a psiquiatria estava demasiado restricta quanto às soluções tradicionais e que não tratava efectivamente o problema dos pacientes. Concluiu que muitos casos não conseguiam ser convenientemente explicados nem pela genética, nem pelo meio ambiente, nem pela combinação das duas coisas.

Marta Lorenz

Um dos casos bem convincentes investigados pelo Dr. Stevenson foi o caso da Brasileira, Marta Lorenz, que com a idade de um ano reconheceu um amigo dos seus pais com a frase 'Olá, Papá'. Com cerca de dois anos ela começou a falar em pormenores da sua vida anterior, como a melhor amiga de sua mãe, a filha do amigo da família que ela tinha reconhecido. Muitos destes pormenores não eram conhecidos da mãe da criança e tiveram de ser confirmados por várias outras pessoas.

Ela lembrava-se de 120 factos separados e não relacionados da sua vida passada como Maria de Oliveira, incluindo detalhes daquilo que Maria tinha dito à sua melhor amiga logo antes de morrer – que ela faria os possíveis de tornar a nascer como a filha da sua melhor amiga e que, tão cedo quanto a sua idade lhe permitisse, contaria pormenores da sua vida passada (Stevenson 1974).

Imad Elawar

No Líbano, Stevenson foi, de surpresa, a uma aldeia Drusa e perguntou aos aldeãos se eles conheciam casos de crianças que falassem de suas vidas passadas. Foi-lhe indicado – outra vez sem qualquer aviso prévio – a casa dum criança de cinco anos, Imad Elawar, que, desde a idade de um ano falava, incessantemente, dum vida anterior numa aldeia a cinquenta quilómetros de distância.

Com a idade de um ano as suas primeiras palavras foram 'Jamileh' e 'Mahmoud'; aos dois anos de idade ele fez parar na rua um estrangeiro e identificou-o como um antigo vizinho.

Stevenson entrevistou a criança e os pais e registou para cima de cinquenta e sete pormenores diferentes referentes à sua vida anterior. Quando Stevenson foi com o rapaz e o pai à aldeia, para investigar as declarações do rapaz, levaram vários dias para localizar a antiga casa do rapaz. Nenhum contacto prévio com os parentes foi estabelecido. Contudo:

- Imad foi capaz de fazer treze correctas exposições e identificações acerca da sua vida anterior, incluindo fotografias dele próprio e do seu irmão;
- Reconheceu fotografias do seu antigo tio Mahmoud e da amante dele, uma prostituta chamada Jamileh;
- Ele foi capaz de indicar onde é que ele guardava a sua arma, segredo que era conhecido apenas por ele e pela sua mãe e de como a sua cama tinha sido disposta durante o sua última doença;
- Ele fez parar um estranho e manteve uma longa conversa com ele sobre as suas experiências conjuntas no serviço militar.

Ao todo, e segundo os cálculos de Stevenson, das cinquenta e sete declarações que ele fez sobre a sua vida anterior, cinquenta e uma foram confirmadas (Stevenson 1978).

Percepção extra-sensorial

Em princípio, qualquer pessoa que sujira que estas crianças estejam a interferir nas memórias de pessoas viventes estaria a admitir a existência da percepção extra-sensorial, também conhecida por telepatia ou transferência de pensamento.

Esta concessão, por si só e de forma significativa, enfranquece a posição dos cépticos visto que, durante décadas, os cépticos têm argumentado e ainda argumentam que a PES (Percepção Extra Sensorial) e a telepatia não existem! Das duas uma, ou a PES existe ou não existe.

Mais ainda, o Dr. Stevenson declara que, se as crianças têm poderes extra-sensoriais, ou as possuem genericamente ou as não possuem. É simplesmente ilógico que os cépticos pretendam que uma pessoa possa ter PES para umas coisas e não as ter para outras, que as crianças possam ter PES para as suas alegadas vidas passadas e para nada mais.

Stevenson continua a sua explanação dizendo que, no contexto daquilo que é conhecido das PES, no relativo a médiums e pessoas sensíveis, estas crianças teriam que ter 'super PES'. Isto porque, em alguns casos, as crianças deram uma quantidade significativa de informações, o que contribuiu para alargar os limites de todos os casos de PES presentemente conhecidos.

Em muitos casos as crianças teriam que interferir com as memórias de mais do que uma pessoa visto que as informações não estariam guardadas em apenas uma pessoa. Isto significaria ter que ser capaz de ler as mentes de várias pessoas que teriam, cada uma, parte das informações. Stevenson diz que ‘as informações conhecidas não residem em apenas uma única mente vivente’ (Stevenson 1977).

Nenhuma dose de PES poderá explicar a mudança de comportamento destas crianças. Em muitos casos elas assumem a personalidade de quem elas dizem que foram. Isto é algo que não se consegue obter através da PES. Stevenson explica que é difícil para qualquer crítico, não familiarizado com estes casos, entender a ‘magnitude destes aspectos de comportamento e de personificação’.

Uma outra dificuldade para os críticos que pretendem que seja uma questão de PES, é o facto de que, muitas vezes, estas crianças revelavam a maneira como as coisas eram quando estavam vivas e não como estão agora. O leitor já leu, mais atrás, sobre o famoso caso de Shanti Devi, que dizia que quando estava viva numa vida anterior, tinha escondido 150 rupias num alçapão dum quarto da casa onde ela vivia. Embora os investigadores tivessem cavado nesse lugar sem nada encontrarem, o antigo marido dela admitiu, envergonhado, que tinha sido ele quem tinha retirado o dinheiro. Se ela estava ‘a interferir com a sua mente’ ela teria sabido esse facto.

Marcas de nascença e deformações nas crianças estão, claramente, para além de qualquer explicação através de PES. Estas crianças, de acordo com o Dr. Stevenson, apontam muitas vezes para um sinal ou sinais e explicam que foi aí que foram baleadas ou mutiladas. Os pais atestam que essas marcas foram de nascença. Outras crianças nascidas com deformidades ou falta de membros ou dedos, dizem que essas deformidades indicam o que lhes causou a morte na vida anterior. Em vários casos o Dr. Stevenson foi capaz de obter registos de hospitais que os confirmam. Deste modo, Stevenson foi capaz de estabelecer uma ligação entre os sinais e os registos do hospital/autópsia nos quais a causa da morte era revelada.

Fraude?

Por princípio, uma pessoa terá que tomar em consideração as qualificações, o profissionalismo, o calibre e a integridade de um dos mais destacados investigadores científicos Americanos. O Dr. Stevenson tem uma larga folha de serviços como psicanalista, psiquiatra e investigador científico de elevado profissionalismo. Para além disto, anos a entrevistar milhares de testemunhas, deram-lhe a experiência prática e diversificada na procura da verdade. Ele próprio escreveu livros de texto sobre os interrogatórios e o diagnóstico de entrevistas.

Ele diz que as suas entrevistas e interrogatórios cruzados de tantas crianças e testemunhas revelam que seria uma tarefa hercúlea e gigantesca para fosse quem fosse que tentasse encenar a situação, treinando os pais, parentes, amigos, testemunhas – por vezes o número de pessoas envolvidas ultrapassava as cinquenta e até mais.

Depois, teria que haver a encenação das emoções quando acontecessem as reuniões da criança com os seus entes queridos da vida anterior. A encenação das intensas emoções destas situações está fora da capacidade humana de estruturar ‘no local’. Tendo entrevistado milhares de crianças ‘renascidas’, o Dr. Stevenson acrescenta que ‘as crianças mais novinhas não são fáceis de treinar em papéis encenados que não lhes pareçam naturais’ (Stevenson, 1977).

Stevenson declarou, públicamente, não ter dado dinheiro a nenhuma das pessoas envolvidas e que, como regra, tem aplicado esta política de não fazer pagamentos em troca de depoimentos. De igual modo, nenhuma publicidade foi feita, como incentivo para obtenção de cooperação.

O Dr. Stevenson estava perfeitamente consciente de que as suas investigações científicas poderiam ser minuciosamente escrutinadas, nos mais pequenos pormenores, por outros cientistas, por outros fora do âmbito científico e por aqueles incumbidos por outros interesses que não desejariam que ele tivesse sucesso e portanto tentariam tudo para denegrir e minar as suas investigações sobre o pós-vida e a reencarnação.

Criptomnésia?

Isto apenas quer dizer que a criança renascida teria aprendido, nesta vida, aquilo que está contando acerca de uma vida passada. O que se pretende dizer é que a criança renascida, consciente ou inconscientemente, terá lido a informação, ou ouviu algo sobre ela, ou lhe foi dito e esqueceu-se.

O Dr. Stevenson esclarece que algumas informações originais de algumas das crianças renascidas, especialmente daquelas que apenas tinham uns dois anos de idade, não eram conhecidas pelas pessoas que a cercavam. De acordo com a própria observação de Stevenson, a criança, logo após aprender a falar umas poucas palavras começava a falar sobre a sua vida anterior. Isto reduz, grandemente, as outras possibilidades donde a informação poderia vir.

Memória adquirida/Inconsciência colectiva?

Um dos argumentos mais comumente levantado pelos críticos da lembrança espontânea de vidas passadas é que a criança, alegadamente renascida, tem, na realidade, uma ‘memória adquirida’. Isto significa, claramente, que a criança em vez de ter renascido, se

está lembrando da vida de algum dos seus antepassados. Pretende-se que, de alguma forma, as memórias desse antepassado, referente a coisas diferentes das que a criança se está lembrando, tenham sido geneticamente transmitidas.

Alternativamente, os críticos dizem que as crianças obtêm informações através da ‘inconsciência colectiva’, um vago conceito originalmente avançado por Carl Jung.

Stevenson refuta estes argumentos de forma convincente explicando que o que existe, até hoje, sobre qualquer informação vinda através da ‘inconsciência colectiva’, é muito geral. Por exemplo, uma pessoa pode recordar-se duma grande inundação, algures, muito longe. Stevenson aponta para o facto de que, embora existam alguns casos de ‘inconsciência colectiva’, faltam-lhes os pormenores detalhados e específicos da criança renascida.

O argumento da ‘memória adquirida’, genético, apresenta inconsistências fundamentais. Se alguém estivesse a recordar-se da vida de um dos seus antepassados, teria que haver uma ligação ou rática ou geográfica, entre a vida recordada e a vida do antepassado da pessoa. Contudo, muitas pessoas lembram-se de vidas como membros de raças completamente diferentes. Existem muitos casos registados de europeus lembrando-se de vidas como Chineses ou como Negros.

Para a maioria dos casos, certamente entre quase todos os Asiáticos, Stevenson descobriu que as crianças se recordavam de vidas que tinham terminado apenas uns anos antes de terem renascido, mas numa família e aldeia diferentes da dos seus pais e avós.

Por outro lado, Stevenson diz:

Os pais só conseguem transmitir, geneticamente, ao seu filho memórias de eventos que tenham acontecido aos pais antes da concepção do filho. Daqui se conclui, por conseguinte, que a memória da morte dos pais nunca poderá ser adquirida geneticamente.

Como poderão os pais passar, geneticamente, para os filhos eventos que ocorreram aos pais depois da criança ter sido concebida? Geneticamente, os pais só podem transmitir coisas que tenham acontecido a esses pais antes da concepção da criança.

Possessão?

Alguns críticos da reencarnação têm argumentado que quando uma criança declara lembrar-se duma vida passada, o que está acontecendo, na realidade, é um entidade desencarnada, um espírito, tomando o controlo da mente da criança e que a informação estará, na realidade, vindo do espírito e não da criança alegadamente renascida

O Dr. Stevenson nega este argumento, explicando que a possessão de crianças novinhas, especialmente a partir dos dois anos, é extremamente rara, se é que, na verdade, acontece. Na maioria dos casos, a criança faz referência a ‘vidas passadas’, de forma espontânea, completamente consciente e, definitivamente, nunca em estado de transe ou de qualquer forma de estado alterado de consciência.

Qualquer pessoa familiarizada com um médium em estado de transe, reparará uma alteração da consciência do médium na qual a personalidade pessoal do médium muda dramaticamente. Isto não acontece nestes casos.

Um outro argumento, diz Stevenson, é que o controlo da criança pelo espírito não explica os sinais de nascença. Será inverosímil imaginar os espíritos a imprimir sinais nas crianças enquanto ainda no útero da mãe ou a procurar uma pessoa real que tenha morrido de forma trágica com os mesmos sinais da criança de modo a poder transmitir à criança pormenores dessa vida.

E ainda mais. Porque é que a criança mostra estranheza por alguns parentes que ele conhecia numa vida anterior, estarem, agora, muito mais velhos, com rugas ou sem dentes? Se há algum espírito com a criança, porque é que o espírito mostrará ignorância do meio ambiente e não reconhece os parentes da criança? E porque é que o conhecimento que a criança tem dos parentes e dos edifícios em volta do seu anterior meio ambiente cessam exactamente a partir da hora da morte na vida anterior?

O Dr. Stevenson diz que o número dos que se recordam de vidas passadas é tão grande que algumas características específicas podem ser estabelecidas. Estas características transcendem fronteiras racionais e são semelhantes em diversas partes do Mundo. Como atrás ficou dito, a teoria da conspiração universal – segundo a qual todas estas pessoas estariam conjuradas para tramar histórias similares – é demasiado ridícula para que se possa tomar com seriedade.

São as seguintes as características dos casos de lembrança espontânea de vidas passadas investigadas por Stevenson. Encontra-se um resumo muito bom destas no livro de Cranston e Williams *Reincarnation – a New Horizon in Science, Religion and Society* (1984):

- A idade em que começa – usualmente entre os dois e os quatro anos;
- A idade a partir da qual a memória se desvanece – quase que universalmente entre os cinco e os oito;
- Comportamento mais de acordo com um adulto do que com uma criança;

- Declaração de estranheza de um corpo novo;
- Acontecimentos tipicamente intensos recordados;
- Acontecimentos de morte violenta ocupando a maioria dos casos;
- Fobia a objectos ou circunstâncias causadoras da morte na vida anterior;
- Mudanças das pessoas e meio ambiente estranhadas pelas crianças;
- Sonhos recordados pela mãe ou alguém próximo da família anunciando que a criança é uma reencarnação;
- Mães relatando apetites anormais e gostos e desgostos por alimentos estranhos durante a gravidez, correspondendo aos gostos e desgostos da pessoa durante a vida anterior;
- A criança possuir habilidades para coisas que não lhe foram ensinadas;
- Sinais de nascença ou deformidades.

27. Resumindo as provas objectivas

‘Muito brevemente daremos explicação científica para todos os conhecidos fenómenos psíquicos’
 Promessa feita pelos cépticos em 1900 – há apenas 100 anos.
 Estamos ainda à espera

Ao nos aproximarmos do ano 2000 DC, os cépticos de espírito fechado:

- Não conseguiram refutar cientificamente nenhum dos argumentos a favor da existência do pós-vida;
- Não conseguiram provar a sua assumpção de que não existe vida depois da morte;
- Não conseguiram demonstrar não estar o cepticismo, em si próprio, sujeito a completa invalidação.

Os seus sucessos?

- Foram capazes de retardar – mas não parar – o conhecimento do fenómeno psíquico;
- Por causa dos seus interesses pessoais e avultadas vantagens monetárias, foram capazes de encontrar patrocinadores altamente

ricos – ortodoxia e materialismo – para financiar as cruzadas anti-psíquicas nas universidades e nos media;

- Foram capazes de, injusta e selvaticamente, censurar a publicação de investigações bem sucedidas sobre o fenómeno psíquico;
- Alguns mentiram, mistificaram, utilizaram propaganda traiçoeira e tácticas maquiavélicas para tentar, de forma injusta, denegrir, difamar, desacreditar e destruir o carácter de alguns dos maiores génios da ciência e da literatura que este Mundo jamais viu e que investigaram e aceitaram o fenómeno psíquico;
- Conseguiram angariar aliados nos meios conservadores, com o fim de garantir financiamentos públicos em trabalhos sem utilidade, projectos inúteis de pesquisa em universidades, estéreis programas materialistas;
- Alguns conseguiram infiltrar-se em sociedades organizadas de pesquisas psíquicas com o fim de, deliberadamente, neutralizar genuínas descobertas psíquicas.

Por outro lado os genuínos pesquisadores psíquicos:

- Obtiveram repetíveis provas científicas físicas sobre o fenómeno psíquico e o pós-vida
- Obtiveram sucesso, sem precedentes, na disseminação de informação sobre o fenómeno psíquico por todo o Mundo, mesmo sem o recurso aos meios populares de comunicação;
- Estão a utilizar alta tecnologia para demonstrar através do FVE, do CTI e da ELM, a existência do pós-vida e de outros fenómenos psíquicos;
- Têm sido capazes de, continuamente, refinar a prova objectiva do pós-vida, especialmente na área do FVE, da CTI, dos fenómenos induzidos em laboratório, da aura, do ‘poltergeist’, e das comunicações directas;
- Podem atestar que, vindas do pós-vida, mais revelações pessoais directas estão a ser feitas a milhões de pessoas, pelo Mundo fora, acerca da existência do pós-vida.

As provas apresentadas nos capítulos anteriores, incluindo o FVE, a TCI, a Análise por Computador da Tipologia da Voz, as Experiências Psíquicas Laboratoriais, os Médiums, a Correspondência de Frederick Myers, a Assistência por Conta de Outrem, as Experiências no Limiar da Morte, as Experiências Fora do Corpo, as Aparições, os Quadros de Ouija, o Automatismo Poliglota, o ‘Poltergeist’ e a Reencarnação demonstram, de forma conclusiva, a existência de tremendas provas da existência do pós-vida.

Todos estes fenómenos podem ser explicados pela participação de inteligências do pós-vida ou, como nos casos das EFC e das ELM, pelo facto de que nós temos um corpo etérico invisível dentro do nosso corpo físico e que se torna no nosso corpo real logo que morramos fisicamente.

O pós-vida nada tem a ver com religiões ou com quaisquer crenças ou superstições. O pós-vida está, agora, cientificamente, estabelecido. Aqueles que se recusarem a investigar ou a refutar o enorme volume de provas objectivas existentes não têm, em termos técnicos, o direito ou autoridade para negar a sua existência ou para fazer quaisquer comentários acerca disso.

Quando os materialistas e os cépticos de espírito fechado se recusam a aceitar as provas objectivas sobre o pós-vida, lembro-me duma cena hipotética numa sala de audiências dum tribunal. Imagine que um polícia acusador, num caso de assassinio, trazia cem testemunhas. Todas essas testemunhas eram altamente credenciados cientistas, médicos, advogados, psiquiatras, psicólogos, físicos e muitos outros. Todas as testemunhas testemunhavam que realmente tinham visto o acusado premir o gatilho e baleiar a vítima no peito por cinco vezes.

Então, o advogado de defesa levanta-se e argumenta da mesma forma que os cépticos:

- Todas as testemunhas de acusação estavam sofrendo de alucinações;
- Estavam todas hipnotizadas;
- Estavam todas de conluio com o acusador;
- Ou, em alternativa, todas estas testemunhas estavam a projectar a sua própria culpa no acusado;
- Estas testemunhas exteriorizaram o seu próprio excesso de energia, colectivamente, que era o que, na realidade, tinha morto a vítima.

Da minha própria experiência parece-me que os cépticos de espírito fechado estão a aplicar testes diferentes para coisas diferentes de forma deliberada e com a finalidade de confundir as pessoas.

1 – O teste Psíquico ou de Sobrevivência ou o teste da impossibilidade

Nos últimos 150 anos, a história psíquica tem demonstrado que existe um grupo central de pesquisadores que, em circunstância alguma, aceitarão que qualquer fenómeno psíquico possa existir. Estes cépticos de espírito fechado, alguns dos quais são cientistas

físicos, aplicam um teste que garanta que o fenómeno psíquico sob investigação não passará. Este teste é: ‘Não acreditarei no pós-vida mesmo que me possa ser provado’. O teste é aplicado pelos materialistas que trabalham para o ‘establishment’ e que investigam o fenómeno psíquico mas não para encontrar a verdade. De investigadores passam a acusadores, a juízes e a jurados, tomando todas as medidas para que os que apresentam provas genuínas do fenómeno psíquico possam ser acusados de fraude e mistificação.

2 – O Teste Lógico Cartesiano

Do Jesuíta Católico, René Descartes, que viveu no século dezassete e que hoje é desconhecido por quase toda a gente no Mundo. O teste Cartesiano diz: ‘Duvida de tudo o que pode ser duvidado’. Os tribunais não aplicam este teste, as Igrejas não aplicam este teste e os materialistas não aplicam este teste quando testam medicamentos e alimentos destinados ao consumo público.

3 – O Teste Para Além da Dúvida Razoável

Este é o teste utilizado pelos tribunais para estabelecer a culpabilidade do acusado de crime. Por vezes o testemunho de apenas uma testemunha pode condenar uma pessoa a prisão perpétua

4 – Teste do Equilíbrio de Probabilidade

Este é um outro teste utilizado pelos tribunais para estabelecer a responsabilidade das partes em assuntos não criminais e de natureza cível. É, obviamente, um teste muito menos rigoroso que o teste criminal ‘para além da dúvida razoável’. Na prática, os materialistas utilizam este teste para testar alimentos e medicamentos. A Igreja usa este teste, às vezes, para as suas próprias crenças, uma vez que a teologia é subjectiva, pessoal e, tecnicamente, ninguém pode testar a teologia na base de ‘para além da dúvida razoável’.

5 – Teste Prima Facie

É o teste do ‘em vista disso’. É um teste muito fraco. Provas circunstanciais podem fazer passar este teste. Os tribunais utilizam este teste nas práticas processuais – o tribunal decide se uma prima facie foi estabelecida para que o assunto seja remetido a audiência plena. Provas indirectas, mesmo a prova do ouvir dizer, são admitidas para passar este teste. Este é o teste utilizado por algumas disciplinas tais como a psicologia. Toda a psicologia introspectiva é permitida desde que possa estabelecer prima facie de estar correcta.

Os princípios do comportamento podem, em alguns casos, ser aplicados na base do teste prima facie. Os Governos, por vezes, permitem que o teste prima facie possa ser aplicado a companhias farmacêuticas para aprovar os seus medicamentos destinados ao consumo público. Prova disto é o número de pessoas sinistradas,

permanentemente diminuídas, feridas gravemente – até mesmo adquirindo câncer ou mortas por alguns medicamentos. Deveríamos esperar que os governos, sempre que a saúde pública estivesse em jogo, como no caso dos medicamentos, insistissem em aplicar o teste cartesiano

No contexto do acima exposto, não surpreende que uma das razões pelas quais o fenómeno psíquico não foi completamente aceite pela sociedade, é porque, existem os que na ortodoxia material e religiosa, nos que estão ao serviço de interesses particulares, fraudulentamente continuam a aplicar o teste número um – o teste da impossibilidade.

Apesar de tudo, as provas do pós-vida são objectivas, deslumbrante na sua constância e no volume e quantidade de provas técnicas irrefutáveis. Os materialistas e os cépticos de espírito fechado não deram nenhuma explicação alternativa credível para nenhum dos fenómenos acima demonstrados. Na ausência duma explicação alternativa credível, a sociedade não tem nenhuma outra alternativa senão aceitar a prova de que o pós-vida, em si mesma, é inevitável.

28. Que acontece quando morremos?

ALGUMAS DAS FONTES FORAM:

Silver Birch (ortzen 1988,1989,1990,1991), Arthur Findlay, White Eagle, Antony Borgia, Lord Dowding, Sir William Crookes, Sir Oliver Lodge, Sir Arthur Conan Doyle, Leslie Flint, Ivan Cooke, George Meek, H P Blavatsky, Dr. Carl Wickland, Dr. Robert Crookall, Sir William Barret, Rev. C Drayton Thomas, Geraldine Cummins, FWD Myers, Raymond Bayliss, Gary Wlliams, Arthur Ford, Johannes Greber, George Anderson, Charles Hapgood, Dr. Maurice Rawlings, Allan Kardec, Emmanuel, Joe Fisher, Dr.Ian Stevenson, Emmanuel Swedenborg, Martin Ebon, Robert James Lees, Ruth Montgomery, Stainton Moses, Ursula Roberts, Elisabeth Kubler-Ross, Jane Roberts, Helen Greaves e a Associação para a Investigação Científica do Pós-vida.

Fomos privilegiados em poder obter estas informações. O que é absolutamente extraordinário é a coerência das informações acerca do que nos acontece quando morremos, vindas de várias pessoas, de diversos países, ao longo de muitos séculos.

O grande cientista, o Dr. Robert Crookall, DSC. PhD, tomou a seu cargo um estudo sistemático de muitas das origens e de centenas de outras comunicações do pós-vida e publicou os resultados no seu livro *The Supreme Adventure* (1961).

A sua obra é considerada como científica uma vez que, minuciosa e objectivamente, examinou as provas, na sua intrínseca coerência e levanta hipóteses coerentes com o grande volume de provas factuais.

Crookall ficou maravilhado com a consistente coerência dos testemunhos provindos de todas as partes do Mundo. Comunicações de todos os países – da Brasil, da Inglaterra, da África do Sul, do Tibete, da Europa, da Índia e da Austrália - são todas coerentes. Ficou ainda mais maravilhado por também serem consistentes com as crenças dos nativos do Havai, isoladas das outras civilizações por largos anos até à sua ‘descoberta’ pelo Capitão Cook em 1788. Maravilhou-se também com a coerência dos testemunhos dados por pessoas que tinham tido Experiências Fora do Corpo, Experiências no Limiar da Morte e pelas comunicações de médiums altamente dotados.

Crookall foi membro da Irmandade das Igrejas para os Estudos Psíquicos que foi fundada na, Inglaterra, com a finalidade de permitir aos que tinham tido experiências de natureza psíquica ou espiritual, de as partilhar e examinar, à luz dos ensinamentos tradicionais da Igreja sobre o pós-vida. O prefácio do seu livro foi escrito pelo antigo Juiz Presidente do Supremo Tribunal que concluiu que:

Devia obrigar a que todos os Ministros do país o usassem.

Mensagens testemunhais vitais vindas do pós-vida

- Todos os seres humanos sobrevivem à morte física, irrespectivamente das suas crenças
- Na hora da morte tomamos a nossa mente, com todas as suas experiências, o nosso carácter e o nosso corpo etérico (espírito) – que é um duplo do nosso corpo terreno. Ele sai do corpo físico na hora da morte e está ligado ao corpo terreno por um cordão de prata. A morte acontece quando o cordão de prata se parte. Silver Birch, uma Alta Inteligência do pós-vida que psicografou mais de nove livros, informa-nos que, no pós-vida o corpo etérico e tudo o que nos cerca é tão sólido como o nosso Mundo nos parece agora;
- Imediatamente depois da morte física, muitos sentirão a necessidade de se elevarem;
- estado da mente na altura da morte é crucial. Alguns passam-se conscientemente e têm plena consciência de entes queridos que vêm dar as boas vindas a um recém chegado; outros mantêm-se inconscientes e são transportados a um local especial de repouso;
- Os que na Terra estavam profundamente apanhados por hábitos e vícios – tabaco, álcool, jogo, drogas ou desregramentos sexuais podem ficar cativos no portal do astral e não progridem enquanto os hábitos não forem completamente suprimidos;
- Algumas pessoas acham fácil sair do corpo físico morto, na hora da morte. Outras precisam da activa ajuda de auxiliares na fase da transição. Algumas pessoas muito materialistas poderão ter um corpo duplo muito pesado e será para eles muito mais difícil separarem-se do seu corpo físico morto;

- AVISO: Algumas drogas alucinogêneas têm a aptidão de fazer o corpo duplo sair para fora do corpo físico. Visto por outras entidades do pós-vida os drogados ‘... têm aparência patética, como se não tivessem alma... e têm os olhos vazios. Quando fora do corpo, outras entidades inferiores tentam tomar o corpo do drogado, acontecendo, então, as possessões.’
- Não existe isso do ‘céu lá em cima’ e do ‘inferno lá em baixo’: o local do pós-vida não difere do plano terrestre – as esferas diferentes se interpenetram – das mais altas às mais baixas vibrações.
- As pessoas com ideias fixas, dogmáticas e inalteráveis sobre o que devem encontrar imediatamente após a sua morte, são passíveis de experimentar problemas sérios;
- Os ateus, os agnósticos e outros podem não ter dificuldades em ir para as esferas mais elevadas – o que fizeram durante a sua vida e o motivo que os levou a fazer isso é o que será importante, não aquilo em que acreditaram
- Amor, o Amor incondicional, é a força mais poderosa conhecida no Universo;
- Amor incondicional é o elo inquebrantável que nos liga aos nossos entes queridos no pós-vida;
- As pessoas bondosas encontram os seus entes amados – as almas gémeas são reunidas umas às outras. As Altas Inteligências têm-nos informado que, no pós-vida a nossa aparência pode regressar ao que era na melhor fase da nossa vida – para a maioria das pessoas nos inícios ou meados dos anos vinte.
- Os entes queridos recentemente chegados ao pós-vida e outros, têm a faculdade de visitar os seus que ainda vivem na Terra;
- Os entes queridos recentemente chegados e durante os três meses a seguir à sua transição, têm permissão para transmitir, visualmente, através de sonhos ou aparições e por outros meios, a prova de que ainda estão vivos;
- O tipo de vida vivido pelas pessoas bondosas no pós-vida – beleza, paz, luz e amor – está acima de qualquer imaginação;

- Pode-se, mesmo no pós-vida, aprender lições espirituais e, desta forma, progredir a esferas mais altas e ainda mais belas;
- Uma vez no pós-vida sente-se uma enorme sensação de leveza;
- Quaisquer deformações físicas que as pessoas possam ter tido na Terra desaparecerão – deformações, doença, cegueira ou qualquer outra coisa que afecte de forma negativa as pessoas serão coisas que não acontecerão;
- A mente terá poderes enormes no pós-vida. Tem a faculdade de criar matéria e pode fazer com que o corpo viaje à velocidade do pensamento, isto é, poder-se-á pensar num sítio e estar lá, instantaneamente;
- Os que foram, sistematicamente malévolos serão, ou deixados sózinhos ou recebidos por outros com as mesmas baixíssimas vibrações e com o mesmo baixíssimo espiritualismo, e são atraídos para as esferas mais baixas e de maior escuridão;
- Algumas pessoas na Terra têm mais facilidade de transição para o pós-vida do que outras – quanto maior o conhecimento que tivermos, mais fácil é a transição;
- Algumas pessoas ficam cativas ‘entre os dois Mundos’. Uma vez que ainda se sentem sólidas, não aceitam que tenham morrido de verdade. Muitos entram em estado de confusão mental e podem ficar na erraticidade por décadas ou mais;
- A energia – positiva e negativa – é como um ‘boomerang’. Quando se envia energia positiva para alguém essa boa energia é retribuída mais cedo ou mais tarde. Se se enviar energia negativa, sendo desonesto para com alguém ou aldrabando ou, ainda, mentindo, perseguindo ou desacreditando ou causando prejuízo a alguém, essa espécie de energia negativa será, inevitavelmente, retribuída.
- ‘A colheita é de acordo com a sementeira’ é uma lei espiritual reconhecida universalmente. O Karma significa que não fica sem pagar o mal que se faz. Todas as acções negativas contra os outros têm que ser vividas tendo como finalidade o ‘contínuo apuramento espiritual’.

- Todos os pensamentos, todas as palavras e todas as acções são registadas... e ser-se-á responsável por elas;
- Nas esferas mais elevadas ser-se-á capaz de lembrar e ver todos os acontecimentos de qualquer periodo de nossa existência em três dimensões.
- Os materialistas e os outros gastam demasiado tempo a preocuparem-se com os seus últimos dez ou vinte anos na Terra e não gastam, nem uma pequenina fracção do seu tempo, a pensar no que lhes vai acontecer nos próximos dez, vinte, cinquente mil anos... e mais e muito mais para além disso;
- O que acontece a uma pessoa que se suicida dependerá sempre dum número de coisas. O motivo é sempre muito importante. Por exemplo, haverá uma grande diferença entre alguém que comete suicídio por causa dume morte inevitável e aquele que comete suicídio para fugir a responsabilidades. Os que põem termo à sua vida para fugir de problemas e de responsabilidades, mais que provávelmente, aumentam os seus problemas e responsabilidades no pós-vida;
- Existem vários níveis de esferas no pós-vida – das mais baixas às mais altas vibrações. Quando morremos, fisicamente, vamos para a esfera que corresponde às nossas vibrações que acumulamos ao longo da nossa vida na Terra. Posto simplisticamente, a maioria das pessoas bondosas irão para a ‘terceira’ esfera – há quem lhe chame a terra de verão. Quanto mais altas as vibrações melhores serão as condições – o que nos levará para as esferas mais altas. Fomos informados que as esferas mais elevadas são belas demais para que se consiga imaginá-las. Para os que tenham vibrações muito, muito baixas, problemas muito sérios existirão.
- Coerente com a Lei do Progresso, todos progredirão às mais elevadas esferas, nem que leve uma eternidade;
- No pós-vida os semelhantes atraem os semelhantes. Ao contrário do que acontece na Terra em que os que tenham menores vibrações se misturam livremente com os de maiores vibrações.
- Existe na realidade uma guerra entre as forças do Luz e as forças das Trevas. Aqueles que, contínuamente, disseminam as trevas: ignorância, propaganda falsa e

perniciosa, ódio, perseguições de outrem, abuso de poder, mentira, enganar, domínio com o fito de explorar e outras energias negativas, não-de atrair e, muito provavelmente, passar a pertencer às Forças das Trevas. Os outros que espalham e trabalham para obter maior entendimento, sabedoria, paz, amor, luz, harmonia e outras energias positivas, atrairão e tornar-se-ão parte das Forças da Luz.

- A auto responsabilidade – segundo a qual cada um é o único responsável pelos actos e omissões durante a sua vida no plano terreno.
- O abuso do poder e a sistemática perseguição doutros são duas das acções mais kármicas. Karmas terríveis aguardam aqueles cuja tarefa deveria ser proteger a sociedade mas que abusam do poder, abandonam-se livremente a transgressões e causam danos e prejuízos a outrem;
- NÃO se é desculpado por acções más com a justificação de que se estava apenas a cumprir ordens;
- A crueldade – mental ou física contra pessoas ou animais – é altamente Kármica e não é justificável NUNCA;
- É garantido que aqueles que, de forma constante, abusaram ou perseguiram os outros, terão que enfrentar as suas vítimas no pós-vida, antes da mais severa retribuição;
- Depois da mais severa retribuição àqueles que intencionalmente perseguiram e deliberadamente violaram os direitos de outras pessoas, os transgressores terão que se penitenciar-se e pedir perdão às suas vítimas antes de poderem fazer quaisquer progressos;
- O Inferno para a eternidade e a eterna condenação foram inventadas pelos homens a fim de manipular os corações e as mentes dos incautos – NÃO existem. Embora EXISTAM esferas inferiores no pós-vida que são particularmente escuras, desagradáveis e mesmo horríveis – chamado por alguns de ‘inferno’ – o facto de se ir para lá NÃO significa que seja para a eternidade. A Lei Universal do Progresso garante que algum dia no futuro, aqueles que tenham baixas vibrações, mesmo que leve uma infinidade de tempo – séculos e até milhares de anos – virão a obter vibrações mais elevadas e assim ascender a esferas mais altas;

- Ninguém nos julga ou nos condena às esferas mais baixas. Nós é que nos condenamos a nós próprios às esferas mais baixas (inferno) como resultado das nossas baixas vibrações (espiritualidade) que tenhamos obtido durante a nossa estadia na Terra;
- Conversão no leito da morte? Temos sido repetidas vezes informados pelas Altas Orígens que imediatamente depois de morrermos as nossas vibrações não se alteram – nem mesmo que nos arrependamos antes da morte. Levamos conosco as vibrações acumuladas (espiritualidade) que ganhámos durante toda a nossa vida na Terra. O batismo ou o arrependimento são perfeitamente inúteis como meio de obter ‘maiores vantagens’ imediatamente depois da morte;
- Impedir que outros possam aceder ao conhecimento é altamente kármico;
- Ninguém na Terra nos pode magoar espiritualmente;
- As pessoas na Terra não nasceram todas iguais espiritualmente;
- O egoísmo é uma das maiores transgressões contra a espiritualidade e é altamente kármico;
- Nem todas as pessoas têm que reencarnar;
- Não se vem a este Mundo para se ter um sonho cor-de-rosa, sem dor, sem sofrimento ou sem problemas. Quanto mais variada a nossa experiência, quanto mais aprendermos com os nossos muitos erros, mais valiosa a nossa vida;
- Muitos de nós seremos enganados, caluniados, injustamente perseguidos... mas a justiça será feita... não no nosso Mundo, talvez, mas, de certeza absoluta, no Mundo a seguir;
- As leis universais aplicar-se-ão quer estejamos ou não conscientes deles;
- Sempre que haja incompatibilidade entre a ciência e sistema de crenças – tais como a religião, as crenças tradicionais ou o cepticismo – a ciência prevalecerá inevitavelmente;
- Ser-se religioso não significa necessariamente que se seja espiritualizado;

- A não participação em rituais religiosos tais como o batismo, as confissões e o não acreditar em credos e dogmas NÃO impede ninguém de obter alta espiritualidade e ascender a altas esferas do pós-vida;
- No pós-vida a comunicação é feita por telepatia:
- Os do pós-vida podem ler as nossas mentes e podem influenciar os nossos pensamentos e ideias, quer positiva quer negativamente;
- Temos a liberdade de pedir aos poderosos protectores do pós-vida para nos ajudar com os nossos problemas do dia-a-dia, mas eles não tomarão decisões por nós.

Bibliografia para a condução de pesquisas psíquicas

Incluem-se os seguintes livros e, em alguns casos, sugestões de como os adquirir. Os livros publicados na Austrália podem, normalmente, ser pesquisados quer através de Adyar Bookshop (<http://www.adyar.com.au>) 230 Clarence Street, Sydney NSW 2000 ou através da Esoteric Bookshop, 408 Elizabeth Street, Surry Hills NSW 2010.

Para livros esgotados, tente:

Atlantis Bookshop, 48 Museum Street, London WC1A 1LY – Tel: 071 405 2120

Mrs. M. Hancock, 46 Montague Close, Oakland Park, Swaffham, Norfolk PE37 7EQ;

Specialist Knowledge Service, 20 Paul Street, Frome, Somerset, Tel: 01373 451 7777;

Watkins Bookshop, 19-21 Cecil Court, Charing Cross Road, London WC2N 4HB

(estas moradas foram gentilmente cedidas por Colin Smythe Limited, PO Box 6, Gerrards Cross, Buckinghamshire SL9 8XA, UK, Tel: (44 1753) 886 000; Fax: (441753) 886 469)

Boletim da American Association Electronic Voice Phenomena – disponível em

816 Midship Court, Annapolis, Maryland 21401 (assinatura \$20 por ano)

Arcangel, Dianne (1997) – Não publicado, enviar e-mail à autora.

Ash, David & Hewitt, Peter (1994) – The Vortex – Key to Future Science Gateway

Books Bath (também publicado como Science of The Gods – Reconciling Mystery and Matter edição revista em 1991.

Atwater, PMH (1988) - Coming Back to Life – the After Effects of the Near Death Experience - Ballentine Books, Nova Iorque

Atwater, PMH (1994) – Beyond the Light: What isn't Being Said

About Near Death Experience - Carol Pub Group, Nova Iorque

Baird, John Logie (1988) – Sermons, Soup and Television –

Autobiographical Notes – Royal Society Television, Londres

Bander, Peter (1973) – Voices from the Tapes – Drake, Nova Iorque

Bennett, E (1939) – Apparitions and Haunted Houses: A Survey of Evidence - Londres Faber and Faber

Boddington, Harry (1992) – Materializations - Psychic Press, Londres

Borgia, Anthony (1997) – Life in the World Unseen - primeira

publicação 1954, re-impreso por Two Worlds Publishing Co.

Londres

Bray, Shirley (1990) – A Guide for the Spiritual Traveller – Scroll

Publisher, Cleveland, Queensland, Austrália

Brennon, Barbara Ann (1988) – Hands of Light – Bantham

Books, Toronto & Nova Iorque

Brinkley, Dannion (1994) – Saved by the Light – BCA, Londres

Butler, John (1947) - Exploring the Psychic World, Oak TriBooks,

Londres e Melbourne

Byrne, Gwen (1994) – Russel, Janus Publishing, Edinburgh House, 19 Nassau Street, Londres WIN 7RE (Custo 16,99 libras porte pago)

Carrington, Hereward (1973) – The World of Psychic Research – A.S. Barns & Co. Inc. Nova Jérsia

Cassirer, Manfred (1996) – Medium on Trial – The Story of Helebn Duncan and the Witchcraft Act – PN Publishing, Stanstead, Essex

Cayce, Hugh Lynn (1964) – Venture Inward – Association for Research and Enlightenment, Virginia Beach

Chisholm, Judith (1995) – EVP TAPE (fitas realmente gravadas de FVE) cobre a história do método do FVE, vozes do além e boletim informativo pelo custo de 6 ou 14 libras (estrangeiro): J. Chisholm ‘An Teac na Pol’ Rosnagreena, Glengarriff, Co. Corl Eire.

Connelly, Gerry (1995) - The Afterlife for the Atheist – Domra Publicatio, 65 Constable Road, Corby Northants NN18 ORT, Reino Unido.

Continuing Life Research, Contact – Volume 1 #96/01 – PO Box 11036. Boulder, Colorado 80301, EUA ou e-mail init_us@aol.com

Continuing Life Research (1997) vídeo áudio The Miracle of ITC e o vídeo ITC Today disponíveis por 10 dólares ou 29.95 dólares para o estrangeiro – PO Box 11036, Boulder Colorado 80301, EUA ou e-mail init_us@aol.com

Counts, D A (1983) – Near Death and Out of Body Experiences in a Melanesian Society – Anabiosis, 3,2 115-135.

Covina, Gina (1979) – The Ouija Book – Simon and Shuster, Nova Iorque

Cranston, J H and Williams, S L (1984) – Reincarnation – a New Horizon in Science, Religion and Society – Julian Press/Crown, Nova Iorque.

Crawford, William J. (1916) - The Reality of Psychic Phenomena – Londres.

Crawford, William J. (1919) – Experiments in Psychic Science, Londres.

Crawford, William J. (1921) – Psychic Structures of the Galigher Circle – Londres.

Crookall, Dr. Robert (1961) - The Supreme Adventure – James Clarke & Co., Londres.

Crookall, Dr. Robert (1970) – Out of the Body Experiences – Carol Publishing, Edição 1992, Nova Iorque.

Crookall, Dr. Robert (1973) – Out of the Body Experiences and Survival – in Pearce-Higgins Cannon J.D. e Whitby Rev g. (eds) Life Death and Psychical Research – Rider and Company, Londres.

Higgins, Cannon J D e Whitby Rev. g. (eds) Life, - Death and Psychical Research – Rider Company, Londres.

Crookes, William (1871) – Some Further Experiments with Psychic Force – em The Quarterly Journal of Science, October 1.

Crookes, William (1874) – Researches in the Phenomena of Spiritualism – Burns, Londres.

Cummins, Geraldine (1956) – Mind in Life and Death – Aquarian Press, Londres.

Cummins, Geraldine (1965) – Swan on a Black Sea – Routledge and Kegan Paul, Londres.

Currie, I. (1981) – You cannot Die – Playboy Paperbacks, Nova Iorque.

Dodds, Professor E R (1962) – Presidential Address' Proceedings – Society for Psychical Research (UK), Londres.

Dowding, Air Chief Marshal Lord (1943) – Many Mansions - Rider and Company, Londres.

Dunn, E e Smith J (1977) – Ghosts: Their Appearance During Bereavement – Canadian Family Physician, Outubro pp 121:122.

Eadie, Betty (1992) – Embraced by the Light – Aquarian, Londres.

Ebon, Martin (1976) – The Satan Trap – Lomvard Associates, nova edição por Doubleday and Company.

Edwards, Harry (1962) – The Mediumship of Jack Webber - The Healer Publishing Company Ltd, Burrows Lea, Surrey.

Fenwick, P. e E. (1996) – The Truth in the Light – An Investigation of Over 300 Near Death Experiences – Headline Publishing, Londres.

Fenwick, P e E (1995) Interview – 'All the Questions are essentially simple but the answers remain elusive' – The Daily Mail (Londres) 2 de Março de 1995, p.47.

Findlay, A. (1931) – On the Edge of the Etheric – The Afterlife Svientifically Explained – Psichi Press primeira impressão; sessagésima impressão 1970, infomações Psychic Press, Arthur Findlay College, Sussex, Inglaterra.

Findlay, Arthur (1933) – The Rock of Truth – Primeira impressão Psychic Press Limited, Londres, Vigésima segunda impressão 1986.

Findlay, Arthur (1939) – The Psychic Stream – Psychic Press, Londres.

Findlay, Arthur (1947) – The Curse of Ignorance – A History of Mankind from Primitive Times to the End of the Second World War - em dois volumes Primeira impressão 'Spiritualists' National Union, Londres, sétima impressão 1993.

Fiore, Dr. Judith (1978) – You Have Been Here Before – Coward, McCann and Geoghegan, Nova Iorque.

Fisher, Joe (1986) – The Case for Reincarnation – Grafton Books, Londres.

Flint, Leslie (1971) – Voices in the Dark – Psychic Press, Londres.

Fox, Oliver (1920) – Astral Projection – A Record of Out of the Body Experiences – Re-impreso por University Books, Nova Iorque (1926).

Fuller, John (1987) – The Ghost of 29 Megactcles – Grafton Books, Londres.

Gabbard, G W e Twemlow, S W (1981) – Explanatory Hypoteses for the Near Death Experiences – ReVision 4,2,68-71.

Gallup, George (1982) – Adventures in Immortality – McGraw-Hill, Nova Iorque.

Gaud, A e Cornell A D (1979) – Poltergeists – Routledge e Kegan Paul, Londres.

Giovetti, P. (1982) – Near Death and Deathbed Experiences: An Italian Survey – Theta 10,1,10-13.

Goss, Michael (1979) – Poltergeists: An Annotated Bibliography of Works in English 1880-1975 - The Scarecrow Press, Metuchen NJ e Londres.

Greaves, Helen (1969) – Testimony of Light – Neville Spearman Publishers, The CW Daniel Compant, Londres.

Greaves, Helen (1974) – The Wheel of Eternity Saffron Wladen – The CW Daniel Company, Londres.

Greber (1970) – Communication with the Spirit World of God: Personal Experiences of a Catholic Priest - Johannes Greber Memorial Foundation, 139 Hillside Avenue, Teaneck, New Jersey USA 07666.

Green, Celia (1967) – Ecsomatic Experiences and Related Phenomena - Journal SPR 44:111-130.

Green, Celia (1973) – Out of the Body Experiences – Ballantine, New Iorque.

Greenley, A M (1975) – The Sociology of the Paranormal:A Reconaissance – Sage Publications, Beverly Hills e Londres.

Grey, Margo (1985) – Return from Death – Arkana, Londres.

Greyson, Bruce e Stevenson, Ian (1980) – The Phenomenology of the Near Death Experiences – American Journal of Psychiatry 137,10,1193-1196.

Greyson, B (1989) – Can Science Explain the Near Death Experience? - Journal of Near Death Studies 8,2,77-92.

Grosso, M (1981) – Towards an Explanation of the Near Death Phenomena - The Journal of the American Psychical Research 75,1,37-60.

Guirdham, Dr. Arthur (1969) – palestra – Reincarnation and the Practice of Medicina – proferida em 25 de Março de 1969 perante o Colégio de Ciência Psíquica, Londres.

Guirdham, Dr. Arthur (1970) – The Cathers and Reincarnation – Spearman, Londres.

Guirdham, Dr. Arthur (1978) – The Psyche in Medicine – Neville Spearman, Jersey.

Hamilton, Dr. T Glen (1942) – Intentio and Survival – (re-impreso em 1977) Regency Press, Londres e Toronto.

Hapgood, Charles H (1975) – Voices of Spirit – Nordon Publications, Nova Iorque.

Haraldson, E (1987) – Miracles are my Visiting Cards: An Investigative Report On The Psychic Phenomena Associated with Sathya Sai Baba - Century Hutchison, Nova Iorque.

Haraldson, E e Osis K (1977) – Appearance and Disapearance of Objects in the Presence of Sri Sathya Sai Baba – in boletim da American Society for Psychical Research, Jan.

Haraldson e outros (1977) – National Survey of Psychical Experiences and Attitudes Towards the Paranormal in Iceland - in W G Roll, R L Morris e J D Morris (eds) Research in Parapsychology, Scarecrow Press Metuchen, New Jersey.

Hines (1987) – Pseudoscience and the Paranormal: A Critical Examination of the Evidence – Prometheus Books, Buffalo, Nova Iorque.

Holzer, Hans (1963) – Ghost Hunter - Bobbs Merril Co., Nova Iorque.

Holzer, Hans (1965) – Ghosts I've Met - Bobbs Merril Co. Nova Iorque.

Hunt, Dr. Valorie e outros (1977) – Project Report: A study of Structural Neuromuscular Energy Field and Emotional Approaches - UCLA.

Hunt, Stocker (1985) – Ouija: The Most Dangerous Game – Harper & Rowe Publishers, Nova Iorque.

Inglis, Brian (1977) – Natural and Supernatural: A History of the Paranormal until 1914 – Abacus, Londres.

Inglis, Brian (1984) – Science and Parascience: A History of the Paranormal 1914-1939 – Hodder and Stroughton, Londres.

Isaac, Dr. Nassif (1987) – The Two Aspirations of Humanity – Regency Press, Londres e Nova Iorque.

Johnson, Raynor (1971) – The Imprisoned Splendor – Quest Books, Illinois.

Jung, Carl G. (1978) – Memories, Dream, Reflections – Collins Fount Paperbacks, Gra Bretanha (primeira publicação em 1961).

Jung, Carl G (sem data) – cartas colecionadas, volume 8, Bollingen Series XX, traduzidos por RFC Hull, Princetown, NJ, University Press.

Kardec, Allan (1989) – The Spirits Book – Brotherhood of Life Incorporated, Albuquerque, New Mexico (primeira publicação em 1859).

Karger, F e Zacha, G – Psychological Investigation on Psychokinetic Phenomena in Rosenheim, Germany – Décima Primeira Convenção Annual da Associação de Parapsicologia, Freiburg, Alemanha Ocidental, 5-7 de Setembro de 1968.

Kason, Yvonne (1994) – A Father Shore – Harper Collins, Toronto.

Kellerhear, S e Heaven, Patrick (1989) – Community Attitudes to Near Death Experiences: An Australian Study - boletim do Near Death Studies, 7,3,166-172.

Kilner, Walter (1981) - The Human Aura – University Books, Nova Iorque.

Kletti, R e Noyes, R Jr (1981) – Mental States in Mortal Danger – Essence 5,1,5-20

Kubler-Ross, Elisabeth (1983) – On Children and Death – Collier Books, Nova Iorque.

Kubler-Ross, Elisabeth (1991) – On Life After Death – Celestial Arts, Nova Iorque.

Kubler-Ross, Elisabeth (1992) – The Facts on Life After Death – Harvest House, Nova Iorque.

Kubler-Ross, Elisabeth (1995) – Death is of Vital Importance: on Life, Death and Life After Death – Talman Company, Nova Iorque.

Kubler-Ross, Elisabeth (1997) – The Wheel of Life – Transworld Publishers (Bantam), Londres.

Kubris, Pat e Macy, Mark (1995) – Conversations Beyond the Light with Departed Friends and Colleagues by Electronic Means – Griffin Publishing. Disponível na Continuing Life Research, Box 11036, Boulder, Colorado 80301, USA.

Landau, Lucian (1963) – An Unusual Out of the Body Experience – boletim da Sociedade para a Pesquisa Psíquica, 42,126:128.

Lazarus, Richard (1993) – The Case Against Death – Warner Books, Londres.

Liewellyn, Pessoal Editorial da (1991) – The Truth about the Astral Projections – Lewellyn Publications, St Paul, Minnesota.

Locher, Dr. Theo e Harsch-Fischbach, Maggy (1997) – Breakthrough in Technical Spirit Communication – pode ser adquirido através da Continuing Life Research, Box 11036, Boulder, Colorado 80301, por 12,95 Dólares Americanos.

Lodge, Oliver (1916) – Raymond – Cassel & Co., Londres.

Lodge, Oliver (1928) – Why I Believe in Personal Immortality - Cassel & Co., Londres.

Lowental, Uri (1981) – Dying, Regression and the Death Instinct - Psychoanalytic Review 68,3,363-370.

Lundahl, Craig (1981/82) – The Perceived Other World in Mormon Near Death Experiences: A Social and Psychological Description – Omega 12,4,319-327.

MacGregor, Geddes (1978) – Reincarnation in Christianity - Quest Books, Wheaton, Illinois.

McKenzie, Andrew (1971) – Apparitions and Ghosts: A Modern Study – Arthur Baker Ltd, Londres.

MacQuarie, Dominic (1997) – Interview – Psychic News, Nov. p3.

Marris, P (1958) – Widows and Their Families – Routledge and Kegan Paul Ltd, Londres.

Martin, J e Romanowski, P (1989) – We don't Die – Berkley, Nova Iorque.

Meek, George (1973) – From Séance to Science – Ariel Press, Columbia, Ohio, (disponível através de Continuing Life Research, PO Box 11036, Boulder, Colorado 80301 USA)

Meek, George (1987) – After We Die What Then? – Ariel Press, Columbia, Ohio (disponível através da Continuing Life Research)

Mitchell, Dr. Janet Lee (1981) – Out of the Body Experiences: A Handbook – Ballantine Books, Nova Iorque (contém uma excelente bibliografia sobre as Experiências Fora do Corpo).

Monroe, Robert (1971) – Journeys Out of the Body – Doubleday, Nova Iorque.

Moody, R A jr (1975) – Life After Life – Bantam Books, Nova Iorque.

Moody, R A e Paul Perry (1993) – Visionary Encounters with Departed Loved Ones - Ballantine Books, Nova Iorque.

Moorhouse, David (1996) – Psychic Warrior: The True Story of the CIA's Paranormal Espionage Program – Penguin Books, Londres e Nova Iorque.

Morse, Melvin (1992) – Transformed by the Light – Piatkus, Nova Iorque.

Morse, Melvin e Perry, Paul (1993) – Closer to the Light: Learning from the Near Death Experiences of Children - primeira edição 1990, Bantam Books, Nova Iorque.

Morse, Melvin e Perry, Paul (1994) – Parting Visions: An Exploration of Pre-Death Psychic and Spiritual Experiences – Piatkus, Nova Iorque.

Muldoon, Sylvan e Carrington, Hereward (1951) – The Phenomena of Astral Projection – Rider and Company, Londres.

Murphet, Howard (1971) – Sai Baba - Man of Miracles – Samuel

Weiser Inc., York Beach, Maine.

Murphet, Howard (1990) – Beyond Death – The Undiscovered Country – Quest, Londres.

Netherton, Morris e Schiffrin, Namcy (1978) – Past Lives Therapy – William Morrow, Nova Iorque.

Myers, F H (1903) – The Human Personality and its Survival of Bodily Death - re-editado por Pelgrin Trust em associação com Pilgrin Books, em 1992.

Offwood, Donald (1987) – Reincarnation and Christianity: Our Spiritual Heritage - Southern Lights, Auckland.

Ortzen, Tony ed. (1988) – Silver Birch Companion, Psychic Press, Londres.

Ortzen, Tony ed. (1989) – The Seed of Truth: More Teachings from Silver Birch – Psychic Press, Londres.

Ortzen, Tony ed. (1991) – A Voice in the Wilderness: Further Teachings from Silver Birch - Psychic Press, Londres

Ortzen, Tony ed. (1991) – Lift up Your Hearts: Teachings from Silver Birch – Psychic Press, Londres.

Osis, Karlis e Haraldsen, Erlendur (1977) – At the Hour of Death – Hastings House, Nova Iorque,(segunda edição 1986).

Ostrander, Sheila e Schroeder, Lynn (1973) – PSI Psychic Discoveries Behind the Iron Curtain – Sphere Books, Londres.

Ostrander, Sheila e Schroeder, Lynn (1977) – Handbook on PSI Discoveries – Abacus, Sphere Books, Londres.

Palmer, John (1975) – The Influence of Psychological Set on ESP and Out of the Body Experiences – Boletim do ASPR 69:193-213.

Pasricha, Satwant e Stevenson, Ian (1986) – Near Death Experiences in Índia – The Journal of Nervous and Mental Disease, 174,3,165-170.

Pearson, Ron (1990) – Intelligence Beind the Universe – Headquarters Publishing Company, Londres 370 páginas, 520 gramas, 10 libras excluindo portes. Distribuido por Michael Roll, 28 Westerleigh Road, Downmend, Bristol BS166AH.

Pemberton, Alan (1995) – The Science of Eternity – um vídeo de 60 minutos apresentado por Alan Pemberton, contracenendo Ronald Pearson, Michael Roll, Goven e Alf Bryne e Tom Harrison. Podem ser obtidas cópias de The Pemberton Institute, 46 New Moorsite, Westfield, East Essex TN35 4QP por 12.50 libras acrescidos de 1.50 libras por página.

Plato (1973 – The Republic – Penguin, Harmondsworth.

Playfair, Guy (1975) The Flying Cow: Research Into the Paranormal Phenomena In the World's Most Psychic Country – Souvenir Press, Londres.

Playfair, Guy (1980) – This House is Haunted: An Investigation of the Enfield Poltergeist – Souvenir Press, Londres.

Psychic News. Jornal semanal publicado pelo Psychic Press (1995) Limited, Clock Cottage, Stansted Sussex CM24 8UD, Inglaterra.

Psychic Press Ltd (1979) – The Church of England e o Espiritualismo – o Texto Completo do Comitê da Igreja Inglesa, nomeado pelo Arcebispos Lang e Temple para investigar o Espiritualismo –Londres.

Psychic World Publishing Co. Ltd – Psychic World - Jornal mensal,

PO Box 14, Greenford, UB6OUB, London. Fax: 0181-903 1987.

Ramster, Peter (1990) – In Search of Lives Past - Somerset Publishing Sydney PO Box 967 Bowral NSW 2576 – Australia.

Raudive, Constantine (1971) – Breakthrough - Colin Smythe, Londres.

Rawlings, Maurice (1978) – Beyond Death's Door – Thomas Nelson Inc., Nova Iorque.

Rees, W Dewi (1971) – The Hallucinations of Widowhood – British Medical Journal, vol. 4 pp.37-41

Richet, Charles (1927) – Our Sixth Sense – Paris 1927, Londres 1930, reeditado em 1957 por Routledge and Kegan Paul, Londres e Henley.

Rinaldi, Sonia (1996) – Sound Tests Show Spirit Voices are Unique, Nonhuman – in 'Contact', uma publicação da Continuing Life Research #96/03 pp 6-7 (disponível de PO Box 11036, Boulder Co., 80301 USA)

Ring, Kenneth (1980) – Life at Death – Quill, Nova Iorque.

Ring, Kenneth (1984) – Heading Towards Omega – William Morrow and Company Inc, Nova Iorque.

Roberts, Jane (1972) – Seth Speaks – Bantam Books, Toronto, Nova Iorque.

Roberts, Jane (1994) – The Nature of Personal Reality – New World Library, reedição, Nova Iorque.

Roberts, Jane (1997a) – How to Develop your ESP Power The First Published Encounter with Seth – Lifetime Books, reedição, Nova Iorque.

Roberts, Jane (1997b) – Unknown Reality – Volume 1 – Reedição, Amber-Allen, Nova Iorque.

Roll, M (1996a) – The Psychicists and Rationalists Case for Survival after Death of Our Physical Body – livreto, 28 Westerleigh Road, Downend, Bristol BS16 6AH.

Roll, Michael (1996b) – The Scientific Proof of Survival After Death – panfleto de 28 páginas com explicações da vida depois da morte e referência a alguns dos maiores psíquicos do Mundo. Será enviada uma cópia grátis a todos os leitores que enviarem um envelope endereçado e selado para 28 Westerleigh Road, Downend, Bristol BS16 6AH, Inglaterra.

Rogo, D Scott (1974) – An Experience of Phantoms – Taplinger Publishing Co., Nova Iorque.

Rogo D Scott e Bayless, Raymond (1979) – Phone Calls from the Deaths – New English Library, London.

Roy, Professor Archie (1996) – Archives of the Mind – SNU Publications, Stanstead.

Sabom, Michael e Kreutziger, Sarah (1976) – The Experience of Near Death – Death Education 1,2, 195-203.

Sabom, Michael (1980) – Recollection of Death – Harper and Rowe, Nova Iorque.

Schmid, Father L (1976) – When the Dead Speak – editora desconhecida, Zurique.

Schnabel, Jim (1997) – Remote Viewers: The Secret History of America's Psychic Spies – Dell Publishing, Nova Iorque.

Schroter-Kunhardt, M (1990) – Erfahrungen sterbender während des

klinischen todes – Zeitschrift für Allgemeinmedizin 66:1014-21.

Silver Birch: Os seguintes livros foram ditados por um Ser Espiritual que preferiu ser conhecido apenas por Silver Birch. Ao longo de 61 anos ele falou e ensinou através da mediunidade de Maurice Barbanell até à morte de Barbanell em 1981. Muitos dos ensinamentos foram publicados, em primeiro lugar, nas colunas do *Psychic News* de que Barbanell foi editor durante muitos anos. Uma coleção dos ensinamentos foi compilada por Sylvia Barbanell. *Silver Birch Speaks* (1949) por Pam River, *Luz de Silver Birch* (1983) por Stella Storm, *Philosophy of Silver Birch* (1969) e *More Philosophy of Silver Birch* (1979) e, por Tony Ortzen, *A Voice in the Wilderness* (1986), *Silver Birch Companion* (1986), *The Seed of Truth* (1987), *The Spirit Speaks* (1988) e *Lift Up Your Heart* (1990). A maior parte destes são disponíveis através do *Psychic Press Ltd*, 2 Tavistock Chambers, Bloomsbury Way, London WC1A 2SE, Inglaterra.

Smith, Susy (1971) – *Confessions of a Psychic* – New American Library, Nova Iorque.

Society for Psychical Research (UK) 1898 – *Proceedings*, 284-582, Londres.

Spraggett (1975) – *The Case for Immortality* – New American Library of Canada, Scarborough, Ontario.

Spurgin, Nora M (1994) – *Insights into Afterlife – Women's Federation for World Peace*, Nova Iorque.

Stemmen, Roy (1975) – *Spirits and Spirit Worlds* – Aldus Books, Londres.

Stemmen, Roy (ed) (1994 -) - *Reincarnation International* – quinzenário, PO Box 26, London WC2H 9LP, Londres Tel: 071-240.3965 Fax: 071-379.0620.

Stevenson, Dr. Ian (1970) – *The case of Uttar Huddar* – *Boletim do American Society for Psychical Research*, Julho.

Stevenson, Dr. Ian (1974a) – *Xenoglossy* – University Press of Virginia.

Stevenson, Dr. Ian (1974b) – *Twenty Cases Suggestive of Reincarnation* – University Press of Virginia, Charlottesville, segunda edição revista.

Stevenson, Dr. Ian (1977) – *Reincarnation: Field Studies and Theoretical Issues* – *Handbook of Parapsychology* – Benjamin B. Wolman Ed. Van Nostrand Reinhold Co., Nova Iorque, pp631-63.

Stevenson, Dr. Ian (1978) – *Cases of the Reincarnation Type-Volume 3 – Fifteen cases in Thailand, Lebanon and Turkey* – University Press of Virginia, Charlottesville.

Sutherland, Cherie (1992) – *Transformed by the Light* – Bantam Books, Sydney.

Swedenborg, Emanuel (1758) – *Heaven and Hell*- edição revista por Dole Translations, Swedenborg Foundation, Nova Iorque, 1979.

Tabori, Paul e Raphael, Phyllis (1971) – *Beyond the Senses* – Souvenir Press, Londres.

Tabori, Paul (1972) – *Pioneers of the Unseen* - Souvenir Press, Londres.

Thomas, Rev. Charles Drayton (1928) – *Life Beyond Death with Evidence* – W. Collins Sons & Co. Ltd., Londres.

Two Worlds Publishing Company, Revista Espiritualista mensal Two Worlds fundada em 1871 – disponível a partir de 7 The Leather Market, Weston Street, London SE1 3ER.

Tyrrel, G N M (1963) – Apparitions – Collier Books, Nova Iorque.

Van Lommel, William (1995) – Doctor Convinced of Survival by new Study – entrevista, Psychic News, 11 de Março, página 1.

Vasani, J P (sem data) – Life After Death – Gita Publishing House, Poona.

Villencia, Jeff (1988) – Echoes from Eternity – Light Publications, New Brunswick NJ.

Wambach, Helen (1978) – Reliving Past Lives – Hutchinson, Nova Iorque.

Waterman, Adlai E (1963) – Obituary: The ‘Hodgson Report’ on Madame Blavastky – Quest Books, Nova Iorque.

White Eagle: Os seguintes livros foram ditados pelo Ser Espiritual White Eagle através da mediunidade de Grace Cooke. Foram publicados e reeditados muitas vezes pelo The White Eagle Publishing Trust, Liss, Hampshire, Inglaterra. The Gentle Brother, Golden Harvest, Heal Thyself, Jesus: Teacher and Healer, Prayer in the New Age, The Quiet Mind, Spiritual Unfoldment 1,2,3 and 4, The Still Voice, Sunrise, The Way of the Sun, Wisdom from White Eagle.

Whitton, Joel e Fisher, Joe (1987) – Life Between Life – Grafton Books, Londres.

Whiteman, J M H (1961) – The Mystical Life – Faber and Faber, Londres.

Whiteman, J M H (1965) – Evidence of Survival from Other World Experiences – boletim do American Society for Psychical Research 59:160:166.

Wickland, Carl A (1924) – Thirty Years Among the Death – Van Nuys, California: reeditado em 1974 por Newcastle Publishing Co.

Wilson, Colin (1987) – Afterlife – Grafton Books, Londres.

Wilson, Colin (1981) – Poltergeist – New English Library, Londres.

Wilson, Ian (1984) – The After Death Experience – Penguin Harmondsworth, Middlesex, Inglaterra.

Williams, Gary (1989) – A Life Beyond Death – Robert Hale, Londres.

Wolf, Dr. Alan (1996) – The Spiritual Universe: How Quantum Physics Proves the Existence of the Soul – Simon & Schuster, Nova Iorque.

Yram (1974) – Practical Astral Projections - Weiser, Nova Iorque.

Zeitschrift Fuer Parapsychology (1927) – O Médium Mirabelli – O British National Library conserva uma cópia deste livro.

Dados biográficos de Victor Zammit

Victor Zammit, é B.A.(Psych), Grad.Dip. Ed.(UTS), M.A.(Legal Hist), LL.B(UNSW), Ph.D., advogado, Euro-Australiano, Juíz do Supremo Tribunal do Estado da Nova Gales do Sul e do Supremo Tribunal da Austrália (aposentado). Victor Zammit chegou à Austrália, vindo da Europa, em 1957, ainda adolescente.

Originalmente tinha estudado música, tendo mudado para psicologia e depois para direito. Estabeleceu o seu consultório de advogado e ensinou Lei Corporativa.

Prosseguiu, então, extensas actividades extra-curriculares na área do direito libertário e dos direitos humanos, tendo participado em memoráveis debates públicos. Por três vezes debateu com o antigo líder do Partido Conservador e Ministro-sombra da Justiça do estado da Nova Gales do Sul, agora o Meritíssimo Juíz Dowd do Supremo Tribunal, o tópico versando sobre ‘que a Austrália deveria ter uma magna carta’. Em 1974 ele debateu com o então Secretário Nacional do Partido Comunista Australiano, Laurie Aarons, as ‘violações dos direitos humanos na Rússia’. Também participou num debate contra o actual Primeiro Ministro da Austrália, Sua Excelência John Howard, em Mosman, em 1971, sobre ‘a Política Externa da Austrália’. Victor organizou e presidiu a outro encontro público altamente bem sucedido na internacionalmente famosa Capela de Wayside e na Universidade da Nova Gales do Sul para líderes carismáticos, incluindo cinco ex-Primeiros Ministros e outros líderes Ocidentais e Orientais em religião, política e administração. Durante os anos sessenta e setenta, os anos da guerra do Vietname, Victor organizou extensivos encontros a favôr dos direitos humanos e contra o comunismo da ex-URSS. Organizou ainda a única demonstração pró-Americana por alturas da tomada dos reféns Americanos pelo Irão durante 1979-1980.

Por mais de uma década, aos Domingos, Victor ofereceu, voluntariamente, os seus serviços profissionais como coordenador de reuniões, orador e presidente da Capela de Wayside. Embora as suas relações não tenham sido tornadas públicas, intencionalmente, ele trabalhou de perto com o lendário espiritualista radical e líder carismático, o Rev. Ted Noffs e foi influenciado pelos seus ensinamentos sobre a consciência universal e a tolerância a todas as religiões e não religiosos. Basicamente, a nova filosofia da Capela de Wayside era: ‘Eu sou Católico, Protestante, Judeu, Muçulmano, Sikh, Budista, Hindú...Sou parte de todas as religiões presentes, passadas e futuras porque sou um ser humano e nada me é estranho...’. Para além disto, o Wayside colocava especial ênfase na justiça social, fazendo tudo a bem da humanidade e não em nome de nenhuma religião. Victor Zammit tinha dúvidas, inicialmente, do Movimento da Nova Era pela sua ostensiva exploração comercial de pessoas com instintivas tendências básicas para o desenvolvimento espiritual. Contudo, obteve um número de experiências psíquicas e espirituais que o puseram a questionar, ler e pesquisar. Adoptando o critério

científico, Victor Zammit conseguiu seleccionar as informações passíveis de resistir e passar os rigorosos testes de objectividade. Victor Zammit continua a pesquisar e dá palestras públicas sobre a última fronteira para todo o homem, mulher e criança – o pós-vida.